ISSN: 1645-4790

3 fevereiro 2003

missão espiritana

revista das circunscrições espiritanas lusófonas

Fontes espiritanas • A Missão Espiritana hoje • História e Figuras Espiritanas • Espiritualidade • Testemunhos da missão • Biblioteca Espiritana

BV2300
.H65
M5
no. 3
Fev.
2003
Spiritan
Coll.

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ficha Técnica

Título:
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das circunscrições espiritanas lusófonas

Director e Sub-Directores:
P. Eduardo Miranda (Superior Provincial de Portugal);
P. Barnabé Sakulenga (Superior Provincial de Angola);
P. Gilberto van Tel (Superior Provincial de Brasil);
P. Manuel Martins N. Ferreira (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Alice Areias (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

Conselho de Redacção:
Nuno Rodrigues (Cabo Verde); Torres Neiva, Fátima Monteiro, Rosa Braga (Portugal), Jerónimo Cahinga (Angola); Pedro Fernandes (Moçambique); Haroldo Evaristo Alves (Brasil)

Comité de Redacção:
Alfredo Teixeira; António Joaquim Galvão; António Santos Moreira; Fátima Gama; José Manuel Sabença; Mário Faria Silva

Proprietário:
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Direcção, Administração, Assinaturas:
Seminário Torre d' Aguilha
2785-599 S. Domingos de Rana
Tel.: 214 447 530 - Fax: 214 447 539
missaoespiritana@espiritanos.org

Assinatura 2003: Portugal 12€, Outros Países 15€
Edição Avulso: 7€

Design gráfico e capa:
Victor Silva

Composição, paginação e impressão:
Gráfica Povoense, Lda.

ISSN: 1645-4790

Depósito Legal: 181539/02

Tiragem: 750 exs.

BV 2300
.H65
M5
no. 3
Fev. 2003
Spir. Cod.
0213467841

sumário

- Editorial 3

- **Fontes espiritanas:**
  A Missão, dom do Espírito – por GLÓRIA LOPES 5

- **A Missão Espiritana hoje:**
  Confissões de um missionário – dicas e deixas a partir de Moçambique – por PEDRO FERNANDES 21

- **História e Figuras Espiritanas:**

  – 25 anos de vida da Província Espiritana de Angola – testemunho e perspectiva – por BERNARDO BONGO 37

  – Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria (cont.) II parte – por AMADEU GONÇALVES MARTINS 45

  – As Irmãs Missionárias do Espírito Santo – história de uma fundação (cont.) – por JOSEFA MARIA FERNANDES 91

- **Espiritualidade:**
  Com a força do Espírito, ao encontro dos pobres – por JOAQUIM RAMOS SEIXAS 105

- **Testemunhos da missão:**
  Estágio: Aprender a missão com os pobres – por TIAGO BARBOSA 123

- **Biblioteca Espiritana:**

  – Antologia espiritana de Ramos Seixas – um contributo para a renovação do ser espiritano 131

  – Carta de Libermann à Comunidade de Dakar 137

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library

Congregation of the Holy Spirit
USA Eastern Province

editorial

A Congregação do Espírito Santo celebra 300 anos de vida e de missão. No dizer da mensagem do Superior Geral para o Pentecostes 2002, "o ano espiritano é um acto de fé, radicado na experiência de que relendo o nosso passado muitas vezes somos tocados, encorajados e revigorados"[1]. Trata-se de descobrir vários dinamismos profundos cuja força moveu tantos homens e mulheres a uma resposta pertinente e, por vezes, audaciosa às grandes necessidades do seu tempo. E se hoje, ao descobrir-se que essa força se serve até da fragilidade humana e da escassez de recursos para avançar, então não é difícil encontrar a fonte divina donde dimana tal energia e missão: O Espírito Santo.

No ano de 2003, em que a Congregação completa 300 anos sobre a sua fundação por Poullart des Places no dia de Pentecostes de 1703, impunha-se que se percorresse o caminho de Poullart des Places no seu dinamismo profético e missionário de ir ao encontro dos pobres do seu tempo. A reflexão de Joaquim Ramos Seixas ajuda-nos a compreender que tal projecto apostólico, como qualquer outro, hoje ou amanhã, só é verdadeiramente espiritano e com a marca "placiana" (de Poullart des Places) quando o Espírito o conduz e os pobres são, tal como para Jesus, o primeiro destinatário: "O Espírito do Senhor enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres...

É nesta perspectiva carismática e profundamente eclesial que se insere o artigo de Glória Lopes sobre a Missão, enquanto dom do Espírito. A reflexão bíblica sobre o tema vem reforçar a ideia tão querida a Libermann de que a missão, tal como o missionário, só é verdadeiramente obra de Deus se for animada, orientada e inspirada pelo sopro do Espírito de Deus. Libermann não o disse, mas concerteza que sublinharia a ideia de que a missão, ontem como hoje, traz dentro de si um dinamismo de interioridade que lhe aponta a espiritualidade como perspectiva de realização e como critério de fidelidade ao projecto de Jesus Cristo. Esta mesma convicção profunda de que a missão é antes de mais uma experiência espiritual profunda é o que transparece, por um lado das *"confissões de um missionário"* em terra de Moçambique (Pedro Fernandes) e, por outro, da leitura do testemunho e perspectiva de Bernardo Bongo nos *25 anos de vida da Província Espiritana de Angola*. Aqui podemos verificar como a história recente de uma circunscrição espiritana foi tão habitada pela força do

[1] Cf. Mensagem do Superior Geral para o pentecostes 2002 in Revista Missão Espiritana nº 1, p. 115.

Espírito de Deus quanto foram as figuras que deram origem e corpo a novas instituições missionárias. A continuação dos artigos sobre as irmãs missionárias do Espírito Santo (Josefa Maria Fernandes) e sobre a congregação do Espírito Santo até à morte de Libermann (Amadeu Gonçalves Martins) vem mostrar isso mesmo.

A antologia espiritana a que se faz referência na "biblioteca espiritana" deste número da revista não deixa de ser um contributo valioso para a tão desejada renovação do ser espiritano numa fidelidade criativa às intuições e carisma dos fundadores. É o mesmo Espírito que suscita hoje novas vias de interpretação e compreensão do carisma das origens e outras formas capazes de responder criativamente aos desafios que se nos deparam. Aos jovens, mais criativos e sonhadores, cabe a tarefa, tal como a Poullart des Places, o mais jovem dos fundadores religiosos, de se deixar inundar e inspirar pelo Espírito de Deus para que se deixem conduzir aonde o Espírito os envia. O testemunho de um jovem diácono, Tiago Aparício, que viveu o seu estágio missionário em Moçambique quer manifestar a abertura da nossa revista ao que os jovens vivem e reflectem sobre a Missão da Igreja em contexto espiritano.

A vida missionária, diz-nos um dos artigos, *"é um caminho de oração"*. Que este fascículo da nossa Revista Missão Espiritana nos ajude a percorrer este caminho do Espírito porque, na verdade, a missão é interioridade.

José Manuel Sabença

Comité de Redacção

a missão, dom do espírito

Ao reflectir sobre os fundamentos e a legitimidade da Missão Apostólica da Igreja no mundo actual, a autora vai-se dar conta que tal só é possivel sob a moção do Espírito Santo. Não há missão sem o Espírito em acção. Ontem como hoje. Ontem, no início da Igreja apostólica, como força que gera testemunhas, é o que nos procura demonstrar o 1º capítulo tendo por base o livro dos Actos dos Apóstolos. Hoje, na vida das "congregações espiritanas", como Espírito que santifica e envia, é o que nos propõe o 2º capítulo que parte dos escritos de Francisco Libermann, onde Missionários do Espírito Santo e Irmãs Missionárias do Espírito Santo, para além de outras familias religiosas, vão ainda hoje buscar inspiração para a sua vida e missão. A autora fez um estudo aprofundado desta Vida - o Espírito - e deste Dom – a Missão - do qual nos apresenta aqui um resumo cujo interesse é de grande actualidade para todos os que reflectem hoje sobre a Missão, dom do Espírito.

A Igreja dos Actos nasce a partir da Cruz de Cristo Ressuscitado, que sob a acção do Espírito Santo, é uma Igreja nova, aberta, composta de homens apaixonados por Cristo e sua Missão.

Mergulhado no Amor de Jesus Cristo e sob o impulso do Espírito Santo, Libermann acolhe do próprio Jesus a missão de fundar a Congregação votada à evangelização/missão, aberta para todos os homens, para aqueles que nunca ou mal ouviram a mensagem do Evangelho[1].

1. A força que gera testemunhas

No decurso de uma refeição que partilhava com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem lá o Prometido do

* Religiosa das Irmãs Missionárias do Espírito Santo. Licenciada em Teologia pela Faculdade de Teologia em Braga. Missionária em Angola.

[1] "A nossa primeira preocupação orienta-nos para os sectores particularmente desprovidos, para os povos que ainda não ouviram, ou mal ouviram a mensagem de Cristo" (*Nossa Vida Espiritana*, nº 10).

Pai, «do qual – disse Ele – me ouvistes falar. [5]João baptizava em água, mas, dentro de pouco tempo, vós sereis baptizados no Espírito Santo.»

[6]Estavam todos reunidos, quando lhe perguntaram: «Senhor, é agora que vais restaurar o Reino de Israel?»[7] Respondeu-lhes. «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade. [8]Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo.»

[9]Dito isto, elevou-se á vista deles e uma nuvem subtraiu-o a seus olhos. [10]E como estavam com os olhos fixos no céu, para onde Jesus se afastava, surgiram de repente dois homens vestidos de branco, 11que lhes disseram: «Homens da Galileia, por que estais assim a olhar para o céu? Esse Jesus que vos foi arrebatado para o Céu virá da mesma maneira, como agora o vistes partir para o Céu» (Act 1, 4-11).

Inserida na estrutura geral do livro dos Actos dos Apóstolos, esta unidade narrativa é a porta que abre à actividade missionária. Faz parte da primeira secção dos Actos, onde se desenvolve a transição dos acontecimentos da vida terrena de Jesus para o chamado "tempo da Igreja". Este, que começa com a subida de Jesus ao Céu, é um tempo de testemunho público e corajoso, que deve atingir todos os homens[2].

Ao enviar os seus, Jesus comunica-lhes um dom: "Ides receber uma força, a do Espírito Santo" (Act 1, 8). Assim, ungidos pelo Espírito e enviados por Cristo, tornam-se seus representantes e testemunhas. Daí a necessidade de fazerem a experiência de um contacto pessoal com a pessoa que vão testemunhar. É sempre a partir da experiência que se pode dar testemunho (cf. Act 1, 21-22).

A missão não se improvisa, ela é preparada e programada. Jesus prepara os seus, pedindo-lhes que permaneçam na cidade, a fim de serem baptizados e receberem a Força do Alto para o anúncio a todo o mundo. Libermann, imbuído da mesma Força, solicita aos seus missionários que, reunidos em nome de Jesus, vivam a santidade, "única coisa desejável". Daí o convite a que, indo à "adorável fonte," se encham e transbordem para os outros, "até uma multidão inumerável de pessoas".

A missão enraíza-se numa vida espiritual, que alimentada pelo zelo e entusiasmo, faz o missionário feliz

A Missão caracteriza-se por um espírito próprio e exigências específicas, por um dom total e uma disponibilidade sem limites ao Espírito Santo. A missão enraíza-se numa vida espiritual, que alimentada pelo zelo e entusiasmo, faz o missionário feliz[3]. Este, penetrado pela força do Espírito, irradia-a a todos os que se cruzam com ele.

---

[2] Cf. R. FABRIS, *Os Actos dos Apóstolos. Tradução e Comentários*, ed. Loyola, S. Paulo, 1991, p. 47.

[3] A este propósito, diz Paulo VI: "Conservemos o fervor do espírito, portanto; conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! Que isto constitua para nós – como para João Baptista, para Pedro e para Paulo, para os outros Apóstolos e para uma multidão de admiráveis evangelizadores no decurso da história da Igreja – um impulso interior que ninguém nem nada possam extinguir" (*E. N.*, nº 80).

O mandato missionário faz-nos caminhar e convida-nos a percorrer os caminhos da vida com a mesma força com que os discípulos o fizeram. O Espírito Santo que foi derramado no Pentecostes, continua hoje a impelir-nos ao testemunho de Jesus Ressuscitado até aos confins do mundo. Ele é derramado em função de todos os povos e culturas. *"Realmente, não foi senão depois da vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, que os Apóstolos partiram para todas as partes do mundo, a fim de começarem a grande obra da evangelização da Igreja (...). Ele é aquele que, hoje ainda, como nos inícios da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que sozinho não poderia encontrar, ao mesmo tempo que predispõe a alma daqueles que escutam, a fim de a tornar aberta e acolhedora para a boa nova e para o Reino anunciado"*[4].

Foi o Espírito que marcou, transformou os Apóstolos, que, de tímidos e medrosos, se tornam agora testemunhas corajosas, pessoas capacitadas, que arriscam e abrem os caminhos à missão

Foi o Espírito que marcou, transformou os Apóstolos, que, de tímidos e medrosos, se tornam agora testemunhas corajosas, pessoas capacitadas, que arriscam e abrem os caminhos à missão. É a força do Espírito Santo que os impele a partir não fazendo acepção de pessoas. É assim que a Igreja abre as suas portas e torna-se a casa onde todos podem entrar e sentir-se à vontade.

"Assim que chegaram, reuniram a igreja e contaram tudo o que Deus fizera com eles, e como abrira aos pagãos a porta da fé" (Act 14, 27)[5]. É o Espírito quem torna a Igreja missionária e comprometida na expansão do Reino, não havendo fronteiras. Reunir o Povo de Deus em comunidades na escuta da Palavra de Deus, na comunhão fraterna, na oração e na fracção do Pão[6] (cf. Act 2, 42; 4, 32), estas são as grandes prioridades de Lucas. É importante ressaltar três dimensões neste movimento da Igreja, segundo Lucas: a dimensão do Espírito, a dimensão missionária e a dimensão das pequenas comunidades.

A Igreja nascente abre-se ao Espírito Santo para O testemunhar a todos os homens. A abertura ao Espírito é fruto da comunhão neste Amor que brota do Pai, por Jesus e se expande para atingir todos os homens e o homem todo, comunicando-lhes a força da Ressurreição. É pela força do Espírito Santo que a Igreja desempenha a sua missão de unidade e de comunhão. Ele está na origem de toda a actividade dos discípulos, cuja força é proclamada pelo testemunho vivo de cada um. "O Espírito Santo é comparado também a uma força ou potência, *dynamis*, que vem de Deus (1, 8; 10, 38), mas esta não define ainda as modalidades do seu agir histórico.

O efeito específico do Espírito Santo é reconhecido explícita e principalmente na habilitação para o testemunho, franco e corajoso, e para o

---

[4] PAULO VI, *E. N.*, nº 75.

[5] Cf. JOÃO PAULO II, *R. M.*, nº 24

[6] Sobre este assunto, diz o Concílio: "A Igreja é chamada a dar a conhecer o Espírito Santo enviado por Cristo da parte do Pai, que ficou em lugar do Senhor Jesus até ao seu regresso e que continua a realizar no seu interior a mesma obra que já cumpriu em Jesus de Nazaré" (*L. G.*, nº 4). E ainda: "O Espírito Santo é quem unifica na comunhão e no ministério, e enriquece com diversos dons hierárquicos e carismáticos toda a Igreja através dos tempos" (*A. G.*, nº 4).

anúncio evangélico. O Espírito Santo que desce no Pentecostes sobre os que estão reunidos em Jerusalém, transforma-os numa comunidade "profética", isto é, habilita-os e autoriza-os ao anúncio da salvação que tem em Jesus ressuscitado a sua fonte. É o grupo dos "Doze", isto é, o núcleo histórico qualificado da comunidade cristã, que dá testemunho de Jesus ressuscitado, conforme a promessa programática de Jesus (1, 8; cf. 2, 32; 4, 35)"[7]. Toda a missão atravessa a ponte da universalidade sem medo, porque a força do Alto faz de homens amedrontados, homens novos, seduzidos pelo Amor, congregados e transformados pelo Espírito que dá vida.

"A experiência do Pentecostes foi renovada várias vezes: no momento da primeira grande perseguição (Act 4, 23-31), no momento da abertura da Igreja para a Samaria (Act 8, 14-17), no momento da abertura da Igreja para os pagãos (Act 10, 44- 47), no momento do início da missão de Paulo (Act 13, 2).

Os tempos do Espírito não são de fruição, descanso, inactividade, mas de luta, trabalho, cansaço no meio da alegria

O Espírito está presente desde o início do Reino de Deus e é a força da missão. Pois a missão pertence aos últimos tempos. Os tempos do Espírito não são de fruição, descanso, inactividade, mas de luta, trabalho, cansaço no meio da alegria"[8].

O Espírito Santo é quem toma a iniciativa e escolhe directamente o grupo missionário, com a intervenção da Igreja (cf. Act 13, 1-49) e é pelo testemunho, como sugere Jesus aos seus: "ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas *testemunhas* em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo" (Act 1, 8).

O Espírito dado por Jesus é aquela força catalisadora dos tempos messiânicos, que penetra o coração de todos os crentes e se torna princípio interior de conhecimento e de sabedoria. É Ele, sem dúvida, o principal Protagonista da Missão. É o Espírito Santo que age em nós e nos mostra a excelência e a urgência do compromisso missionário, ilumina-nos e faz de nós continuadores da obra dos Apóstolos.

Os Actos espelham a comunidade nascente, sob o impulso do Espírito Santo, a partir de Cristo Ressuscitado que a envia a todo o mundo, abrindo-se gradualmente a todos os povos: "Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo" (1, 8). Tal anúncio exprime o plano e a estrutura do livro[9].

O Pentecostes, em Jerusalém, faz nascer um novo povo de Deus – a Igreja aberta a todas as nações (cf. Act 2, 5). É também pela acção do Espírito que este povo é animado interiormente (cf. Act 4, 31). O Pentecostes é força missionária.

O Espírito Santo, libertado por Cristo, pelo dom total da sua vida na

---

[7] R. FABRIS, *o. c.*, p. 81.

[8] J. TAYLOR, *Actos dos Apóstolos*, in AA. VV., *Comentário Bíblico Internacional*, ed. Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 1373.1

[9] Cf. J. TAYLOR, *o. c.*, p. 1373.

morte/ressurreição, inunda com um dinamismo novo todo o universo, transformando-o e vivificando-o. Tal transformação acontece de maneira ordenada, segundo a lógica própria no mundo criado por Deus. Assim, o Espírito Santo torna presentes os seus frutos, em primeiro na ressurreição de Cristo, que é o Primogénito de muitos irmãos, e mais tarde, na transformação do pequeno grupo dos Doze em testemunhas de Jesus em Jerusalém, Judeia, Samaria e até aos confins do mundo.

A acção do Espírito que faz nascer de novo é descrita como uma gestação. A própria Ressurreição, prefigurada pelo Baptismo de Cristo, é um novo nascimento, graças à acção directa do Espírito Santo (cf. Rm 8, 29; Cl 1, 15; Ap 1, 5).

O segredo da evangelização/missão foi e é sempre o mesmo: a acção do Espírito Santo que move, renova, congrega, envia, e unge; sem Ele ninguém proclama: o espírito do Senhor Deus está sobre mim, consagra-me, envia-me para proclamar (cf. Is 61, 1-2; Lc 4, 18-19).

O Espírito Santo é a promessa do Pai e é com a sua força que os Apóstolos darão testemunho de Jesus: "Somos testemunhas destas coisas com o Espírito Santo" (Act 5, 32); "o Espírito Santo e nós" (Act 15, 28). Este dinamismo brota essencialmente da força do Alto, prometida pelo próprio Jesus (cf. Lc 24, 49; Act 1, 8). Os Apóstolos acolhem a acção do Espírito e recordam-nos que o acolhimento se reveste de um dinamismo operante em comunhão, em abertura, em certeza do dom de Deus, que está para além de toda e qualquer barreira.

O testemunho da Palavra é uma das tarefas da Igreja. *"Para Lucas, o que constitui a Igreja é a sua missão, o movimento que a impele através dos lugares e da história a assumir a sua função de testemunho. Para os Actos, a história da Igreja é a história da sua missão e, no mais íntimo da Igreja, é o impulso do Espírito que faz crescer a Palavra"*.

A Igreja é animada pela Palavra que vive nela e a impele para a frente. Encontra a sua coesão e identidade neste Verbo – Palavra – e neste contínuo recomeçar. De tal maneira que, para Lucas, o que faz a Igreja é a sua Missão, o movimento que a conduz através dos lugares e da história a assumir a sua função de testemunha, que faz acreditar na Palavra. A Igreja evangeliza, como sabemos, não só por palavras, ou pela Palavra, mas também com gestos, pelo culto, pela caridade. Há reciprocidade entre Igreja e Palavra"[10].

A Igreja evangeliza, como sabemos, não só por palavras, ou pela Palavra, mas também com gestos, pelo culto, pela caridade. Há reciprocidade entre Igreja e Palavra

O crescimento da Igreja parte da Palavra impulsionada pela força do Espírito Santo que acompanha todos os anunciadores na construção do Reino. Como diz João Paulo II, *"o Espírito Santo é, também na nossa época, o agente principal da nova evangelização. Será, por isso, importante redescobrir o Espírito como Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história e prepara a sua plena manifestação em Jesus Cristo, animando os homens no mais íntimo deles mesmos e fazendo germinar dentro da existência humana os gérmens da Salvação definitiva que acontecerá no fim dos tempos"*[11].

[10] L. LEGRAND, *Le Dieu Qui vient. La mission dans la Bíblie*, ed. Desclée, Paris, 1988, p.

[11] JOÃO PAULO II, *Tertio Millenio Adveniente*, nº 45.

A missão reclama novas testemunhas. Aos Doze compete garantir a missão de Jesus e a sua palavra permanece para sempre como mensagem d'Ele, pois eles agem no seguimento de Jesus. A acção do dom abrange todas as línguas, nações e raças. Ele permanece para além de todas as barreiras, situações e inteligências. Ele é voz suave que no interior de cada um actua; é vida e faz comunhão. Ele é o Protagonista da missão e da vocação, a presença discreta, delicada e o motor da nossa acção. O Espírito é o dom[12] por excelência do Pai a todos os homens.

A missão é um pôr-se a caminho, um ser testemunho de Jesus. Temos de ter presente que o testemunho é dom do Espírito, que se nos exige em cada momento. É dom porque não é fruto nosso, pois o recebemos: "ides *receber* uma força, a do Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas" (Act 1, 8).

2. O Espírito santifica e envia

Sede um como Jesus é Um com o Pai. Convencei-vos, porém, que para terdes esta unidade perfeita, é absolutamente necessário que um só e mesmo espírito vos anime, isto é, o espírito de Jesus. Enquanto este divino Espírito não for o vosso único Senhor e móvel haverá multiplicidade de desejos, de vontades, de afeições, de ideias. Mas se o Espírito Santo for o vosso único móvel e a vossa única vida, vivereis infalivelmente na mais santa e na mais perfeita união, e esta união levará à perfeição a vossa santificação - única coisa desejável"[13].

O nosso Bom Mestre disse de maneira admirável: se alguém tem sede, venha a Mim e beba, do seu seio fluirão rios de água viva. Se temos sede, não é nos livros que devemos procurar saciar-nos. Antes, havemos de ir à nossa adorável fonte. Esta em breve nos encherá. E de tal modo nos fará superabundar que sairão de nós rios para inundar até uma multidão inumerável de pessoas. Não somos nós que as irrigaremos e encheremos, mas Aquele que nos encherá e viverá em nós em plenitude. Não. Não somos nós que as encheremos. É que não teremos nada mais em nós, pois que o Espírito de Jesus de tal modo nos encherá que transbordará de nós e de nós fluirá como rios de água viva[14].

No pensar de Libermann é o Espírito quem santifica e envia: "*Deus deu-nos o seu Espírito para ser a vida da nossa vida (...). Se queremos segui-l'O e caminhar guiados por Ele, devemos estar atentos às suas inspirações, ter o nosso olhar sempre voltado para Ele, praticar o silêncio interior, isto é, de todas as nossas paixões e de todas as faculdades da nossa alma, evitar a excessiva acção interior, a pressa e a actividade, moderar todos os movimentos violentos, mesmo os que têm por objecto coisas boas, não querer conhecer outra sabedoria nem outra prudência que a que nos vem do Espírito Santo. E, com esta disposição esperar d'Ele tudo o que for do seu agrado mostrar-nos e fazer executar, mantendo-nos sempre prontos a segui-l'O, sem jamais O preceder*"[15].

---

[12] Acerca do dom do Espírito Santo, cf. A. COUTO, O *Espírito Santo Protagonista da Missão nos Actos*, *in Igreja e Missão*, nº 179 (1998), pp. 373-392.

[13] LIBERMANN, Lettres Spirituelles (L.S.) , I, Paris, pp.442-443.

[14] IDEM, pp. 350-351.

[15] LIBERMANN, *Notes et Documents (N. D.)*, X, Roma, 1848, pp. 512-513.

Libermann exalta a grandeza e a beleza desta vida no Espírito Santo que desabrocha em amor a Deus e aos irmãos. *"Quando o Espírito Santo age em nós, a nossa alma está ardente e, no meio deste fogo, ela é transportada, unida a Deus, sem perturbação, sem inquietação, sem agitação, sem irritação, com uma certa humilhação de nós mesmos, não só diante de Deus, mas também no nosso próprio interior e diante de todas as criaturas. Como somos felizes quando estamos sob a acção do Espírito Divino, em completa dependência do Espírito de amor de Jesus.*

Tudo se torna amor em nós; todas as nossas acções, mesmo os mais leves movimentos da nossa alma, e, com mais forte razão, os seus movimentos e as suas acções íntimas, tudo é amor: amor para com Deus, diante de quem estamos continuamente prostrados e aniquilados; amor para com os irmãos, sem azedume, sem julgar quem quer que seja. O Espírito Divino age de maneira uniforme; a sua acção é forte, mas suave, unida e sem agitação alguma. Além disso, ela tende à união com Nosso Senhor"[16].

Para compreender a missão em Libermann, é necessário ter presente a sua disponibilidade interior, a sua docilidade à acção do Espírito Santo. Viver a docilidade ao Espírito é caminhar à luz do Espírito, viver no Amor, caminhar na santidade.

Libermann tem um método apostólico claro. Escreve ele a um seminarista: *"Jesus deixou-lhe o seu Espírito Santo para o dirigir e conduzir nesta via celeste. É este Espírito Divino que muda a sua alma e a dirige por este caminho.*

Seja dócil, seja mais cheio de Deus e permitirá ao seu amor agir em si e irradiá-Lo à sua volta; transmiti-Lo antes aos que o rodeiam, aos que Deus lhe confia, e, depois, a todos aqueles que, em Cristo, a sua Redenção quer invisivelmente atingir através de si. Assim agiremos pelo seu Santíssimo Nome e para a maior glória de Deus"[17].

Libermann nunca se instalou, mas, em total disponibilidade ao Espírito Santo, confiou e entregou-se. Ao falar de missão, centra toda a sua reflexão na acção do Espírito Santo a que chama "fonte adorável". *"Pelo Espírito, somos continuamente transformados. As nossas disposições tornam-se as de Jesus voltado para o Seu Pai e constantemente dado aos homens"*[18].

É preciso verdadeiramente esperar a hora de Deus, aceitar deixar-se conduzir pelo Mestre interior, o Espírito Santo, e sobretudo não ir mais longe do que a graça nos impulsiona, aceitar o ritmo de Deus cujos caminhos não são os nossos.

Libermann incentiva continuamente os seus missionários a viverem na confiança: *"Confie-se à conduta do Espírito Santo e não procure saber o que deve fazer. Deve unir-se com Deus mais pelo coração que pelo espírito.*

Contente-se com saber que Ele sabe como conduzi-lo; a única coisa que o senhor tem de fazer é seguir sempre as suas impressões divinas"[19].

---

[16] IDEM, *L. S.*, p. 599.

[17] *Ibid.*, p. 491.

[18] O texto aqui citado pode ler-se em *N. V. E.*, nº 29.

[19] LIBERMANN, *N. D.*, XII, pp. 73-74.

Homem da confiança e do concreto, consciente da sua fragilidade humana e abandonado à acção do Espírito, Libermann declara: *"o anúncio explícito do Evangelho nem sempre é possível de imediato. Os missionários vivem então, na esperança, o tempo do grão caído na terra"*[20].

A experiência de fé de Libermann e a sua visão universal de salvação fazem dele um verdadeiro missionário, sem nunca ter pisado o "solo negro"

A experiência de fé de Libermann e a sua visão universal de salvação fazem dele um verdadeiro missionário, sem nunca ter pisado o "solo negro". Como ele próprio afirma: *"Os missionários não devem ser os homens de tal ou tal país, mas devem ser, antes de mais, membros da Igreja, em seguida, membros da Congregação, à qual estão unidos de toda a afeição da sua alma e, nesta Congregação, gastam-se pela salvação das almas do país onde se encontram, enquanto aí estiverem pela vontade de Deus. Quero qualquer coisa de sólido, fervoroso e apostólico, ou tudo ou nada"*[21].

Libermann convida-nos essencialmente a viver a unidade como base que leva à perfeição e santificação. Sublinha que a unidade, a *perfeição e santificação* são possíveis na medida em que o Espírito Santo é o *único Senhor e móvel* de nossas vidas. Se o não for, haverá multiplicidade de desejos, de vontades, de afeições e ideias.

Somos ainda desafiados a irmos à *adorável fonte* que nos encherá e nos fará superabundar para inundar até uma multidão inumerável de pessoas, de preferência os mais pobres. A vida de todos os membros é vivificada pela força do Espírito Santo, que gera a unidade e a santidade e que Libermann chama exercício de perfeição e de união em Jesus, como Ele com o Pai.

A santidade é, segundo Libermann, uma exigência constante, única coisa desejável para cada membro da comunidade, ela é a base sólida. Em Libermann, os caminhos da santidade direccionam-se no sentido apostólico. Fazem surgir seguidores marcados para a missão, mas toda a iniciativa parte e pertence a Deus e em cada acontecimento se percebe o espaço onde a acção de Deus acontece. A santidade do enviado não se circunscreve só a si próprio, mas irradia-se a todos aqueles a quem é enviado.

Para o aperfeiçoamento da vida Apostólica que é o seu fim, para a estabilidade e a expansão das obras que são o seu objectivo e para a santificação dos seus membros, a Congregação adoptou por regra fundamental a vida comum

A vida comunitária enraizada em Jesus deve levar os seus confrades à plenitude de unidade. Mas para isso é necessário que um só e mesmo Espírito anime todos os membros. *"Para o aperfeiçoamento da vida Apostólica que é o seu fim, para a estabilidade e a expansão das obras que são o seu objectivo e para a santificação dos seus membros, a Congregação adoptou por regra fundamental a vida comum"*[22].

Isto mostra bem a importância da comunidade real concreta. Não é uma comunidade de caricatura. Consciente da realidade humana, Libermann, homem de Deus que sempre procurou viver a partir do concreto, fala claramente aos seus da responsabilidade de se deixarem mover pelo Espírito Santo. *"Seria necessário chegar a não pensar, sentir, apreciar, agir, a não consentir nenhum impulso interior que não venha do Espírito Santo"*[23].

---

[20] *N. V. E.*, nº 11.

[21] *LIBERMANN, N. D.*, pp. 662.

[22] LIBERMANN, *Regle Spiritane (R. S.)*, p. 59. Cf. N. V. E., p. 25.

[23] IDEM, *Écrits Spirituels (S. E.)*, I, p. 85.

Só na medida em que o Espírito Santo encher cada membro em comunidade, se vive em liberdade, se faz comunhão e se santificam os membros.

A iniciativa de Jesus não é, em Libermann, apenas iluminação de O ver, de O contemplar e de O seguir, mas vai bem mais longe, transforma radicalmente a sua própria vida, chamando-o e enviando-o em missão fundacional da "obra dos negros" *"Desejo que saibais que o meu coração vos pertence; que é dos africanos, inteiramente dos africanos"*[24].

A intuição de Libermann de viver em comunidades fraternas é fundamental em vista da missão. Não nos reunimos por causa de simpatias, mas somos convidados à identificação com Jesus, que passou fazendo o bem e não fazia acepção de pessoas. A comunidade é essencial à santificação. Por isso, Libermann afirma: *"Como verdadeiros homens de comunidade, deveis cuidar da vossa santificação e da dos vossos irmãos. Deveis ser homens interiores, homens de oração"*[25].

"Mas se o Espírito Santo for o vosso único móvel e a vossa única vida, vivereis infalivelmente na mais santa e na mais perfeita união"[26].

Para compreender o pensamento de Libermann neste âmbito de fé, é necessário ter presente a sua conversão, assim como a iniciativa de Deus sobre sua vida. Há que recordar que Libermann era um verdadeiro judeu[27] com uma espiritualidade muito própria, que o ajudava a centrar-se na transcendência de Deus Criador e na proximidade do Deus Salvador. **"Deus é tudo, o homem é nada".**

Apoiados na força do Alto os missionários são sinais da comunhão, da docilidade, do abandono ao Espírito Santo. Viver em comunidade, à luz da Fé, é viver consciente de que a vida em comum se funda em Deus, que dá o Seu Espírito Santo e que em Jesus escolhe e congrega os missionários para a realização da missão.

O verdadeiro abandono ao Espírito Santo acontece, segundo Libermann, no coração do homem. No mar da nossa vida, somos convidados a mergulhar bem mais fundo, a deixar a superficialidade e a caminhar na profundidade do coração. Só assim vivemos ao ritmo do Espírito Santo, *"que é a adorável fonte. Esta em breve nos encherá. E de tal modo nos fará superabundar que sairão de nós rios para inundar até uma multidão inumerável de pessoas"*[28].

Os missionários de Libermann são chamados a deixarem Cristo viver neles, a deixarem-se encher do Espírito, "fonte adorável" e, como conse-

Só na medida em que o Espírito Santo encher cada membro em comunidade, se vive em liberdade, se faz comunhão e se santificam os membros

---

[24] *Ibid.*, p. 25.

[25] cf. *L. S.*, IV, p. 457.

[26] *Ibidem*, pp. 442-443

[27] Veja-se as semelhanças entre Paulo e Libermann: ambos eram judeus, a conversão a Cristo, fez deles missionários. Paulo de perseguidor passa a missionário/evangelizador "ai de mim se não evangelizar". Libermann fundador duma congregação prepara missionários para partirem.
Saliente-se ainda, as divergências, Paulo faz três viagens missionárias, preparando e fundando pequenas comunidades, é missionário saindo. Libermann, embora nunca tenha saído de França prepara os seus missionários em vista do envio, da missão.

[28] *L. S.*, I, p. 350-351

quência, a transbordarem para os outros. "*Não somos nós que as (pessoas) irrigaremos e encheremos, mas Aquele que nos encherá e viverá em nós em plenitude*"[29].

Na perspectiva de Libermann, a Missão enraíza-se na vida, por isso o missionário não se distingue pelo que diz, mas por aquilo que é e vive

Na perspectiva de Libermann, a Missão enraíza-se na vida, por isso o missionário não se distingue pelo que diz, mas por aquilo que é e vive. Não deve ter pressa, pois nas obras de Deus, é Ele quem sempre age em nós[30].

Ao encarnar, Jesus traz a missão de ser plena irradiação do Espírito Santo. Não podemos ter parte activa na Sua obra, senão pela nossa vida de santidade. Ao faltar, ao negligenciar a perfeição, na perspectiva Libermaniana, negamos a missão que por Ele nos é confiada, uma vida de santidade e de ternura, dois aspectos, aliás, muito queridos ao coração de Libermann porque enraizados na tradição judaica. Ele exprime-os de modo admirável, afirmando que para todos os apóstolos o centro da missão está no testemunho e na santidade de Jesus.

Jesus ao ser enviado por Seu Pai para salvar os homens, não veio procurar a Sua glória, não veio para julgar e condenar, nem para fazer a sua vontade. "*A sua missão era uma missão de misericórdia e de santidade. E toda a sua vida humana era também uma vida de misericórdia e de santidade, e isto por duas razões: Ele devia tornar presentes no meio dos homens a misericórdia e a santidade do Pai, e devia santificar os homens mostrando-lhes a santidade e a misericórdia*"[31].

Ao sermos enviados em seu nome somo-lo como Ele. "*Enviado por seu Pai celeste no espírito de santidade e de misericórdia, não vive senão por Ele e n'Ele para as almas que veio salvar*"[32]. Para tal, diz-nos ainda Libermann: "*O missionário deve ser homem de oração, união prática, contemplação e pleno do Espírito; pois por si o homem é incapaz de realizar a missão e, se vive centrado em si, trabalhando em função de si, é um pobre e miserável*"[33].

À guisa de conclusão

Ser enviado por Jesus implica ser enviado para servir e não para ser servido. A missão é irradiação do Amor de Deus, é irradiação do Espírito Santo. Os Actos dos Apóstolos dão testemunho da missão que a Igreja nascente tinha de viver e de realizar pelo poder do Espírito Santo.

É verdade que o Espírito é o máximo agente da missão, daí o nosso dever de agir com todo o empenho e conscientes de que é Ele quem realiza a salvação.

A Missão começa com a presença da força do alto. "Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós" (Act 1, 8). Em Liber-

---

[29] Ibidem.

[30] "Não vos apoieis em vós mesmos, deixai agir o Senhor da vossa vida. Não se deve ter pressa nas obras de Deus, mas deixar Deus agir em nós" (*N. D.*, I, pp. 638-640).

[31] IDEM, *E. S.*, p. 377; cf. *C. S. J.*, p. 134. A afirmação de Libermann remete-nos para Jo 17, 18 "Assim como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo".

[32] LIBERMANN, *E. S.*, p. 377.

[33] IDEM, *L. S.*, p. 278.

mann, a Missão[34] é irradiação do Espírito, que ele chama de "Fonte adorável". Só o Espírito Santo nos encherá, nos saciará e nos fará superabundar para os outros.

Jesus diz: "sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo" (Act 1, 8).

De facto, a Igreja nasce pela força do Espírito e, enviada ao mundo por Cristo, continua viva pela acção do Espírito Santo, na pessoa dos anunciadores que continuam o mandato do Senhor Jesus: "Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura" (Mc 16, 15).

Jesus Cristo afirma a seu respeito: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor" (Lc 4, 18-19). Libermann exprime-se assim: "Jesus Cristo envia-nos como Ele foi enviado. A nossa missão é a sua. É Jesus que vive nos seus enviados, que atrai as almas a Deus, seu Pai, e lhes comunica as suas graças pelos seus enviados"[35].

Jesus Cristo envia-nos como Ele foi enviado. A nossa missão é a sua. É Jesus que vive nos seus enviados, que atrai as almas a Deus, seu Pai, e lhes comunica as suas graças pelos seus enviados

A missão em seguimento de Cristo, segundo Libermann, é apelo a uma identidade permanente com Cristo. O missionário é enviado e chamado a inculturar-se, a ir junto dos pobres, a dar a vida[36] e, como tal precisa de viver a santidade, única coisa que lhe é necessária. Libermann afirma que, cheios do Espírito Santo, "*inundaremos uma inumerável multidão de pessoas*"[37]. De nós transborda o Espírito para os outros. Assim nos tornamos canais, que em Jesus, pelo seu Espírito, se enchem em função do outro.

---

[34] Ao dar uma alma missionária a Libermann, Deus não lhe pediu para ser missionário como Paulo, Francisco Xavier ou como Teresa do Menino Jesus, mas inspirou-lhe uma teologia missionária que fez deste judeu convertido, o 'doutor das missões' um século antes das grandes Encíclicas "Rerum Ecclesiae" (1926), "Evagelii Praecones" (1951), "Fidei Donum" (1957). Fundador duma Congregação missionária, animou os seus confrades com uma espiritualidade e um sopro apostólico, redigiu regras, que só podem vir duma força divina e que são também fruto da sua própria experiência.

[35] LIBERMANN, *E. S.*, p. 374.

[36] Ao falar da missão no meio dos mais pobres, da necessidade de inculturação, Libermann exprime-se não a partir dos livros, mas sim da sua experiência pessoal de judeu, que viveu no "*getho em Saverne*".

Ao longo da vida, esta experiência acompanha-o, quer na familia, quer no Seminário, quando é despedido por causa da doença da epilepsia, que era considerada uma humilhação... Foi, sem dúvida, a partir desta realidade que ele compreendeu a situação dos pobres, dos mais abandonados da Igreja de Deus.

E assim escreveu: "Os membros da Congregação dedicar-se-ão completamente a anunciar o Santo Evangelho e a estabelecer o seu reino entre as almas mais pobres e mais abandonadas na Igreja de Deus" (*N. D.*, p. 241). Diz ainda Libermann: "Estamos nas últimas fileiras dos servos de Deus, Deus dá-nos o que ninguém quer. Estou convencido que a divina providência nos confia estas missões tão difíceis e perigosas. Sempre acreditei que Nosso Senhor nos deu a pior porção, o mais difícil de desbravar, o mais penoso e o mais perigoso. Não somos senão farrapeiros na Igreja" (*L. S.*, p. 144).

[37] *L. S.*, p. 443.

"O Espírito Santo impele-nos a cooperar na salvação do mundo. Ele próprio é o nosso espírito missionário.

Espírito de força que nos torna testemunhas de Cristo Ressuscitado,

Espírito de Amor que congrega todos os homens,

Espírito de 'vigor e de audácia apostólica para tudo empreender',

Espírito de fidelidade total e definitiva à missão recebida,

Espírito de fraternidade universal aberta à diversidade das nações,

Espírito de gratuidade que outra coisa não deseja senão o bem do homem e a glória de Deus,

Espírito do Deus vivo que nos enche de alegria, sinal do Reino que anunciamos"[38].

A missão/evangelização exige que se permaneça com aqueles a quem se é enviado, que se partilhe a vida, a alegria, a esperança e a tristeza

A missão/evangelização exige que se permaneça com aqueles a quem se é enviado, que se partilhe a vida, a alegria, a esperança e a tristeza. Isto requer que se aprenda a conhecer a sua vida, que se manifeste interesse por eles, que se lhes consagre tempo, e ajude a discernir as suas interrogações com o testemunho vivêncial. Esta é uma atitude global que exige um compromisso em profundidade.

Libermann lembra aos missionários que tal atitude deve comportar paciência e humildade: *"Não julgueis à primeira vista, não julgueis segundo o que vistes na Europa. Despojai-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito; fazei-vos negros com os negros, e julgá-los-eis como devem ser julgados.*

Fazei-vos negros com os negros para os formar como o devem ser, não à maneira da Europa, mas deixai-lhes o que lhes é próprio; fazei-lhes a eles como os servos fazem ao seu senhor, aos usos, ao género e aos hábitos dos seus mestres, e isto para os aperfeiçoar, santificar e fazendo-os pouco a pouco, com o tempo, um povo de Deus. É o que S. Paulo chama fazer-se tudo para todos a fim de os ganhar para Cristo"[39].

Na linha de pensamento de Libermann, evangelizar significa dedicar-se com todas as forças ao serviço do Evangelho. A sua intuição missionária visa a necessidade de assumir cada uma das culturas, porque, a não acontecer, a evangelização não tem alicerces. Seria uma evangelização superficial. Todo o missionário é interpelado a viver directamente da fonte, cuja marca é a santidade, elemento essencial para a evangelização.

"O nosso zelo deve brotar duma verdadeira santidade de vida. O mundo exige evangelizadores que lhe falem de um Deus que conhecem e com quem convivem"[40].

Não é tarefa fácil, a missão continua a ser difícil e complexa, como no passado, e requer igualmente a coragem e a luz do Espírito. "Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há-de guiar-vos para a verdade completa" (Jo 16, 13). É no contexto do dom do Espírito que se alcança o significado da partida de Jesus para o Pai: "Contudo, digo-vos a verdade, é melhor para vós que Eu vá, pois, se Eu não for, o Paráclito não virá a vós; mas, se Eu for, Eu vo-lo enviarei" (Jo 16, 7).

---

[38] *N. V. E.*, nº 7.

[39] LIBERMANN, *N. D.*, I, p. 90.

[40] PAULO VI, *E. N.*, nº 76.

Toda a missão se descobre num movimento para o interior, o que requer uma viagem ao íntimo do coração. Só aí se escuta o Espírito e se acolhe a missão. A disposição interior para empreender a missão sem fronteiras deve ter a marca da disponibilidade interior, pois a missão é obra do Amor (cf. Jo 3, 16). O missionário deve ser um contemplativo na acção. Deve encontrar as respostas para os problemas à luz da Palavra de Deus[41].

Desde os tempos primitivos, o homem busca sem cessar a fonte da sua identidade, onde poderá saciar todas as suas sedes. Ao descobrir a nascente que se encontra em si mesmo, ele vai deixando cair "outras fontes". É preciso "nascer da água e do Espírito" (Jo 3, 5), que fazem de cada Apóstolo um agente novo, um missionário apaixonado pela intimidade, um confidente de Deus, fonte da missão. Todo o missionário é interpelado a viver directamente da fonte, cuja marca é a santidade, elemento essencial para a Evangelização.

Toda a iniciativa missionária parte do próprio Deus Trindade que fez e faz cada apóstolo do passado e do presente viver neste dinamismo de comunhão e identificação com o Pai. *"Exortamos todos e cada um dos Evangelizadores a invocar constantemente com Fé e fervor o Espírito Santo e a deixar-se guiar por Ele inspirador decisivo dos seus programas das suas iniciativas, da actividade evangélica"*[42].

Para Libermann, a santidade e o zelo são essenciais à vida apostólica: *"O nosso zelo deve ser constante e perseverante no meio dos sofrimentos, das fadigas, das privações, contra todos os obstáculos e todas as resistências dos homens de hoje. O santo amor de que devemos estar abrasados, enchendo-nos de desejos imensos de glorificar a Deus, deverá comunicar-nos um zelo vivo e ardente que nos fará abraçar vigorosamente os meios que Nosso Senhor nos porá entre mãos para ganhar e santificar as almas"*[43]. Na intuição de Libermann, os missionários devem agir não só com a força do seu próprio carácter, mas também e sobretudo com a graça do Espírito Santo, que devem haurir na união íntima com Jesus; devem viver em grande docilidade ao Espírito Santo e sob a protecção do Imaculado Coração de Maria, irradiando Jesus, o Missionário do Pai.

"Permanecendo atentos ao Espírito que habita nos nossos corações, encontramos o Senhor em tudo o que constitui a trama da nossa vida. O essencial é viver ao longo do dia na união prática com Deus, não somente no cumprimento dos seus santos deveres, mas ainda no exercício de uma suave e pacífica vigilância sobre si mesmo, e agir em tudo em conformidade com o bel-prazer de Deus, por um espírito de fé e de amor"[44].

Imbuídos do Espírito de Jesus que, percorrendo cidades e aldeias, passou fazendo o bem, os missionários agarram a missão sem desfalecer, apoiados

[41] Cf. *Ibid.*, nº 91.
[42] PAULO VI, *E. N.*, nº 75.
[43] Cf. *N. V. E.*, nº 9.
[44] LIBERMANN, *N. D.*, XIII, p. 699. Cf. *N. V. E.*, nº 36.

na certeza da Ressurreição e na "força do Alto", testemunham Cristo, Aquele que veio "procurar e salvar o que estava perdido" (Lc 19,20).

"O chamamento à missão deriva por natureza da vocação à santidade. Todo o missionário só o é autenticamente se empenhar no caminho da santidade. A universal vocação à santidade está estritamente ligada à universal vocação à missão, à comunhão"[45]. A missão é a irradiação do amor, da docilidade, da comunhão entre os irmãos, de preferência entre os mais frágeis da sociedade.

Libermann entrou no coração do mistério de sabedoria e de amor de que S. Paulo fala em termos novos, e que o Concílio Vaticano II recordou como fonte da vida da Igreja. O pobre judeu convertido foi um audacioso, um precursor, não somente no plano da evangelização missionária, mas também no plano da espiritualidade. *"Só o Espírito de Deus é o verdadeiro Mestre interior, sem o qual, toda a direcção espiritual, qualquer método de oração, estão destinados ao fracasso"*[46].

Hoje, a Igreja é chamada a outros desafios, caminhando para novas fronteiras, não escolhendo, mas acolhendo, tanto a primeira missão como a nova evangelização dos povos que já receberam o anúncio de Jesus[47]. A missão compreende-se no horizonte da comunhão trinitária, de um Deus que se dá interior e exteriormente, ou seja um Deus Trino. Por isso, a missão deriva, por natureza, do apelo à santidade, que nos é oferecida pelo próprio Deus Amor. Assim se exprime João Paulo II: *"É preciso suscitar novo ardor de santidade entre os missionários e em toda a comunidade cristã"*[48].

Hoje, mais do que nunca, é solicitado ao missionário disponibilidade, abertura e universalidade. Ele é caminho e os seus pés são sinais do evangelho para todos os homens

A missão exige ao missionário um constante peregrinar, um convite à vivência da mobilidade imbuída pela missão itinerante, que faz dele um servidor da Igreja que vai evangelizar e não o seu protagonista.

Hoje, mais do que nunca, é solicitado ao missionário disponibilidade, abertura e universalidade. Ele é caminho e os seus pés são sinais do evangelho para todos os homens.

A missão de testemunho e de anúncio que Jesus entregou a cada cristão não tem fronteiras, pois, o Espírito Santo, que é o autor e consumador de toda a actividade, chama a continuar a tarefa até aos confins do mundo.

O testemunho afirma-se e torna credíveis os anunciadores da Palavra de Deus, mostrando a toda a humanidade que acredita, que lhe é oferecida a mesma vida e missão que Jesus vive com o Pai. Pois o testemunho de vida dos anunciadores deve ter como base o testemunho fundante dos Apóstolos.

Escolhidos por Jesus Cristo, ensinados por Ele e por Ele enviados até aos confins do mundo, os doze são os primeiros agentes da missão universal. Na experiência da missão das origens temos os Apóstolos e a seu lado outros agentes não tão conhecidos, mas que não podemos ignorar nem esquecer.

---

[45] JOÃO PAULO II, *R. M.*, nº 90.
[46] IDEM, *E. S.*, p. 95.
[47] Cf. JOÃO PAULO II, *R. M.*, nº 30.
[48] JOÃO PAULO II, *R. M.*, nº 91.

Um caso bem típico é a comunidade de Antioquia que, de evangelizada, passa a evangelizadora, enviando os seus missionários aos gentios (cf. Act 13, 2-3).

As Igrejas denominadas jovens têm necessidade da força das antigas, enquanto estas precisam do testemunho e do estímulo das mais jovens, de tal modo que cada Igreja beba da riqueza das outras Igrejas[49].

Na citação de Is 61, 1-2, Lucas permite-nos saborear um dos mais belos textos sobre a missão: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor" (Lc 4, 18-19).

O Espírito Santo une-nos na Igreja e o Senhor Jesus adverte-nos para a condição essencial do trabalho missionário, a unidade, "para que o mundo creia que Tu me enviaste" (Jo 17, 21).

O Espírito Santo não é dado isoladamente, não somos uma ilha, "Deus quis salvar-nos como povo, como comunidade"[50]. A comunidade cristã encontra na oração a força e a abertura para receber e acolher o Espírito (cf. Act 1, 14).

Acreditar na missão é aceitar o desafio de acreditar com os outros, levando e mantendo viva a própria identidade da Igreja missionária.

Acreditar na missão é acolher-se ligado à geração apostólica comprometendo-se no processo de anúncio para que outros possam crer e partilhar a Fé no Senhor Jesus que afirmou: "Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura" (Mc 16, 15).

Bibliografia

- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II *Lumen Gentium, Ad Gentes*, in *Vaticano II, Documentos Conciliares*, 11º ed., A. O., Braga, 1992.
- CONSTITUIÇÕES, *Irmãs Missionárias do Espírito Santo*, Paris, 1985.
- JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, ed. A. O., Braga, 1991.
- ----------, Tertio Milenio, ed. A. O., Braga, 1996.
- JUSTIN TAYLOR, *Actos dos Apostolos*, in AA. VV., *Comentário Bíblico Internacional*, ed. Verbo Divino, Pamplona, 2000.

[49] Cf. JOÃO PAULO II, *R. M.*, nº 62.
[50] A. G., nº 2.

- FRANÇOIS MARIE PAUL LIBERMANN, *Commentaire de Ev. Saint Jean*, Roma, 1840.
- ----------, *Ecrits Spirituels*, Paris, 1832
- ----------, *Lettres Spirituelles*, Paris, 1889.
- ----------, *Règle Spiritane*, Roma, 1848.
- ----------, *Règle Provisoire*, Paris, 1840.
- LUCIEN LEGRAND, *Le Dieu Qui vient. La mission dans la Biblie*, ed. Desclée, Paris, 1988.
- PAULO VI, *Evangelli Nuntiandi*, ed. A. O., Braga, 1983.
- RINALDO FABRIS, *Os Actos dos Apóstolos, Texto e Comentários*, ed. Loyola, S. Paulo, Brasil, 1991.

PEDRO FERNANDES *

confissões de um missionário - dicas e deixas a partir de Moçambique

Tendo como pano de fundo a carta que o P. Libermann escreveu, em 1847, à comunidade missionária de Dakar e do Gabão, e que o Conselho Geral enviou às primeiras comunidades espiritanas em Moçambique em 1996, o autor vai percorrer a sua experiência missionária num olhar profundo de quem se vê confrontado e estimulado pela sabedoria profunda das palavras de Libermann. Trata-se de uma experiência humana algo singular e difícil que só a fé em Deus e no seu projecto é capaz de transformar em peregrinação pessoal e comunitária cujo alcance está para além do nosso angulo de visão e no entanto não se improvisa, prepara-se. Talvez, por isso, é que o autor fala da vida missionária como um caminho de oração e, por outro lado, sugere que a formação de cada um e a organização geral da congregação tenha em conta os novos desafios.

No dia 19 de Novembro de 1847, em Amiens, o P. Francisco Libermann escreveu à comunidade missionária de Dakar e do Gabão uma longa carta, que marcaria a vida dos missionários daquela missão. Era uma nova missão espiritana, com um longo futuro pela frente, e tudo estava ainda por definir. É mesmo dessa realidade que Libermann parte, ao escrever aos seus jovens missionários, recém-enviados. Essa mesma carta nos foi mandada a nós pelo Conselho Geral, logo que chegámos pela primeira vez a Moçambique, lá por finais de Novembro de 1996. A reflexão que ali faz Libermann foi-nos apresentada como fonte de inspiração para nós, que também iniciávamos uma nova experiência de missão espiritana.

* Espiritano português. Licenciado em Teologia. Mestrado no Instituto Católico de Paris. Missionário em Moçambique, em Netia, Diocese de Nacala, Nampula, desde o início da presença espiritana em Moçambique no ano de 1996.

Como os destinatários daquela carta de Libermann, também nós tínhamos o sabor de começar do zero uma nova caminhada, com todo um futuro pela frente. *"É sobre vós, meus caríssimos confrades, que repousa este futuro"*, escrevia Libermann aos seus missionários. Para nós, era o fascínio e a vertigem desta possibilidade de começar e de descobrir um novo mundo missionário, até aqui desconhecido para os Espiritanos. É certo, bem o sabíamos, que a realidade moçambicana não difere assim tanto, afinal, de outras realidades humanas e eclesiais deste Continente Africano, tão bem conhecido pela Congregação.

Mas saboreávamos, mesmo assim, essa experiência de chegar pela primeira vez e de ter aos ombros a responsabilidade de, de alguma maneira, lançar os caboucos de uma nova presença missionária. *"Os vossos pecados serão pecados originais"*, continuava Libermann, *"e as vossas virtudes encerram potencialidades e graças todas especiais. Deus fundou a sua obra sobre a sua vontade todo-poderosa e sobre a sua divina misericórdia (...); mas não é menos verdade que Ele vos escolheu para serdes as primeiras pedras do edifício. Se as primeiras pedras de um edifício não forem bem colocadas, todas as outras ficarão tortas"*.

As palavras do fundador retiniam-nos nos ouvidos, como peso de responsabilidade e como desafio, mas também, sem dúvida, alimentava a nossa vanglória, o romantismo de uma missão que tem um tom antecipado de aventura e que parece ter todos os ingredientes da "receita missionária" em que acreditamos: um trabalho entre os mais pobres dos pobres, numa situação para onde é difícil encontrar obreiros; uma composição comunitária marcadamente internacional, constituída sob a iniciativa do generalato, e não de uma qualquer Província; uma jovem Igreja, cheia de opções fascinantes e com uma experiência histórica que desde logo se anunciava sedutora; um povo diferente, cheio de riquezas culturais e de exotismos que despertavam curiosidade e sede de mergulhar e de conhecer melhor.

O sonho deveria ceder lugar, aos poucos, a uma percepção mais realista das coisas

O sonho deveria ceder lugar, aos poucos, a uma percepção mais realista das coisas. E para que esse sonho se tornasse vida seria também necessária uma caminhada sofrida, cheia de decepções, mas também de descobertas apaixonantes; castelos que foram caindo, para se reerguerem mais sólidos, mais verdadeiros, embora se formando com alguns contornos bastante diferentes. Havia, enfim, muitas fronteiras a passar, muitas "Páscoas" a experimentar.

1. Passar do "eles" para o "nós"

"Não julgueis à primeira vista; não julgueis segundo o que vistes na Europa, segundo aquilo a que vos habituastes na Europa, despojai-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito". Ora aqui estão palavras que até já tínhamos escutado antes mesmo de ler aquela carta de Libermann, de onde são originárias. Mas, também aqui, é preciso aprender na prática, dolorosamente. Como despojar-me dos olhos europeus, se não tenho outros? Como renunciar às minhas categorias ocidentais, se só conheço outras de modo teórico?

Chegar a Moçambique, à Província de Nampula, habitada quase exclusivamente por Macuas, é uma experiência marcante. O primeiro momento é feito de deslumbramentos, de movimentos de atracção e de interesse. O olhar fora treinado para censurar preconceitos, para rebuscar tudo o que de positivo se pudesse encontrar, para se abrir à aprendizagem da língua e da cultura. Mesmo assim, o povo permanece ainda no "eles", os outros, os distantes. Um longo caminho será necessário percorrer até que esses "outros", esses "eles" se comecem a representar também como "nós".

A língua, neste caso o macua, é um dos desafios básicos. Também aqui, a impaciência é um inimigo feroz: querer aprender já, ou simplesmente desisitir, porque os frutos visíveis parecem nunca mais aparecer... Mais ainda que a língua, as imensas barreiras históricas e sociais, que parecem não permitir que nós, os missionários, saiamos da condição de "inteiramente outros". O esforço de aproximação aparece, num primeiro momento, como o mais apaixonante dos desafios.

Num segundo momento surgem os primeiros desencantos, as primeiras suspeitas de que nem tudo parece bater certo. Olhando a realidade social e cultural do povo, há coisas que não nos agradam e somos confrontados com a desconfortável tentação de julgar e reprovar. Afinal, nem tudo está bem... É mesmo aqui que surge a confusão e a hesitação: até onde vai o meu olhar de ocidental, cheio de certezas absolutas (que afinal se revelam inteiramente relativas), e onde começa uma leitura lúcida e libertadora da realidade? É este discernimento que é indispensável fazer e nele se vão descobrindo as nossas próprias limitações. Como europeu, estou marcado por um passado cheio de contradições e não posso negar que pertenço a um povo que, entre outras coisas, também foi explorador e opressor. Isso conta, até quando penso que não. Partir para um encontro com um povo de outra cultura implica ter consciência dessa herança, para não permitir que a sua influência, os seus preconceitos negativos, pesem significativamente nas relações de comunhão que se pretende estabelecer.

Por outro lado, estamos também marcados por modelos de missão que são portadores, eles mesmos, de preconceitos "positivos", como: "tudo é relativo"; "vamos mais para aprender que para ensinar"; "o que é preciso é calar a boca e nem duvidar que na cultura que vamos encontrar tudo é legítimo e aceitável, posto que não há verdades absolutas". Com o tempo, alguns limites e fragilidades da cultura e da realidade social do povo que encontramos vão-se tornando evidentes, e há que vencer os nossos complexos para gritar: "Isto está errado!" É aí que se decide, concretamente, aquilo para que viemos: anunciar Jesus Cristo, propor, muito respeitosamente, mas também muito firmemente, o Evangelho como força que realmente liberta os humanos das suas opressões e alienações e os devolve à sua verdadeira dignidade. O confronto com realidades culturais diferentes, naquilo que elas têm de alienante e desumano, ajuda-nos a perceber a dimensão objectiva, universal e perene do Bem, esse Bem que se inscreve no Evangelho que anunciamos e tentamos viver.

É aí que se decide, concretamente, aquilo para que viemos: anunciar Jesus Cristo, propor, muito respeitosamente, mas também muito firmemente, o Evangelho como força que realmente liberta os humanos das suas opressões e alienações e os devolve à sua verdadeira dignidade

Desse modo, opera-se em nós uma dupla crise: por um lado, a crise das

certezas absolutas, já que o encontro com a realidade diferente nos faz perceber a sua relatividade; por outro lado, a crise do subjectivismo e relativismo ocidental, de que somos herdeiros. A sociedade liberal e individualista da pós modernidade habituou-nos à ideia de que tudo é discutível, de que a Verdade em si é inatingível. Em ambientes onde o bem e o mal, o justo e o injusto, o alienante e o libertador, encontram uma fronteira bem definida, este relativismo da cultura ocidental tem mesmo que cair por terra. E isso não pode senão enriquecer e confirmar a nossa adesão a Cristo vivo e ao seu Evangelho.

No entanto, e para além dos "certos" e dos "errados", há antes de mais os "diferentes", aquilo que nos surpreende e fascina, mas que também nos assusta, de tão diferente e difícil de interpretar que é. E é tremendo o choque do contacto com um povo e uma realidade económica tão diferentes. Falta-nos o chão. Ficamos perplexos. Nós, os "mucunhas" (palavra macua para dizer "branco" ou "ocidental"), precisamos de ter sempre explicações científicas para tudo, precisamos de ter depressa a radiografia complexa dos "quês", dos "para quês" e dos "porquês". Isso está bem longe de ser possível quando se chega a um lugar como Netia. Nada é evidente, as explicações escapam-se-nos e aos poucos vamos percebendo que nem daqui a duzentos anos perceberíamos tudo. A tentação das respostas rápidas, das soluções enlatadas, trazidas na nossa muita bagagem cultural, está sempre à espreita. Não julgar segundo o que aprendemos no nosso universo cultural de origem, seguindo o pensamento de Libermann, é talvez o maior de todos os desafios.

A atitude para enfrentar este desafio é-nos sugerida um pouco antes, na mesma carta de Libermann: "se vocês soubessem, meus caríssimos confrades, qual é o valor da paciência entre as virtudes apostólicas, vocês se empenhariam com todas as forças da vossa alma para a conseguir obter". Sim, o encontro missionário com o povo a que somos enviados é feito de demoras, de longas esperas, nossas e do próprio povo. Não é possível conhecer depressa, nem é possível que as pessoas aceitem ser conhecidas depressa. A comunicação é um processo ainda mais demorado e complexo que o da aprendizagem da língua. Há que parar, conformar-se com as próprias limitações, aceitar a lentidão, reconciliar-se com uma certa solidão nascida do isolamento de se encontrar num mundo que não é o nosso.

A comunicação é um processo ainda mais demorado e complexo que o da aprendizagem da língua. Há que parar, conformar-se com as próprias limitações, aceitar a lentidão, reconciliar-se com uma certa solidão nascida do isolamento de se encontrar num mundo que não é o nosso

Libermann sugere-nos ainda uma outra atitude espiritual que torna possível essa paciência: *"uma alma forte e verdadeiramente apostólica é sempre calma, doce, imperturbável no meio das penas e contrariedades (...) Ela sabe esperar os momentos de Deus, ela evita desencorajar-se (...) Examina o estado das coisas com calma e no espírito de Deus, ela age segundo as luzes e segundo a força que obtém do alto, e deixa ao seu divino Mestre o cuidado de fazer frutificar os seus trabalhos segundo a medida da divina misericórdia".*

No encontro com o povo macua descobri esta necessária viagem interior a fazer e estou ainda muito longe de a completar: no meu universo ocidental, o que conta mesmo, o que realmente tem valor, é o agir e o produzir. As pessoas medem-se pelo que fazem, elas são o que fazem. O seu

valor está na sua produção, seja ela económica, intelectual, artística, científica... Quando se chega a Netia, e mesmo depois de algum tempo de se já cá estar, traz-se no sangue este vício: o que é preciso é fazer coisas. Já se sabe que é preciso tomar muito tempo para aprender, para se aperceber da realidade humana e eclesial, para se estudar a língua... Tudo isso é vivido com alguma paixão. Mas para além de tudo isso, há o instinto de se perder no activismo, de se ir, progressivamente, embriagando de actividades.

2. Passar do fazer para o ser

Toda a insegurança gera um certo nível de angústia. É a indefinição, a incerteza, o não saber que chão se pisa. É também o isolamento social, o círculo restrito de pessoas que partilham dos mesmos campos de interesse e com quem se pode comunicar mais facilmente. É a impaciência com tudo isso, conforme o que já ficou referido atrás e que Libermann tão argutamente captou. Então, diante da demora e da dificuldade, pode surgir a tentação do atalho. E o atalho fácil e imediato é o de devorar o tempo produzindo acções e empreendimentos que nos dão a impressão de encher a vida e conferir sentido à nossa presença missionária. Aos poucos, parar para rezar e reflectir pode tornar-se uma ameaça, um retorno à angústia e à solidão daquele que deixou tudo para se encontrar no meio de um povo desconhecido e distante. Ainda aqui, o missionário se depara com o desafio de uma nova passagem: a passagem do produzir para o ser. Passar da alienação do fazer coisas, para a dolorosa experiência de ser e relacionar-se consigo mesmo, com Deus e com os outros. É desta passagem do "fazer" para o "ser" que depende, antes de mais, aquela outra passagem, de que falava antes, do "eles" para o "nós". É que o encontro com Deus e com os outros é, antes de mais, uma questão de ser, um verdadeiro processo pascal que nos conduz de descoberta em descoberta.

Então, diante da demora e da dificuldade, pode surgir a tentação do atalho. E o atalho fácil e imediato é o de devorar o tempo produzindo acções e empreendimentos que nos dão a impressão de encher a vida e conferir sentido à nossa presença missionária. Aos poucos, parar para rezar e reflectir pode tornar-se uma ameaça, um retorno à angústia e à solidão daquele que deixou tudo para se encontrar no meio de um povo desconhecido e distante

A descoberta do outro, na sua cultura tão diferente, nos seus modos diferentes de comunicar pensamentos e emoções, é um processo marcado por alegria e por dor: a dor dos equívocos da comunicação e do cansaço dos esforços nem sempre bem sucedidos. A alegria de "nascer de novo", de ir descobrindo novos modos de ser e, ao mesmo tempo, a alegria de ir aprendendo a integrar essas novidades na nossa própria existência. Nisto consiste, em boa parte, aquilo a que gostamos de chamar "aculturação". Já o sabemos bem: o missionário nunca deixará de ser ele mesmo, nunca se tornará um membro do povo a que foi enviado. O sonho romântico de se perder inteiramente na identidade do outro poderia ter consequências catastróficas de alienação para o missionário e de perda de sentido para a sua missão. A missão é um Mistério de comunicação, e para tal é necessário que os interlocutores, abrindo-se reciprocamente, nunca deixem de ser eles mesmos, fiéis à sua verdade mais profunda. Mas esta verdade é dinâmica, deixa-se moldar e surpreender, sujeita-se a verdadeiras metamorfoses que, não nos impedindo de sermos nós próprios, nos enriquecem com os encantos do outro.

Esta aventura de descoberta do outro é uma caminhada humana, e é também, essencialmente, uma caminhada divina. Nela somos levados a participar do movimento do próprio Cristo, que parte ao nosso encontro e que, por nós, quer partir ao encontro do povo que nos recebe. Trata-se aqui do grande desafio de descobrir o rosto de Jesus Cristo nos vários rostos humanos que se cruzam com o nosso e de descobrir os traços de Deus no seio da cultura e do povo ao qual o mesmo Deus nos enviou. Esta experiência de Deus constitui, acredito, a alma do ser missionário. Nesta experiência de Deus assenta a diferença entre a vida missionária e a simples benfeitoria humanista, por razões científicas ou filantrópicas. Também aqui nos espreita o mesmo risco da ideologia: o missionário não é uma mera referência religiosa, que fala muito de Deus ou que tem um bom sistema de ideias teológicas que explicam a razão de ser do seu trabalho. O missionário, mais do que uma referência religiosa (seja ela de pendor mais espiritualista ou de pendor mais institucional-eclesiástico...), é antes de mais um homem de Deus. É assim que os outros o devem ver e esse seu carácter deveria tornar-se o caminho para os outros se aproximarem, eles mesmos, de Jesus Cristo.

É por essa razão que a vida missionária é, acima de tudo, um caminho de oração. Este caminho é feito das dores dos encontros e desencontros com o povo e é feito da descoberta das nossas próprias limitações e pecados, que nos fazem crescer em humildade, percebendo na própria carne como a salvação é um dom gratuito de Deus, que só em Cristo se pode acolher. Com este ponto de partida, é possível reler, então, a Palavra de Deus, redescobrindo o Mistério Pascal a partir da nossa própria experiência de morte e de ressurreição, que só se tornam pascais na medida em que as inscrevemos na própria experiência do Senhor. Na mesma carta acima citada, Libermann diz que a amargura, a agitação, o azedume, são os defeitos daqueles que *"não conhecem a virtude da cruz de Jesus e que, sobretudo, não gostam de nela ter parte, na prática"*. A autêntica satisfação não assenta nos êxitos pessoais, mas funda-se na confiança profunda em Jesus Cristo. E é dessa confiança que nasce a paz. Só aí se torna possível a serenidade diante das lentidões do próprio trabalho apostólico: *"as ervas que crescem depressa adquirem pouco desenvolvimento e morrem rapidamente. As árvores cujo crescimento é lento tornam-se grandes e portentosas e duram séculos"*, continua ainda Libermann.

A autêntica satisfação não assenta nos êxitos pessoais, mas funda-se na confiança profunda em Jesus Cristo. E é dessa confiança que nasce a paz

Viver entre os macuas é estar continuamente submetido a este exercício de paciência: os frutos visíveis do nosso trabalho são raros e a evolução positiva das coisas nem sempre é evidente. Em muitos assuntos, temos a permanente e desconfortável sensação de estar sempre a começar de novo. Há pouco tempo, no meio de uma reunião, eu expunha um determinado assunto e um dos participantes, com muita vivacidade, exclamou: "Senhor Padre, agora já percebi, mas isso que diz eu nunca tinha ouvido antes!" "Mas papá (aqui todos os homens são tratados por "papás") no ano passado, no mesmo curso em que você também participou, eu disse exactamente a mesma coisa!!", respondi, meio contrariado...

A busca de gratificação, que facilmente se suporia numa visão romântica da vida missionária, depressa tem que ceder lugar a esta paciência de que fala Libermann. Não é uma paciência passiva ou resignada, mas uma serena predisposição para caminhar ao ritmo de Deus e ao ritmo do povo.

Perceber que é Deus que nos acolhe no seio deste povo e desta Igreja, ajuda a aceitar a situação de aprendiz. Numa tradição clerical como a nossa, mesmo sem nos darmos conta, por tantos modos subtis, fomo-nos deixando impregnar da ideia de que o missionário, ainda mais se é padre, é uma espécie de "sujeito", diante de uma infinidade de "objectos": a Igreja, o povo, os animadores leigos, as actividades e desafios pastorais... Perante tudo isto, o missionário é aquele que *faz e acontece*, ele pensa, projecta e executa, ele é *o tal*. A experiência de chegar de novo a uma Igreja diferente e desconhecida é um maravilhoso exercício de quenose. A experiência do *não saber* conduz-nos à atitude evangélica do *aprender* e não há nada melhor para a nossa conversão pessoal e comunitária que a situação de aprendiz.

3. Passar a um outro modelo eclesial

Quem chega da Europa a Moçambique desde logo se depara com o grande "título" da Igreja moçambicana: "Igreja ministerial". Que significa? Tem as suas raízes no tormentoso passado da Igreja moçambicana: com a revolução marxista, ferozmente anti-cristã, grande parte dos missionários se viram obrigados a sair do país, tendo mesmo alguns sido expulsos. A jovem Igreja moçambicana, nalgumas regiões do país ainda nascente, viu-se assim a braços com a situação de ficar sem os seus padres e formadores. Leigos, só leigos. E a proibição de qualquer manifestação pública da fé, punida severamente, tornava ainda mais complicada a vida dessas comunidades laicais. Em pouco tempo, Moçambique viu nascer uma verdadeira Igreja de catacumbas: os que perseveraram aguentaram heroicamente a tempestade da perseguição, com rasgos de fidelidade só concebíveis com a força de Deus. A guerra não veio melhorar a situação: se, a partir de certa altura, a intensidade da perseguição comunista abrandou, a guerra e a violência vieram tornar a vida das pessoas num verdadeiro inferno. Também aqui, os cristãos suportaram a situação com firmeza e, muitas vezes, com impressionantes testemunhos de amor evangélico.

Em pouco tempo, Moçambique viu nascer uma verdadeira Igreja de catacumbas: os que perseveraram aguentaram heroicamente a tempestade da perseguição, com rasgos de fidelidade só concebíveis com a força de Deus

Diante do insuficiente número de padres, as comunidades cristãs tiveram que se organizar: em pequenas capelas, por vezes escondidas no meio do mato, os cristãos reuniam-se para rezar e para partilhar a vida sofrida que levavam. Cada um tinha na comunidade o seu lugar bem definido, o seu serviço: catequista, animador de comunidade, animador de jovens, animador de justiça e paz, animadora de mulheres, animador da ajuda fraterna, responsável das relações ecuménicas, ministro da Eucaristia... são os *ministérios*. Mesmo hoje, em que o número de missionários aumentou e em que vai crescendo o número dos padres diocesanos, prevalece este mesmo modelo. As comunidades assentam em grande parte no bom funcionamento destes serviços laicais e é com estas lideranças que o padre

tem que se entender, se quiser fazer uma correcta animação pastoral da sua paróquia. Claro, já se está a ver que, deste modo, toda a vida das paróquias se acha extremamente descentralizada: o polo não é já o centro paroquial, a igreja paroquial, mas passa a ser a pequena comunidade cristã. Ora, algumas paróquias têm mais de cem destas comunidades, que hoje, em certas regiões, se tornaram grandes, cheias de cristãos e de catecúmenos. A equipa espiritana que está em Netia, tem hoje, a seu cargo, cerca de 130 comunidades!

O desafio missionário é, portanto, acompanhar, formar e conduzir estas comunidades, com as suas lideranças. Mas sendo tantas, e tão dispersas, como assegurar que a Eucaristia (que só se pode celebrar em cada comunidade uma ou duas vezes por ano!) seja realmente o centro da vida destes cristãos? Como garantir que a estrutura dos ministérios laicais não se torne numa autêntica "hierarquia paralela", que poria em causa, na prática, a própria unidade da Igreja? Como ajudar estas comunidades locais a não perderem o sentido de catolicidade e unidade da sua paróquia e diocese? Se a tudo isto acrescentarmos a pouca maturidade cristã de muitas destas comunidades, não é difícil compreender como, também aqui, "a messe é grande e os operários são poucos". Poucos e fracos.

Muitas vezes se fala, entre nós, de uma "esquizofrenia espiritual" de muitos cristãos macuas. Nesta tal "esquizofrenia", as pessoas estão com um pé na fé cristã e outro pé na religião tradicional; muitas vezes nos inquietamos com uma real dificuldade que se sente entre o povo de abdicar de práticas religiosas e morais que são próprias da tradição macua ancestral, mas perfeitamente alheias ao Cristianismo, tanto na letra como no espírito

Se a alma e o sentido de tudo o que aqui somos e fazemos é a evangelização deste povo, é-nos indispensável estarmos obcecados com uma questão fundamental: até que ponto é que este povo está, realmente, a ser *evangelizado*, quer dizer, até que ponto é que está realmente a caminhar para um profundo envolvimento no Evangelho, uma assimilação por Cristo? Muitas vezes se fala, entre nós, de uma "esquizofrenia espiritual" de muitos cristãos macuas. Nesta tal "esquizofrenia", as pessoas estão com um pé na fé cristã e outro pé na religião tradicional; muitas vezes nos inquietamos com uma real dificuldade que se sente entre o povo de abdicar de práticas religiosas e morais que são próprias da tradição macua ancestral, mas perfeitamente alheias ao Cristianismo, tanto na letra como no espírito. Afinal, são estas e outras as questões centrais de toda a problemática que genericamente designamos por *inculturação* e que, já sabemos, nos ultrapassa a nós, os missionários. Também aqui, não somos nós os *sujeitos*: o verdadeiro sujeito, é o Espírito de Deus, que se move, como brisa suave, no coração do povo. Às vezes, também passa por nós, e nós nem sempre o percebemos. Mesmo assim, muitos dos esforços e planificações da nossa pastoral, nesta Igreja de Nacala, nesta Missão em Netia, andam mesmo à volta de uma busca do caminho certo para fazer entrar o Evangelho na cultura, transfigurando-a, purificando-a, conduzindo-a até à plenitude do Reino de Deus. Já sabemos que certo tipo de abordagens, que aberrantemente tendem a canonizar e sacralizar a cultura, não ajudam nada num processo libertador de evangelização. Como proceder, então?

Talvez, uma vez mais, seguir o bom conselho de Libermann: *"fazei-vos a eles como os servidores se devem fazer aos seus senhores, e tudo isso para os levar à perfeição, à santidade..."*. É a escuta, a atitude de serviço (tão difícil!), a firme determinação de que tudo tem como objectivo, como único

objectivo, a condução para Cristo. A santidade. O "ser perfeitos como o Pai é perfeito". A santidade de Cristo, em que todos somos chamados a participar. Aí chegar pacientemente, reconciliados com a nossa própria fragilidade e lentidão... A santidade de Cristo, que Ele quer seja a nossa e a do nosso povo. O resto são cantigas.

4. Passar a viver com os pobres

A maioria dos cristãos das nossas paróquias, em que se incluem os nossos animadores leigos, tem uma fraquíssima escolarização. Os animadores são marcados, em muitos aspectos, pela tradição macua ancestral, por vezes incompatível com o Evangelho. Vivem em condições económicas difíceis de conceber para um europeu, sobrevivendo com o mínimo dos mínimos, nascendo, crescendo e morrendo na mais absoluta pobreza. São estas pessoas, em grande parte, os nossos companheiros de viagem. É a estas pessoas que procuramos comunicar algo do que sabemos e vivemos de Jesus Cristo. E é com essas pessoas que aprendemos a crescer como pessoas e como cristãos. Muitas vezes ouvi, na Europa, que "os pobres nos evangelizam". Sempre achei bonita a expressão, mas nunca percebi bem como é que eles de facto nos evangelizam... Agora vou começando a perceber um pouco mais. Quem me dera, claro, que os pobres fossem ricos e que os famintos não tivessem apenas pão, mas também televisão e internet. Como podemos, vamos tentando lutar por isso, e damos a esse esforço o nome de "formação para o desenvolvimento". No entanto, foi no meio dos pobres que comecei a aprender alguma coisa do que significa vencer a nossa sede de ter e de viver confortavelmente, para nos pormos ao serviço dos irmãos que nem sonham o que seja um grande centro comercial.

No entanto, foi no meio dos pobres que comecei a aprender alguma coisa do que significa vencer a nossa sede de ter e de viver confortavelmente, para nos pormos ao serviço dos irmãos que nem sonham o que seja um grande centro comercial

Os grandes movimentos de renovação da Igreja e, em particular, da Vida Religiosa, alicerçaram-se todos num retorno à austeridade, à simplicidade e à pobreza. Não tanto como identificação com os pobres (ser pobre não é, em si mesmo, uma coisa boa), mas como exercício pessoal e comunitário de regresso ao essencial, de centração em Jesus Cristo, de renúncia ao acessório em que tão facilmente se refugia o nosso egoísmo. É mesmo o que dizia Libermann (na tal carta, claro): *"para viver a vida de homens apostólicos, vocês têm necessidade de uma grande abnegação de vocês mesmos, e este espírito de abnegação deve existir continuamente, pois que não é na variação de um fervor sensível que se tem a verdadeira abnegação"*. Este exercício de pobreza é o ambiente próprio em que se torna possível a abertura aos irmãos, a escuta, o espaço interior livre, a que os outros possam chegar e ficar. Para nós, espiritanos em Netia, esta tem sido uma descoberta bem sensível: o desconforto material, quando o tentamos assumir com alegria e liberdade, torna-se um autêntico lugar de encontro com Deus nos outros, e com os outros em Deus, porque nos purifica da nossa tralha inútil: a tralha inútil enquanto coisas e comodidades; e a tralha inútil enquanto apegos e hábitos de vida.

Mesmo assim, somos ricos. Sim, sim, já sabemos que se tentássemos viver como o povo, morreríamos em pouco tempo, e que uma tal "descida

Porém, num mundo em que o abismo entre ricos e pobres se torna cada vez mais profundo, é muito grande o risco de nos apresentarmos diante desta multidão de pobres e desvalidos como uma Igreja de poderosos, uma super-ONG de produto religioso e muita capacidade de penetração. Como chegaremos à Igreja-casa-de-todos, o lugar de encontro com o Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus e morto como escravo?

aos infernos" até corria o risco de ser ininteligível, porque ser pobre, por si só, não é virtude nem valor. Porém, num mundo em que o abismo entre ricos e pobres se torna cada vez mais profundo, é muito grande o risco de nos apresentarmos diante desta multidão de pobres e desvalidos como uma Igreja de poderosos, uma super-ONG de produto religioso e muita capacidade de penetração. Como chegaremos à Igreja-casa-de-todos, o lugar de encontro com o Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus e morto como escravo?

Deste modo, a nossa experiência de missão entre os macuas é também um desafio de fraternidade e de justiça. Ser irmão implica lutar pelo meu irmão, ao lado dele, para que os seus direitos sejam respeitados. E são tantos os abusos dos seus direitos! As disfunções do Estado, que tarda a responder às necessidades básicas de saúde e de educação; os horrores praticados por empresas e interesses económicos estrangeiros, esmagando os camponeses pobres; a violência da corrupção e da impunidade. É um mar de problemas, que facilmente nos poderiam fazer cair no desalento, já que toda e qualquer intervenção é sempre uma gota de água e pode mesmo pecar de simplismo ou até de parcialidade. No meio de tudo isto, somos levados, uma vez mais, à "espiritualidade da impotência": reconhecer, humildemente, que o grande sujeito da missão não somos nós e que, por muito que façamos, ficaremos sempre aquém do necessário. Diante do pecado, a atitude nunca é a resignação, nem o cruzar os braços. Isso seria cobardia, ou desânimo, frutos do orgulho. Ao contrário, diante do pecado, do qual, aliás, estamos longe de estar isentos, a atitude deverá ser sempre a serenidade. A serenidade atenta, activa, que escuta a voz de Cristo crucificado nos pobres e nos inocentes e que responde a essa voz com a mesma atitude de Cristo crucificado: amor, perdão, inconformismo com a morte e a derrota, certeza antecipada de que todos os nossos esforços pela justiça produzirão fruto, a seu tempo. No tempo de Deus, o tempo da Ressurreição.

Descobrir Cristo nos pobres vai-se tornando assim um caminho de regresso à fonte da nossa própria identidade espiritana: afinal, Poullart des Places começou a sua pequena comunidade sem nenhuma pretensão de fundar uma instituição ou, muito menos, de mudar o mundo. Despojando-se de tudo, Poullart des Places pretendeu tão somente seguir a Cristo pobre, no silêncio, no escondimento, servindo-o nos irmãos pobres. Ele, que nem sequer era padre...

Em Netia, mergulhados no meio de um povo pobre, cada vez mais esquecido e instrumentalizado para servir o interesse dos grandes e poderosos, estas são questões bem reais, interpelações arrepiantes, que nos poderiam levar tão longe... Enfim, colocá-las seriamente talvez nos evangelize.

5. Passar do "estar juntos" para o "ser comunidade"

No meio de todos os desafios da missão, talvez o mais central e decisivo, que encerra em si todos os outros, seja o desafio da comunhão. A comunhão com Cristo missionário, sem a qual não seremos missionários. A comunhão com o povo a que somos enviados e com a Igreja local em que nos inserimos. A comunhão na missão espiritana em que nos inscrevemos. A missão

nunca é *minha*, ela é uma possibilidade de participação que me é oferecida no mesmo movimento de amor de Cristo. É uma participação comum, que vivo com outros irmãos. Sobretudo nos últimos anos, tem-se tornado possível crescer nesta dimensão da missão comum: partilhar a vida com os irmãos de comunidade, crescer com eles na oração, escutar com eles o povo, planificar com eles o trabalho e com eles avaliar a caminhada feita.

A fórmula inicial do grupo espiritano de Moçambique consistia em dois nigerianos, dois angolanos e dois portugueses, distribuídos por duas comunidades, cada uma com três confrades (um por nacionalidade). Era, já aí, o desafio do contacto com o outro: o outro, enquanto pessoa diferente, com uma história pessoal própria, com uma personalidade e uma sensibilidade particulares; mas o outro também como portador de uma cultura e de uma tradição colectiva cheia de novidades e contrastes. É o mais que badalado desafio da internacionalidade, a acrescer ao clássico desafio da vida em comum.

Eu acreditava nessa internacionalidade e nas imensas possibilidades desse desafio. Mais ainda do que nessa altura, continuo hoje a acreditar e a estar convicto de que o futuro missionário da Congregação passa pelo crescimento na experiência concreta da vida em comunidade pluricultural

Eu acreditava nessa internacionalidade e nas imensas possibilidades desse desafio. Mais ainda do que nessa altura, continuo hoje a acreditar e a estar convicto de que o futuro missionário da Congregação passa pelo crescimento na experiência concreta da vida em comunidade pluricultural. Nessa época dos inícios em Moçambique, como hoje, essa era já uma convicção. Mas, também aqui, havia uma fronteira decisiva a atravessar: passar da convicção ideológica à convicção experiencial, passar de um sonho romântico, a uma certeza sedimentada na experiência arriscada de poder demolir irremediavelmente o sonho. Vencido esse risco, passando também pelo sofrimento, começa a ser possível perceber com mais profundidade as palavras de Libermann: *"Como verdadeiros homens de comunidade, vós deveis prover à vossa própria santificação e à santificação dos vossos caros confrades e irmãos (...) Deveis viver juntos na paz e na união da mais perfeita caridade, sustentai-vos mutuamente uns aos outros; sustentai-vos nos vossos defeitos, suavizai as vossas mútuas penas, aliviai os vossos confrades, não os julgueis (...) Evitai a rigidez nos vossos juízos, nas vossas palavras, nos vossos desejos, na vossa conduta"*.

Reler estas palavras de Libermann faz-me corar e sorrir: talvez que, afinal, a aprendizagem real do que isto significa, para além da adesão inicial que nada tem de doloroso, não possa acontecer sem a experiência dolorosa do fracasso e até do pecado. A nossa experiência internacional em Moçambique foi marcada de contradições, fracassos, dolorosas rupturas. Porém, a perplexidade diante do outro, aparentemente ininteligivelmente "outro", provoca uma crise interior que obriga a rever as nossas própria certezas e esquemas. Confrontando-me, naquilo que sou realmente, com aquilo que o outro é, sou obrigado a questionar-me sobre a validade real que para mim tem essa fé na vida comunitária internacional. Fechar-me nas minhas certezas, eis a grande tentação do pecado. Sempre é mais fácil sacrificar um sonho romântico que o meu orgulho e as minhas seguranças pessoais. É o risco inevitável da passagem da ideologia à certeza experiencial. Esta é uma passagem que nunca está, aliás, inteiramente consumada,

já que se vão sempre apresentando novos níveis de profundidade ainda não descobertos. Não há, creio, vida comunitária internacional sem enfrentar este desafio; e a aprendizagem não acontece apenas a partir da vitória sobre este desafio, mas acontece também na experiência do fracasso e da impotência pessoal. O esforço de auto-superação e de auto-relativização, imposto pelo confronto com o outro, torna-nos mais fortes e menos superficiais: *"vós deveis ser homens interiores, homens de oração, fiéis observadores das Regras e repletos do seu espírito"*. Libermann tinha razão, claro.

Conclusões provisórias

Relendo os fracassos e os sucessos de todo este caminho comunitário, a partir deste ponto da caminhada, ousaria tirar algumas conclusões provisórias, que ficariam como a "moral da história":

As comunidades missionárias internacionais estão votadas ao fracasso se forem constituídas a partir de fórmulas estereotipadas, desligadas da realidade. Pôr gente diferente a viver e a trabalhar junta é uma coisa muito séria e responsabilizante. Há que ter em conta as características reais de cada um, as suas possibilidades reais de responder a estes ou àqueles desafios concretos, o seu perfil psicológico, emocional, os seus padrões intelectuais e culturais

1. Não há vida comunitária internacional na missão sem vida comunitária internacional na formação. Se acreditamos que a missão espiritana é para ser vivida na comunhão concreta entre pessoas de culturas e origens diferentes, então é preciso que a formação, que gera espiritanos, gere "espiritanos internacionais". Os desafios que isso impõe não são menores que os que se supõem na missão, mas a formação é o lugar próprio para começar a afrontar esses desafios.
2. Nada de mais fascinante e enriquecedor do que trabalhar em equipa: analisar juntos a realidade, confrontando sensibilidades e pontos de vista; planificar e programar juntos o trabalho; executá-lo em coordenação e concertação; avaliá-lo em comum. Também aqui não é possível improvisar ou contar com a boa vontade natural de cada um. Como tudo o resto, isto prepara-se e é para isso que serve a formação.
3. As comunidades missionárias internacionais estão votadas ao fracasso se forem constituídas a partir de fórmulas estereotipadas, desligadas da realidade. Pôr gente diferente a viver e a trabalhar junta é uma coisa muito séria e responsabilizante. Há que ter em conta as características reais de cada um, as suas possibilidades reais de responder a estes ou àqueles desafios concretos, o seu perfil psicológico, emocional, os seus padrões intelectuais e culturais. Isto supõe aceitar a pessoa como ela é, não continuando a sonhá-la como a quereríamos. É a partir do real, não do ideal, que se deveriam constituir as comunidades. Então sim, será possível deixá-las entregues ao desafio do confronto interpessoal e intercultural, acreditando que há condições reais para que os esforços desse confronto não sejam vãos.
4. Os jovens são frágeis. Por muitas razões, que não cabe aqui agora desenvolver, os jovens são um grupo vulnerável, sensível, livro aberto, com muitas páginas em branco, sequiosas de serem escritas. Quanto mais não seja por isso, as primeiras afectações não são simples colocações de peões num tabuleiro de xadrez, mas são decisões tremendas sobre a vida, o crescimento, a estabilidade e o futuro de um jovem missionário.

5. Sem pretender a uniformização e a adopção de moldes comuns e esmagadores das diversidades, seria de ajuda para a nossa agilidade missionária se existissem realmente padrões comuns de entender a vida religiosa, a missão, a organização comunitária, a relação com o trabalho e com o povo e a vivência dos conselhos evangélicos. Se temas tão fundamentais como estes não constituírem, ao menos no essencial, a nossa linguagem comum, tornar-se-á impossível a comunicação e a vida comunitária correrá o risco de se tornar num insustentável diálogo de surdos.
6. Para que a gestão do pessoal e dos recursos na missão possam ter uma verdadeira amplitude internacional, é importante que haja uma instância de autoridade que ultrapasse os interesses particulares desta ou daquela circunscrição, conferindo à missão uma verdadeira agilidade. Nesse sentido, seria talvez de rever o próprio modelo descentralizado que caracteriza a organização administrativa da Congregação, conferindo a uma autoridade central internacional (o Conselho Geral, naturalmente), um espaço de manobra muito mais alargado.

Seria de ajuda para a nossa agilidade missionária se existissem realmente padrões comuns de entender a vida religiosa, a missão, a organização comunitária, a relação com o trabalho e com o povo e a vivência dos conselhos evangélicos

Particularmente num ambiente social e cultural como o de Netia, em que a autoridade se entende como uma forma de poder monárquico não partilhado (esse é, aliás, um dos problemas na forma de entender o poder político em Moçambique e não só), talvez que um dos grandes sinais proféticos da vida missionária seja justamente o de manifestar no meio do povo um modo de exercício da autoridade que se entenda como serviço e como expressão de colegialidade e espírito de equipa. O trabalho partilhado e vivido em colaboração torna-se, assim, num verdadeiro lugar de evangelização, que vale por si mesmo: tendo que tratar, não já com um homem detentor de toda a autoridade, mas com uma equipa, o próprio povo reconhece aí uma diferença, novidade libertadora, portadora de vida. Fazer a experiência disso pode tornar-se uma fonte inesgotável de gratificação e de crescimento pessoal e comunitário.

Uma outra dimensão importante na experiência missionária em Netia tem sido a do contacto e comunhão com religiosos de outras Congregações e com leigos missionários. Em Moçambique vive-se muito num clima de fraternidade entre missionários: a casa de cada um é, de alguma maneira, a casa de todos. Perceber isso de modo concreto torna-se numa experiência significativa de Igreja como comunhão.

A um outro nível, sobretudo nos últimos anos, tem-se desenvolvido entre nós um novo rosto de missão: os missionários leigos. Na nossa própria comunidade há um jovem leigo missionário, de nacionalidade francesa, que connosco partilha a vida comunitária. Para além desse, existem na diocese vários outros, de várias nacionalidades, sexos e idades. Com a sua chegada e com o tipo de presença que lhes é próprio, tem sido possível perceber que novos ventos missionários sopram na vida da Igreja e que esta é, cada vez mais, a hora dos leigos. Mas, mais do que a "hora dos leigos", é a "hora de

todos", a hora da partilha de serviço e de vida fraterna. A seriedade, riqueza, simplicidade e profundidade espiritual com que muitos destes homens e mulheres leigos vivem a missão, fazem-nos perceber o quanto perderíamos se eles não estivessem connosco, e nós com eles. Uma vez mais, se nos coloca a nós, espiritanos, o novo desafio de integrar na nossa própria vivência da missão estes novos e admiráveis interlocutores. Sonho com o reforço da presença de leigos que connosco partilhem da mesma identidade espiritana. Claro que isso implicará, da parte da Congregação, um esforço de formação, acompanhamento e criação de condições económicas para que um tal ministério em colaboração seja possível e sustentável.

6. Passar para outras margens

Quanto a nós, dispusemo-nos a criar uma nova presença missionária num lugar onde nunca existiram missionários residentes, no interior da diocese: Itoculo. À distância, estamos já a prestar algum apoio pastoral àquele povo. Com essa experiência, apercebemo-nos de quanto aquela região corresponde ao nosso carisma "de fronteira"

Mais recentemente se nos colocou uma questão crucial: a missão de Netia, já com bastantes anos de existência (foi fundada no início dos anos sessenta, por combonianos), começa a dar sinais de maturidade eclesial que permitem pensar que uma equipa de padres diocesanos a poderia assumir. A diocese tem ainda poucos padres locais, todos jovens e em situação económica delicada. Por várias razões, a missão de Netia se apresenta como a mais favorável para uma nova equipa de padres diocesanos iniciar um trabalho com segurança e estabilidade. Vendo isso, disponibilizámos esta missão e o nosso bispo aceitou. Quanto a nós, dispusemo-nos a criar uma nova presença missionária num lugar onde nunca existiram missionários residentes, no interior da diocese: Itoculo. À distância, estamos já a prestar algum apoio pastoral àquele povo. Com essa experiência, apercebemo-nos de quanto aquela região corresponde ao nosso carisma "de fronteira".

Depois de um longo caminho de discernimento e debate, com a aprovação do bispo e dos superiores, tomámos a decisão de procurar meios para ali criar um novo centro missionário e de para ali nos transferirmos brevemente. Essa tem sido para nós, de alguma maneira, a nossa mais recente fronteira a atravessar. Tudo estava por fazer: encontrar o lugar certo, preparar condições financeiras para a construção, procurar água... Apesar da vertigem que o risco nos faz sentir, este novo desafio tem-se tornado uma aventura comunitária aliciante. Apercebemo-nos do interesse que o próprio povo vai revelando, na perspectiva de ter missionários a residir por perto. Entusiasmamo-nos com os nossos próprios avanços e progressos. Crescemos diante dos fracassos e lentidão da caminhada, aprendendo os compassos de Deus. Acima de tudo, sentimos a gratidão de poder participar na caminhada de construção de uma nova comunidade eclesial, lado a lado com um povo e com uma Igreja jovem e cheia de fecundidade.

Em suma, a experiência missionária em Netia tem sido, acima de tudo, uma experiência espiritual, um caminho de crescimento na confiança e no abandono no Senhor Jesus. Aprofundando, nas nossas próprias passagens, a nossa comunhão com a Sua Páscoa, vamo-nos apercebendo, às vezes dolorosamente, do seu total protagonismo na missão. E é aí que tentamos escutar como dirigidas a nós as palavras impressionantes de Libermann: *"É Ele que tem o plano de conjunto e vocês, vocês não têm senão vistas*

parciais... Ele tem graça de estado para vos conduzir e vocês para serem conduzidos por Ele nos vossos trabalhos. Ele é que é o arquitecto, e vocês, os trabalhadores; mas trabalhadores inteligentes, e agindo em perfeita harmonia com Ele. É nesta harmonia e nesta marcha de conjunto que residirá a graça de Deus e, consequentemente, o sucesso. Sejam fiéis, meus caros confrades, e Deus será fiel, também Ele."

Bernardo Bongo *

25 anos de vida da província espiritana de angola - testemunho e perspectiva

Os 25 anos da Província espiritana de Angola são dos anos mais dificéis e dolorosos da nossa história missionária espiritana. Nascer e crescer num ambiente de guerra não é fácil, mas é possivel. E se a acção do Espírito de Deus contribui muito para esse nascimento e crescimento, não terá sido menos importante um duplo dinamismo missionário que caracterizaram estes tempos: a presença sofrida dos missionários no meio do povo deslocado, atacado e destruido, por um lado, e, por outro, a solidariedade evangélica de tantos que, do exterior, apoiavam, incentivavam e rezavam. O autor que viveu duramente na pele as consequências da guerra, dá-nos conta, neste seu testemunho e reflexão, da forma como a Província foi sentindo esta solidariedade e traçou o seu caminho de esperança e de paz, no meio de tanta fome e destruição.

1. Introdução e gratidão.

Ao celebrar 25 anos de existência, a Província espiritana de Angola (1977 – 2002), é convidada pela revista "Missão Espiritana" a repensar a caminhada realizada, no sentido de fazer a memória viva desta fase da sua história. Sem dúvida que o percurso é rico de densidade celebrativa; mas nem tudo cabe neste espaço. O que fica dito seja apenas '*símbolo*' do que fica por dizer.

---

* Espiritano angolano. Foi o primeiro provincial da Província Espiritana de Angola em 1977. Depois de ter vivido e sofrido com a guerra em Angola, foi Conselheiro Geral da Congregação desde 1992 até 1998. Regressou depois ao trabalho missionário em Angola, onde se encontra actualmente.

A dúvida momentânea que se levantou no meu espírito após a leitura do *e.mail* de convite, assentava na minha incapacidade, isto é, na falta de competência para o tratamento da questão, com profundidade e novidade. Porém, a hesitação foi vencida por duas convicções pessoais: *primeiro*, a admiração e o respeito que nutro pela dedicação missionária de todos os Confrades, velhos e novos, vivos e defuntos, que desde 1866 a esta data, deram e continuam a dar o melhor de si à *causa missionária* em Angola, lançando as 'sementes espiritanas' que frutificaram em Província. A ingratidão de que somos acusados também tem limites!

Sinto sempre uma comoção de alma quando leio ou recordo aquele grito de gratidão do Papa João Paulo II na exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa: «O crescimento esplendoroso e as realizações da Igreja em África devem-se, em grande parte, à dedicação heróica e desinteressada de gerações de missionários. Isto todos o reconhecem. A terra abençoada da África está literalmente semeada de sepulturas de valorosos arautos do Evangelho»*[1].

Celebrar 25 anos, portanto, não é fazer nenhuma contagem quantitativa de dias, meses ou anos. Trata-se de regressar às origens de toda uma obra – a Província espiritana – realizada com sacrifício e alegria de doação ao Dono da messe: tarefas cumpridas com generosidade em nome de Deus e da Congregação ao longo dos 137 anos de presença dos *enviados*, prefiro dizer *filhos* de Poulart des Places e Libermann, em Angola.

O olvido da nossa dimensão histórica pode originar o surgimento de gerações espiritanas (angolanas também) despreocupadas e distraídas perante todo o dinamismo de solidariedade e partilha que caracterizou as velhas províncias-mães da Europa, que geraram as actuais igrejas da África

A *segunda* convicção que me ajudou a vencer hesitações, prende-se à realidade da Formação espiritana em toda a Congregação. O olvido da nossa dimensão histórica pode originar o surgimento de gerações espiritanas (angolanas também) despreocupadas e distraídas perante todo o dinamismo de solidariedade e partilha que caracterizou as velhas *províncias-mães* da Europa, que geraram as actuais igrejas da África. Seria também uma negação da dimensão de peregrinos que nos caracteriza como família missionária que caminha no tempo e no espaço, animada pela certeza de que amanhã outros virão prosseguir a obra encetada. *"No Início do Novo Milénio"*, magna carta do Santo Padre para a Igreja do terceiro milénio, está patente a confissão de que nas celebrações jubilares de 2000, a Igreja *«tornou-se mais intensamente povo peregrino, guiado por aquele que é "o grande Pastor das ovelhas"»*[2]. Será, assim, lógica a conclusão de que do seu jubileu de bodas de prata, a Província espiritana em Angola deve também sair com renovado dinamismo missionário.

Nos alicerces da construção que é a Província estão bem gravados os nomes de confrades que lutaram e sofreram pela causa. Sem alongar a lista, o que tornaria a ladainha enfadonha, as jovens gerações deverão registar os esforços da Casa Generalícia de Roma que em 1977, no mandato de Frans Timmermans, erigiu o edificio. Ficaram consagrados os trabalhos dos confrades Serafim Lourenço, António da Costa Abreu e Abílio Ribas, então superiores das extintas circunscrições, os Distritos de Sá da Bandeira,

[1] Ecclesia in Africa, nº 35.
[2] NMI, nº 1.

Nova Lisboa e Luanda. Muitos confrades optaram livremente pela pertença à província então nascente. Foi um patente encorajamento. Outros regaram, até à última gota de sangue, o solo da novel Província. O adágio romano *"repetita juvant"* dá-nos margem para *fazer memória*, no jubileu dos 25 anos, de confrades *martirizados* poucos meses antes da criação da Província: P. Adélio Ribeiro Lopes, P. Martinho Thysen e Ir. Afonso Rodrigues. Depois da criação da Província: P. José da Silva Pereira, P. Jean Etiènne Wozniak, P. Nicolau Ligthart e P. Abílio da Fonseca Guerra.

A esta solidariedade sacrificial junta-se a presença de todos os confrades que na teimosia evangélica se mantiveram firmes nos seus postos missionários e ao lado das ovelhas, por vezes acordados pela alta hora da noite, pelo tilintar das metralhadoras; e a daqueles que, sabendo que em Angola se respirava fumo de canhão, pisaram esta terra pela primeira vez em ambiente de confrontações bélicas. E se falássemos da solidariedade com letra maiúscula, manifestada pelas Províncias que alimentaram as nossa casas de formação nas horas em que a soma de tudo quanto se possuía totalizava um zero bem redondo?

Assim nasceu, cresceu, desenvolveu e se solidificou a Província!

A esta solidariedade sacrificial junta-se a presença de todos os confrades que na teimosia evangélica se mantiveram firmes nos seus postos missionários e ao lado das ovelhas, por vezes acordados pela alta hora da noite, pelo tilintar das metralhadoras; e a daqueles que, sabendo que em Angola se respirava fumo de canhão, pisaram esta terra pela primeira vez em ambiente de confrontações bélicas

2. Interpelação - convite do Superior Geral

Em carta datada de 27 de Dezembro de 1993, o Superior Geral, Pierre Schouver, apresentava o seguinte apelo: *«A Província de Angola nasceu e cresceu na guerra e em situações de urgência. Eu sei que vós prevedes que, quando vier a paz, ireis reflectir entre vós para pôr em marcha o Projecto da Província»*.

Em 1997, por ocasião do 20º aniversário da erecção da Província, o Secretariado Provincial, com ajuda da província da Holanda, colocou em nossas mãos uma riquíssima síntese do que foi a Província nos anos anteriores, desde a sua fundação. Os dados oferecidos nas 53 páginas da brochura são de actualidade que não carece nem de correcções nem de acrescentamentos.

Conquanto assim seja, o convite do Superior Geral acima expresso, sugere uma reflexão de redimensionamento da Província, uma vez chegados a esta data do anúncio da paz em Angola. O actual bispo de Lwena. D. Gabriel Mbilingi, então Provincial, na apresentação da conhecida publicação *"Província de Angola – 20 anos"* escrevera com justificado optimismo: *«É hora de acção de graças a Deus que conduz misteriosamente os destinos da história, e de renovada esperança para Angola. Com o início da implementação do protocolo de Lusaka, a longa noite da guerra fratricida começa, paulatinamente, a ceder o lugar à aurora que anuncia para Angola uma paz verdadeira, estável e definitiva»*[3].

O 'desafio Lusaka' continua de pé e em implementação. Hoje, parece terem-se criado "outras" condições de cumprimento dos mui falados "acordos" para a obtenção da paz, há 25 anos almejada. Exactamente a idade da

[3] Gabriel Mbilingi, em 'Província de Angola – 20 anos, pág. 2.

nossa Província espiritana de Angola. Cremos ter chegado a "hora" propícia para cumprirmos com a recomendação acima transcrita, do nosso *mais Velho* Pierre Schouver. A melhor maneira de celebrar o jubileu dos 25 anos será fazer uma *re-leitura* dos acontecimentos vividos, valendo-nos das orientações que nortearam a família espiritana em Angola. Para isso, vamos ter em consideração os nossos 4 Capítulos Provinciais - 1980/1, 1988, 1995 e 2002, porque *«Missão Espiritana» quer ajudar a revisitar o património histórico do labor missionário realizado, mas sempre com uma atenção lúcida aos desafios que hoje se colocam e urgem a determinação para avançar ao largo, com a força do Espírito, para uma longa travessia»*[4].

Nas horas e momentos em que só se respirava fumo de edifícios a desabar e poeira de pólvora dos canhões, julgávamo-nos esquecidos de Deus e do mundo. Corremos o perigo de esquecer vidas e sacrifícios de Confrades que tanto deram, alguns até à última gota de sangue, as suas vidas por esta Angola

3. Os projectos da Província

Um olhar sereno voltado para as ocorrências históricas das últimas duas, diremos três décadas, permite-nos constatar um vasto horizonte de alegrias e convicções traduzidas em vida e doação missionária desinteressada. Nas horas e momentos em que só se respirava fumo de edifícios a desabar e poeira de pólvora dos canhões, julgávamo-nos esquecidos de Deus e do mundo. Corremos o perigo de esquecer vidas e sacrifícios de Confrades que tanto deram, alguns até à última gota de sangue, as suas vidas por esta Angola. Um perigo, uma tentação, talvez mesmo pecado de dúvida acerca da *"hora de Deus"* e da sua bondade que se revelam através de pessoas. Temos que nos penitenciar.

Certo. Não esquecemos as dificuldades havidas que por todos foram vividas. Porém, convido, isso sim, a olhar, como que a *"voltar a sentir"* o sopro do Espírito ao longo dos jovens 25 anos de existência. Numa peregrinação como é a caminhada de vida da Província, o caminho é feito em equipa. Esta inicia a marcha, avança, corrige as etapas andando e parando, vai estabelecendo rotas mais viáveis. O caminho é feito gradativamente. Assim aconteceu com a Província Angolana, como podemos apalpar nas temáticas de questões trabalhadas nos quatro Capítulos provinciais até hoje celebrados. Foi dessa forma que tentámos tornar visível o Carisma que nos congrega em Congregação e em Província e buscámos a fidelidade à Igreja e ao homem que sofre.

Ano	*Temáticas dos Capítulos Provinciais*
1980	I – A nossa Identidade Espiritana (Carisma) Vida de Comunidade (características. serviços de Comunidade Vida de Oração II – Actividades Apostólica (o que espera de nós a Igreja em Angola; disponibilidade; formação cristã; Justiça e Paz; projectos apostólicos) III – Formação Espiritana IV – Organização da Província V – Bens Temporais

[4] Eduardo Miranda, in revista "Missão Espiritana", nº 1, Junho 2002, pág. 3

Ano	*Temáticas dos Capítulos Provinciais (Continuação)*
1988	I – Organização da Província II – Formação III – Resposta da Província aos apelos da situação sócio-política do País. IV – Inserção na Igreja local V – Implicações da inculturação na vida da Província
1995	I – Vida Comunitária (comunidades abertas: no acolhimento, no projecto comunitário, na planificação pastoral, nas economias da comunidade); Internacionalidade das nossas comunidades, Espiritanos vivendo sòzinhos, Confrades em dificuldades II – Formação Espiritana III – Vida Apostólica (ad extra, na Igreja local) IV – Organização e Animação da Província
2002	I – Vida em Comunidade II – Vida Apostólica III – Formação IV – Administração e Finanças

Dos traços essenciais que emergem deste quadro, apenas gostaria de incidir e realçar os aspectos que postulam da nossa *doação-dedicação ao Povo, tendo em consideração a real situação descrita ao longo dos 25 anos.*

Estou convencido de que a tão propalada reconstrução de Angola é, antes e sobretudo o reedificar da alma e da cultura angolana, tarefa que postula o nosso real posicionamento missionário.

Na *hora da paz a despontar*, como devem *"situar-se"* a Congregação e Província face ao desafio da reconstrução? Para qualquer ser vivo, a adaptação a um novo meio ambiente não consiste em abandonar a sua *identidade* morfológica; mas, sim, em *afirmar-se* aí, com a vitalidade que lhe é própria.

As urgências missionárias da Província, numa Angola que hoje fala como que a plenos pulmões da ***"paz que veio para ficar"***, levam a fazer uma 'marcha atrás' no tempo. Embora tristemente, não deixa de ser interessante constatar e ver como durante os últimos 25 anos o mal social cresceu em espiral, tal como foi sendo descrito pelos sucessivos Capítulos provinciais. Haverá quem, de entre nós, não goste de fazer essa 'marcha atrás', julgando ser uma insistência nas coisas negativas.

É bom não cairmos no erro em que caem algumas ONG's que sempre pensaram e agiram de forma terrivelmente matemática e cínica: no dia a seguir ao da assinatura dos acordos, cortam as ajudas e obrigam as populações a caminhar distâncias enormes para regressar às *"suas terras de origem"*. Mas aí não cultivaram, nem sequer existem campos de lavoura. Grande parte das actuais populações já não tem *terra de origem.*

A reconstrução de Angola vai levar décadas e temos que nos mobilizar na seriedade de análise das novas situações e no planejamento de uma acção eficaz.

É bom não cairmos no erro em que caem algumas ONG's que sempre pensaram e agiram de forma terrivelmente matemática e cínica: no dia a seguir ao da assinatura dos acordos, cortam as ajudas e obrigam as populações a caminhar distâncias enormes para regressar às "suas terras de origem"

Vejamos quão profundas foram as feridas no tecido social angolano. Os nossos capítulos provinciais o afirmam, paulatinamente.

A insegurança forçou numerosas populações a abandonarem as suas residências e bens, para procurarem lugares mais seguros. Muitos foram obrigados a emigrar para as zonas de Café, ou a refugiar-se nos subúrbios das grandes cidades e outros lugares

Em 1980, três anos após a criação da Província espiritana e cinco após a independência política do país e do reacender da guerra, a Província definia a real situação de então nos seguintes termos: «*Hoje vivemos uma situação criada pelos acontecimentos históricos, de que resultou a saída de grande número de missionários e uma guerra que impede, em grande parte, a nossa acção apostólica, As comunidades cristãs são fortemente sacudidas pelos ventos das novas ideologias, espalhadas por todo o País de vários modos. A insegurança forçou numerosas populações a abandonarem as suas residências e bens, para procurarem lugares mais seguros. Muitos foram obrigados a emigrar para as zonas de Café, ou a refugiar-se nos subúrbios das grandes cidades e outros lugares. Muitas famílias sofrem imenso com detenções e ausências prolongadas de seus membros, carecendo do apoio moral e material*»[5].

Em 1988, com a idade de 11 anos, a província constata: «*Reflectindo sobre os principais desafios que nos são postos pelo contexto sócio-político actual, agravado de ano para ano, achamos que derivam, principalmente, de três factores: - confronto da visão marxista com a visão cristã da sociedade e da vida; situação de guerra e suas consequências; método governamental de imposição ideológica, pondo em estado de conflito a identidade angolana e a cultura tradicional. Fazendo uma avaliação destes doze anos, no campo da "Justiça e Paz", parece-nos que se agravaram especialmente os seguintes pontos: - degradação moral da sociedade, sobretudo da juventude; miséria, fome e pouca produtividade económica; corrupção e individualismo; ambiente generalizado de violência e insegurança. É oportuno salientar ainda: as numerosas vítimas de guerra (mutilados, deslocados e menores abandonados); a massiva concentração das populações nas cidades; o deficiente nível de ensino*»[6].

No plano sócio-económico - aumento considerável do êxodo das populações do mundo rural para as cidades, com o consequente desenraizamento cultural; existência e aumento, em muitas províncias do País, de enormes campos de deslocados, a que se tem de acrescentar o assombroso número de órfãos e de crianças "crianças de rua"

Em 1995 o campo do apostolado em Angola era assim descrito: «*No plano político-militar: situação confusa entre – uma guerra cujas sombras pairam sobre o país; uma paz ainda não consolidada; e uma democracia atentamente 'vigiada'. No plano sócio-económico - aumento considerável do êxodo das populações do mundo rural para as cidades, com o consequente desenraizamento cultural; existência e aumento, em muitas províncias do País, de enormes campos de deslocados, a que se tem de acrescentar o assombroso número de órfãos e de crianças "crianças de rua"; desemprego massivo, que gera delinquência; falta de instrução, o que provoca a frustração e culmina na violência e no crime; analfabetismo, álcool e droga; prostituição e progressão de casos de Sida; corrupção em todos os níveis e camadas sociais; inflação galopante que cria verdadeiros "círculos de pobreza", com a consequente subida de preços e a grande diminuição do poder de compra; inexistência, quase total, de estruturas no campo da saúde e outros; incapacidade de se viver honestamente dos salários, o que*

[5] Cf. Capítulo Provincial de 1980, *cap. Vida Apostólica*, pág. 14.

[6] Cf. Capítulo Provincial de 1988, pág. 13.

agrava, sobre maneira, o fenómeno dos chamados "mercados paralelos"; absentismo e perda do sentido do bem comum e do trabalho sério[7].

No ano 2002 "a realidade do país" conheceu estes contornos: - «*Angola continua mergulhada numa guerra fratricida que vai destruindo profundamente as vidas e os bens dos angolanos; o número de deslocados cresceu consideravelmente, não só por causa da guerra, mas também por causa da política de retirar à força o povo das suas aldeias; no plano económico, continua a acentuar-se a diferença entre os pobres e os ricos; a procura desenfreada das terras leva à usurpação das mesmas por parte dos ricos; de um modo geral os salários da função pública continuam a ser de miséria; há um elevado número de crianças e jovens fora do sistema escolar, uma fraca qualidade de ensino e uma crescente taxa de analfabetismo; nas zonas de produção petrolífera e mineira, escasseiam as oportunidades educacionais e laborais para os nativos, provocando assim um grande número de desempregados; nota-se a multiplicação de seitas, com o seu espírito competitivo*"[8].

Nas zona de produção petrolífera e mineira, escasseiam as oportunidades educacionais e laborais para os nativos, provocando assim um grande número de desempregados; nota-se a multiplicação de seitas, com o seu espírito competitivo

Em conformidade com o '*ser-estar-agir*' da Congregação no mundo e ao serviço da Igreja, a Província, desde o início, firmou seus passos sobre a plataforma da Comunidade. É essa a convicção que alentou o ânimo dos confrades em momentos de prova e de sofrimento. A título de partilha realçamos algumas dessas convicções.

«Os missionários do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria – declara o Capítulo provincial 1980 – formam uma *Congregação Religiosa de vida Comunitária*, numa total disponibilidade para os mais pobres e mais abandonados» (CP80.1). Sobre esta base assentaram as essenciais e programáticas orientações da Província, que nortearam os confrades ao serviço da missão, cônscios de que «temos como Projecto Comum a Vida Apostólica» (CP80,2) e «faz parte do nosso ser o carácter plurinacional e pluriracial dos membros, que devem viver unidos *em um só coração e uma só alma*"» (CP80,3). É certo que não faltaram dúvidas, algumas misturadas com os ventos da hora, os que olhavam para os poucos espiritanos angolanos e diziam «agora é a vossa hora!». Tentações!

Das características da comunidade espiritana em Angola realçadas em 1980, sublinhamos o "*amor fraterno*"; comunidade "*lugar privilegiado de evangelização para a própria comunidade*"; comunidade "evangelizadora"; comunidades "abertas" pela solidariedade ao clero local, a outros obreiros apostólicos, às comunidades cristãs e ao laicado»; «comunidades caracterizadas por um espírito de alegria e esperança» (CP80.).

A dinâmica espiritana da jovem Província, desde o início privilegiou a governação por "*Zonas*" ou "*Comunidades regionais*", reconhecidas mais

[7] Cf. Capitulo Provincial de 1995, *cap. Vida Apostólica*, pág 15.

[8] Cf. Capítulo Provincial de 2002, cap. A nossa Missão em Angola, hoje.

tarde pelo Capítulo provincial de 1988 como *«estruturas criadas em Angola, devido às circunstâncias do tempo, que deram bons frutos e, por isso, têm servido e continuam a servir para viver e fazer viver, na província, o carisma da Congregação e o projecto apostólico nas nossas comunidades»* (CP88,4).

O Capítulo Provincial de 1995 ocorreu num momento histórico de particular densidade de factos: Angola e os seus habitantes estavam sobejamente fatigados da guerra dos *"20 anos pós independência"*; o protocolo de Lusaka leva a sonhar mil e uma coisas de bem, paz, reconciliação, mas ao longe, embora bem perto de certas diabólicas intenções políticas, o firmamento adensava-se de nuvens com cheiro a novos confrontos. O que, infelizmente, veio a acontecer. É neste palco, já acima descrito, que a Província se reanima nas suas convicções e afirma que «a vida comunitária é sempre possível, quando os seus membros se apresentam com a predisposição e a vontade de a viver, na abertura e na disponibilidade de uns com os outros» (CP 95, 2.1), especificando e concretizando o projecto de vida comunitária que exige Comunidades abertas "nos seus membros", "no acolhimento", "no projecto comunitário", "na planificação pastoral", "nas economias da comunidade", e desaguando na dimensão da *internacionalidade das nossas comunidades*, nas situações de *espiritanos vivendo sozinhos* e nas conflituosas realidades *de confrades em dificuldade*.

É neste palco, já acima descrito, que a Província se reanima nas suas convicções e afirma que «a vida comunitária é sempre possível, quando os seus membros se apresentam com a predisposição e a vontade de a viver, na abertura e na disponibilidade de uns com os outros»

Bem mais perto de nós temos o Capítulo Provincial de 2002, celebrado em ambiente festivo e de jubileu dos "25 anos da Província", numa hora que ainda não fazia sonhar o que viria a acontecer acerca da mudança dos tempos de guerra para tempos de paz. Mas as constatações feitas, como vimos acima, continuam a ser interpelação, porque a paz vai levar mais tempo a construir do que levou a guerra a destruir. Daí a urgência em priorizar as orientações tomadas, claramente visíveis no que de positivo o Capitulo constatou: *«Positivamente, a consciência do povo como participante activo na procura da paz e nas questões sociais cresceu consideravelmente; nota-se também um maior empenho da Igreja e da sociedade civil na procura de uma solução pacífica para o país. É notória uma maior liberdade de expressão, pelo menos na capital do país, havendo a sublinhar a coragem de muitos jornalistas; neste contexto, é salutar o impacto da Rádio Ecclesia e de alguns jornais privados. Por outro lado, deixam entrever dias melhores os Protocolos assinados entre a Igreja e o Governo, no plano da Educação e de Registo de Menores»*[9].

4. Conclusão e desafio

Ao recordar os passos vividos, gostaríamos de continuar a clamar pelas implicações missionárias do nosso *"cor unum et anima una"*. Que o jubileu dos 25 anos seja semente de maior unidade entre nós, ad intra e ad extra. Que o jubileu nos dinamize e encoraje na busca de caminhos novos, rumo à evangelização com «maior ardor, novos métodos e novas expressões».

[9] Cf. Capítulo provincial de 2002, Doc. A Nossa missão em Angola hoje.

congregação do espírito santo e do imaculado coração de maria II parte: de libermann até à sua morte

"Quando Libermann pensou em fundar a 'Obra dos Negros' para a evangelzção dos escravos de Bourbon (ilha da Reunião) e dos habitantes do Haiti, pensou em agregá-la a uma Congregação já existente, naturalmente à Congregação do Espírito Santo, também destinada a evangelizar os pobres. Libermann estava intimamente convencido de que Deus queria a fusão das duas Congregações: Existindo separadamente, as duas Congregações correrão sempre o risco de certa rivalidade, embora o seu fim não seja absolutamente o mesmo, e, por conseguinte, far-se-ão mal uma à outra. A reunião completaria a Obra do 'Espírito Santo' e favoreceria a nossa... Reunidos, teremos todos os meios que a nossa Congregação não tem. Oficialmente a Congregação do Santíssimo Coração de Maria desaparecera, mas na realidade ela continuou como nova seiva em tronco antigo. "O 'Espírito Santo' continuou, mas "o patrocínio da Imaculada Conceição foi substituido pelo do Imaculado Coração de Maria."

3. Libermann, continuador da Congregação

Jacob Libermann nasceu em Saverne, na província da Alsácia (França) em 12 de Abril de 1802, de uma família judaica constituida por Lázaro Libermann e Lia Suzana Haller. Esta, que faleceu quando Jacob tinha 11 anos, deu ao marido cinco rapazes e uma menina, família verdadeiramente abençoada por Deus, pois todos estes rapazes se converteram ao Catolicismo.

---

* Missionário espiritano. Actualmente vive em Godim, Portugal. Continua a sua investigação e estudo das fontes espiritanas. Cf. Missão Espiritana nº 1, p.75

Entre eles distinguiram-se Jacob e o irmão mais velho, Sansão, que recebeu o baptismo juntamente com a esposa, Maria Antonieta, e uma filha pequenina. Mais tarde o P. Libermann classificá-los-á como modelos da paróquia. De facto, este casal teve sete filhos, três rapazes e quatro meninas.

Dos rapazes, um foi membro da Congregação fundada pelo tio, outro foi médico, como o pai, e o terceiro seguiu a carreira das armas, tendo chegado ao posto de Governador militar de Paris.

"Tu não só te hás-de converter, como até hás-de ser padre"

Das filhas, três foram religiosas, e a quarta viveu na terra, 'como lírio entre espinhos', apenas trinta anos: **ínclita geração!**

Foi a cunhada, Maria Antonieta, que um dia disse a Jacob: *"Tu não só te hás-de converter, como até hás-de ser padre"*. Assim aconteceu. Cerca de um ano mais tarde, Jacob recebeu o baptismo no Seminário de Santo Estanislau, em Paris, onde ficou a preparar-se para o sacerdócio, mas só uns doze anos depois é que será ordenado presbítero.

Vocação missionária de Libermann

Dois discípulos de Libermann, Frederico Le Vavasseur e Eugénio Tisserant, alunos do Seminário de S. Sulpício de Paris, tiveram a ideia, por certo inspirada por Deus, de fundar uma associação de padres, para irem evangelizar as ilhas de Bourbon (Reunião) e Haiti, donde eram, um natural, e o outro oriundo, por parte da mãe.

Informaram do projecto, a que já tinham aderido vários seminaristas, aquele que, embora ainda simples acólito, era já o mestre dos noviços dos Eudistas em Rennes, o mesmo Libermann.

Nas férias grandes de 1838 Le Vavasseur foi passar alguns dias com ele em Rennes, onde lhe falou das condições infra-humanas em que viviam os habitantes da sua ilha. Libermann ficou impressionado, mas não aderiu ao projecto, pois nunca sentira vocação missionária.

Em 2 de Fevereiro de 1839, o P. Desgenettes, pároco de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, fundador da Arquiconfraria do mesmo nome, lançou uma cruzada de orações pelos Negros, depois de ter recebido duas cartas, independentes, de Le Vavasseur e de Tisserant.

Em fins de Fevereiro ou princípios de Março, Le Vavasseur expôs, por escrito, a Libermann os pormenores do seu plano. Libermann respondeu-lhe a encorajá-lo na sua realização.

Em 18 de Março, Tisserant apresenta, também por escrito, o mesmo plano a Libermann, que, oito dias depois, o exorta a juntar-se a Le Vavasseur e dá-lhes os princípios para uma boa arrancada.

Nas férias do verão seguinte, Libermann passa alguns dias com os dois em Issy, e ajuda-os a organizar a que será chamada, a princípio, 'a Obra dos Negros'.

Deus deu-me uma luzinha

Até então Libermann nunca sentira vocação para essa Obra. Mas na festa dos apóstolos S. Simão e S. Judas, em 28 de Outubro de 1839, Nosso Senhor deu-lhe 'uma luzinha'.

Demos a palavra ao mesmo Libermann: "O bondoso Senhor de La Brunière – um dos entusiastas da 'Obra dos Negros ' – é todo negro (isto é, amigo dos Negros) e eu alegro-me com isso... Ontem, à tarde, veio ter comigo para me levar a oferecer a Deus a sagrada comunhão na festa dos apóstolos S. Simão e S. Judas, por intenção dos nossos queridos Negros.

Assim fizemos e Deus deu-me uma luzinha, que ainda não quero comunicar-lhe - é a Le Vavasseur que escreve -, pois quero primeiro deixar amadurecer esta ideia na presença de Deus, para que, se tal for do agrado da Sua Divina Bondade e do agrado do Seu caríssimo Filho, esta luzinha aumente e se torne luz mais clara"[1].

Libermann é nosso

Após ter recebido esta 'luzinha', Libermann, como costumava fazer em circunstâncias importantes , pediu conselho a Deus e aos homens. Todos os consultados eram de opinião que devia deixar o noviciado de Rennes para se dedicar à 'Obra dos Negros'. Decidiu, pois, sair e comunicou a sua decisão aos amigos, entusiastas da Obra. De novo se ouviu, solto por eles, o grito de entusiasmo dos Eudistas, quando Libermann deixou Issy e foi para Rennes: *'Libermann é nosso!'. "Mas podemos muito bem dizer que tudo isto vem de Deus, pois nós nem sequer pensávamos em tal"*[2].

"Consultei Deus, consultei os seus mais prudentes e mais zelosos servos... e todos unanimemente decidiram que devo partir"

Em 30 de Novembro de 1839 Libermann comunica ao Superior dos Eudistas a sua decisão inabalável de sair de Rennes: *"Consultei Deus, consultei os seus mais prudentes e mais zelosos servos... e todos unanimemente decidiram que devo partir"*[3].

De facto, em 3 de Dezembro, festa de S. Francisco Xavier, no mesmo dia em que o papa Gregório XVI, com a sua bula - 'In Supremo Apostolaus', condenava a escravatura e o tráfico dos Negros, que um dia o mesmo Libermann classificará de 'infame'.

Em 7 de Dezembro chega Lião, após uma breve passagem por Paris, hospedando-se em casa dos Ozanan.

Em Marselha juntou-se-lhe o Sr. Máximo de La Brunière. No dia 8 foi em peregrinação a Nossa Senhora de Fourvière, onde obteve a graça da paz interior. Sente então, por assim dizer, uma alma nova.

Libermann em Roma

No dia 1 de Janeiro de 1840 embarca em Marselha para Civita-Vechia. No dia 6 está já em Roma, hospedando-se na pensão Jourdan, donde, meses depois, passa para as águas furtadas de um tal Patriarca, no 'Vicolo del Pinaco, n. 31', actualmente reconstruidas no Seminário Francês, de Roma. A luz entrava nelas por um simples janelo. Uma pequena mesa e uma cadeira eram todo o seu mobiliário. A alimentação ia partilhá-la na sopa dos pobres, distribuida às portas dos conventos.

[1] ND II, Ibid e C.S. nº7.

[2] Ibid.

[3] Memorial do P. Tisserant, ND III, pp. 25-26

Logo após a chegada, começa a dar os primeiros passos para se ambientar; faz consultas sobre as diligências a fazer na Cúria Romana; avista-se com o seu amigo David Drach, então director dos Arquivos da Propaganda Fide, que, em 17 de Fevereiro, o apresenta, juntamente com o Sr. De La Brunière ao Papa Gregório XVI.

"aquele a quem pus a mão na cabeça quem é?" E depois de informado, acrescentou: 'será um santo'

Ao sairem da audiência, perguntou o Santo Padre, que retardara um pouco o passo: "aquele a quem pus a mão na cabeça quem é?" E depois de informado, acrescentou: 'será um santo'.

Em 11 de Março de 1840, Libermann redigiu um 'Pequeno Memorial', que entregou em 27 do mesmo mês, a Mons. Cadolini, Secretário da Sagrada Congregação da Propaganda.

Em 11 de Abril, esta pediu informações sobre Libermann ao Núncio em Paris, que as deu logo em 18 de Maio, e muito positivas.

As audiência do Cardeal

Depois, mais de uma vez, o Cardeal o recebeu em audiência. A uma dela se refere Libermann em carta ao P.Le Vavasseur: "Fez-me o mais gracioso acolhimento e reteve-me durante três quartos de hora, colhendo informações sobre a nossa Obra, como alguém que tinha por nós o maior interesse. Disse-me as mais animadoras palavras; depois acompanhou-me até à última porta dos seus aposentos e disse-me estas palavras de despedida: "coragem, muita coragem, Sr. Libermann, numa obra tão bela como a vossa!"

"coragem, muita coragem, Sr. Libermann, numa obra tão bela como a vossa!"

Deserção do Sr. De La Brunière

O humilde acólito, porém, era já vítima das más línguas. Por várias pessoas era tido por desiquilibrado, histérico: um simples acólito e, para mais, epiléptico, com pretenções a fundador de uma obra de padres! E conseguem afastar dele quem estava destinado a ser o chefe da Obra que se propunham fundar, o Sr. de La Brunière.

De facto, em fins de Março, este seminarista renunciava a tomar parte no projecto. Após ter feito um retiro, retirou-se de Roma e entrou nas Missões Estrangeiras de Paris, vindo a morrer mártir, algum tempo depois, quando já eleito vigário apostólico no Extremo-Oriente. Não chegou, porém, a receber o episcopado.

Ao seminarista Jean Luquet, também candidato à Obra dos Negros, levado ao desânimo, devido à deserção de La Brunière, Libermann escreveu: 'o quê? desanimar só porque nos deixou um homem de talento e fortuna? Sim, teremos dificuldades, como eu já tive outras, mas vencê-las-emos". No entanto, Luquet também abandonou o projecto e, como de La Brunière, também ele foi para a Índia, onde foi eleito bispo auxiliar de um vigário apostólico, tendo, mais tarde, prestado em Roma vários serviços a Libermann Os homens de mais valor deixavam Libermann: Deus queria mostrar que a Obra era Sua.

Restavam poucos dos numerosos entusiastas do início. Contudo, permaneciam fiéis os dois primeiros, considerados co-fundadores com

Libermann: Le Vavasseur e Tisserant, este já padre e nomeado subdirector da Arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias em fins de Julho de 1841, e auxiliar do pároco, P. Desgenettes.

No fundo da alma de Libermann existia uma grande esperança e, por isso, continuava a trabalhar na redacção da Regra, que chamou 'Regra Provisória'.

Peregrinação a Loreto

A Sagrada Congregação da Propaganda aprovara o projecto da 'Obra dos Negros', mas, para Libermann ficar à frente dela, "tinha primeiro de ser ordenado sacerdote". Mas quem aceitaria ordená-lo? Chegara a pedir cartas dimissórias à arquidiocese de Paris, mas não as obteve: certos elementos da Cúria estavam cheios de má vontade contra ele.

Havia já três anos que Libermann não tinha ataques de epilepsia, mas não estava curado. Que fazer, pois? Confiar a direcção da Obra a outro e ele retirar-se para qualquer lugar ermo da Itália, para ali viver só com Deus? Foi para O consultar, através de Maria, que iniciou uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Loreto, em Novembro-Dezembro de 1840. A principal intenção da peregrinação "era consultar o Coração de Maria sobre a resolução a tomar..."

No regresso a Roma, encontrou a resposta da Divina Mãe numa carta do Dr. Sansão: o Sr. Bispo de Estrasburgo estava disposto a ordená-lo.

Tratou, pois, imediatamente do regresso à França. Embarca em Civita-Vechia para Marselha, em 9 de Janeiro de 1841. Em 23 de Fevereiro entra no Seminário de Estrasburgo, "para recordar a teologia", escreveu ele, e preparar a ordenação.

Finalmente padre

Entrementes, alguém falou mal de Libermann ao Sr. Bispo de Estrasburgo, que hesitou em o ordenar. Todavia, D. Eduardo Collier recentemente nomeado Vigário apostólico da Maurícia, aceita no seu vicariato o P. Tiago Laval e oferece-se para incardinar no mesmo quer Libermann, quer os seus demais companheiros da Obra dos Negros.

Em 18 de Setembro de 1841, D. João Maria Mioland, bispo de Amiens, ordena presbítero na sua capela particular, a Libermann, após doze anos de dolorosa espectativa.

No dia 25 celebra a primeira missa da Congregação do Santíssimo Coração de Maria, na igreja de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, assistido pelo pároco, P. Desgenettes.

"Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor" foi o sentimento espontâneo que brotou da alma de Libermann após a ordenação.

No dia 27 de Setembro de 1841 entram em La Neuville, perto de Amiens, três desconhecidos, que vão tomar posse de uma propriedade do Sr. Bispo, por ele alugada para servir de noviciado de uma nova Congregação. São eles Francisco Libermann, Frederico Le Vavasseur e João Cláudio Collin. O primeiro será o mestre dos noviços, que vai consagrar-se

"Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor" foi o sentimento espontâneo que brotou da alma de Libermann após a ordenação

'inteirinho', segundo expressão de Le Vavasseur, à formação dos seus noviços, os outros dois.

4. Tentativas de fusão

Quando Libermann pensou em fundar a 'Obra dos Negros' para a evangelização dos escravos de Bourbon (ilha da Reunião) e dos habitantes do Haiti, pensou em agregá-la a uma Congregação já existente, naturalmente à Congregação do Espírito Santo, também destinada a evangelizar os pobres.

De facto, quando em Roma redigia a Regra provisória da sua Congregação, homens de grande virtude diziam-lhe que o único meio de triunfo de tal Obra era agregá-la a uma Congregação já existente. Embora já antes tivesse pensado em agregá-la à Congregação dos Eudistas, a do Espírito Santo era realmente a mais indicada.

Criar uma Congregação, independente desta, era 'levantar altar contra altar'. Reconhecia Libermann a verdade desta ideia por duas razões principais: o nome do 'Espírito Santo', que podia atrair as boas disposições dos Bispos a favor da Obra; e outra razão, mais forte ainda, era parecer essa a vontade de Deus[4].

O servo de Deus reconhecia que, por então, essa união era impossível. Contudo, por considerção por esses homens, fez as tentativas que lhe foram propostas. Escreveu ao P. Pinault, do Seminário de S. Sulpício, enviando-lhe o 'Memorial', que tinha redigido e endereçado à Propaganda Fide, para tratar do acordo com os Padres do Espírito Santo. O P. Pinault foi bem recebido pelo P. Fourdinier, que "louvou muito o motivo que nos levava a interessar-nos por almas tão abandonadas – é o P. Tisserant, companheiro de Libermann, que fala – e prometeu dar-nos a possibilidade de "servir numa das colónias".

Em nova entrevista, desta vez com o Sr. Frederico Le Vavasseur, este entrou em pormenores quanto ao acordo. Tratava-se de uma simples agregação, pois "nós – são ainda palavras do' Memorial do P.Tisserant' – não podíamos fundir-nos com o 'Espírito Santo', porque, com isso, perderíamos o nosso fim específico e o nosso espírito próprio. Sem pertencermos à Congregação do Espírito Santo, deveríamos, até certo ponto, ficar sob a autoridade do Superior desta Comunidade..."[5]

Pensámos que o bem dos nossos padres e dos fiéis exige que façamos com os nossos missionários um só corpo

A sequência dos factos mostrou que a intenção do P. Fourdinier, ao louvar a proposta feita pelo P. Pinault, era simplesmente aceitá-la para realizar o seu plano de Congregação, idealizado em 1836, de reunir na Congregação do Espírito Santo todos os missionários nela formados ou enviados para as missões. "Pensámos que o bem dos nossos padres e dos fiéis exige que façamos com os nossos missionários um só corpo. Desejamos, pois, associá-los a nós". Este plano fora apresentado à Propaganda Fide pelo P. Fourdinier em Janeiro de 1836.[6]

[4] ND. II, p. 11

[5] Ibid. pp. 11-13

[6] APF, Africa - Ang. Vol. 6, fls. 524 rv

Em Julho seguinte regozijava-se o P. Fourdinier por a Propaganda o ter aceite: *"Soube com verdadeira alegria, que a Sagrada Congregação aprova o meu projecto de estender a nossa Congregação ao clero das Colónias"*[7].

A Congregação de Libermann apresentava-se, pois, ao P. Fourdinier como providencial para a realização deste projecto. "A fusão com o 'Espírito Santo', segundo Libermann, estava na ordem da Providência", mas "com a condição de viverem segundo as regras que desejavam adoptar..."[8].

Quando Le Vavasseur lhe fez tal proposta, o P. Fourdinier tratou os seus planos de "projectos de cabeças jovens". O projecto, por então, ficou gorado [9].

União com 'Santa Cruz'?

Pensou-se depois na união do 'Santíssimo Coração de Maria' com a Congregação de 'Santa Cruz', do P. Moreau. A propósito deste projecto, escreveu Libermann ao P. Tisserant: *"Peça Maria que não nos deixe agir contra os interesses dos nossos queridos Negros, nem nos deixe também ficar inactivos, se esta união for do agrado do seu Bem-amado Filho"*[10].

De facto, no início de Fevereiro de 1842, chegou a La Neuville o P. Boucher, da Congregação de Santa Cruz, de Mans, a propor a Libermann a junção das duas incipientes Congregações. A de Santa Cruz fora criada para os seminários menores e as missões de França.

Na primeira entrevista Libermann fora fraco. Estava então sob o peso de uma profunda aflição, devido a uma grande tentação do seu braço direito, o P. Le Vavasseur, que queria abandonar a Congregação. Por isso, desejava Libermann que um outro ficasse encarregado da Obra. Ficou, pois, contente com a proposta, na esperança de que o Superior de 'Santa Cruz' ficasse como superior no seu lugar, o que seria uma falta, da parte de Libermann.

Este, porém, reagiu contra tal fraqueza, de que sentiu vergonha diante de Deus e da boa Mãe, prometendo suportar todas as aflições, de preferência a trair os interesses da sua Congregação e dos Negros[11].

Os negociadores tinham previsto uma segunda viagem, desta vez de Libermann, ao Mans, viagem sobre a qual o mesmo Libermann escreveu: *"A viagem ao Mans... deixo-a... entregue à Vontade Divina. Se Nosso Senhor quiser a união, fornecer-nos-á os meios para isso"*[12].

Deus não a queria e, por isso, a viagem não se realizou.

Altar contra altar

Em Fevereiro de 1842, o P. Le Vavasseur partiu para a ilha de Bourbon e pouco depois partiam os PP. Collin e Blanpin. A Sagrada Congregação da Propaganda informou disso o Superior do 'Espírito Santo', que reagiu nos seguintes termos: *"Recebi a carta que V. Eminência fez a honra de me dirigir*

---

[7] APF, Collegi Vari 1 (CV. 47), fls 469 r- 470 r

[8] ND. Compl., pp. 55-56

[9] ND II, pp. 89-90

[10] Em 18. 02. 1842 – ND. III, p. 159

[11] Cf. Memorial do P. Tisserant

[12] ND. III, p. 152

em 29 de Setembro, a informar-me de que a Sagrada Congregação tinha destinado dois padres, apresentados pelo P. Libermann, a fim de irem para Bourbon... Diz-me V. Eminência que verá com prazer que eu favoreça este envio.

Os desejos de V. Eminência para mim são ordens...; no entanto..., estou longe de estar convencido de que estes padres, no meio dos nossos, e com as disposições em que está a maior parte dos seus habitantes, façam o bem que se espera e que eu, de todo o coração, desejo."[13]

Estava levantado "o altar contra o altar."

A carta do P. Fourdinier continua: *"Dizem que são padres provados, e, no entanto, à excepção do P. Libermann , são jovens, de que a maior parte ainda não são padres... Não será de surpreender que, estando ainda na nascença e tendo tão pouca gente, se apresentem para as nossas Colónias, depois de terem prometido ao Sr. Bispo de S. Luis (América do Norte) cinco padres para formarem uma comunidade na sua vasta diocese?"*

O P. Fourdinier prossegue ainda: "Não será de recear que, na pressa de o Prefeito apostólico de Bourbon conseguir estes padres e fazê-los nomear pela Propaganda, sem eu o saber, não haja mais a intenção de chegar ao fim, que se propõe, de se separar de nós, do que procurar o bem das almas?!"

Está declarada a guerra

Está declarada a guerra. O P. Fourdinier é contra a Obra do P. Libermann. Este já o reconheceu: "O P. Fourdinier é-nos totalmente oposto. Fará tudo o que puder por nos prejudicar, pois crê na sua alma e consciência, dever fazê-lo".

Libermann desculpa-o sempre: *"Aniquilar-nos-ia, se pudesse. É um santo homem, que julga fazer bem em querer destruir-nos. Pessoalmente procuro prestar-lhe todos os serviços que posso e amo-o e respeito-o sinceramente."*[14]

"O P. Fourdinier – escreve Libermann aos seus missionários de Bourbon – diz que... dentro em breve não vos deixarão ficar em Bourbon, pois não querem lá outra Congregação, além da do 'Espírito Santo. Não creio que isso seja verdade, mas, se o for, farei todos os esforços por resistir a tal determinação, se vier a ser tomada. O santo homem continua a ser-nos oposto. Seria perigoso para nós, se tivesse muito poder, pois faz tudo por nos arruinar, e isto com a melhor das intenções e por zelo pelo bem. Mas creio que se enganou quanto ao receio do mal que poderíamos fazer ao 'Espírito Santo'."[15]

Na primeira quinzena de Março de 1843, Libermann teve uma entrevista com ele. *"Foi muito amável comigo – escreveu depois – Mostrou-me tudo o que se refere à sua Sociedade. Conversou comigo durante hora e meia, com muita cordialidade. Disse-me que, mais tarde, quando tivermos mais gente, nos oferecerá a grande ilha de Madagáscar."*[16]

---

[13] Carta ao Cardeal . Prefeito

[14] ND IV, p. 126

[15] ND VI, p. 323

[16] Ibid. , p. 330

Quando, porém, se proporcionou a ocasião de Libermann enviar missionários para lá, o P. Fourdinier opôs-se. *"Quanto a Madagáscar – escreveu Libermann – o Ministério recusou-nos o enxoval e a pensão aos nossos missionários. O P. Fourdinier é um santo homem. Foi ele que venceu a questão e eu não estou aborrecido com isso."*[17]

"É um santo homem, piedoso, que se opõe ao bem com boa intenção, estou certo disso."[18] *Deus encarregou-o da sua Congregação: é natural que procure defendê-la de todos os que ele teme. Vou, no entanto, fazer-lhe ver que nada desejamos mais ardentemente do que a existência do 'Espírito Santo' e que estamos muito longe de o suplantar".*[19]

A Propaganda perde a confiança no P. Fourdinier

Já em carta de 22 de Janeiro de 1842, o Núncio apostólico em Paris propunha ao Card. Prefeito da Propaganda que se entregasse a Libermann a direcção do Seminário do 'Espírito Santo'. *Creio* – escrevia ele – *que o P.Libermann e os membros da sua Congregação não fariam dificuldade em aceitá-la..."*[20]

Noutra carta, sem data mas provavelmente de fins do mesmo ano, o P. Fourdinier escreve ao Cardeal: *"Eu tinha pedido a V. Eminência que me enviasse pelo Sr. Núncio folhas em branco para os missionários... Não as recebi. Espero que tenha sido efeito de esquecimento... Se fosse por a Propaganda já não ter confiança em mim, ficaria muito triste, e apenas poderia consolar-me o pensamento de só a calúnia ter podido atrair sobre mim tamanha desgraça, pois não me lembro de ter feito nada que pudesse ter-ma merecido..."*[21]

A Propaganda deve tê-lo tranquilizado, embora realmente, de momento, não tenha em Fourdinier a confiança que tivera antes e que tivera sobretudo nos seus antecessores.

O P. Fourdinier escreve novamente em carta de 22 de Março de 1843: *"Tive uma grande consolação, Eminência, ao saber que a Sagrada Congregação tinha querido dar-me uma prova de confiança, enviando-me as folhas dos poderes. Desde há 25 anos que consagro o meu trabalho e sacrifico a minha saúde à obra das Missões das Colónias, sem qualquer interesse pessoal. Será sempre para mim recompensa muito agradável, a única que ambiciono neste mundo, ter prova de que os meus cuidados e trabalhos são agradáveis à Sagrada Propaganda e, pelo facto mesmo, ao nosso Santo Padre. Tive, e sempre terei, sem dúvida, pessoas que interpretaram mal a minha acção e me caluniaram. Quanto a mim, pus e porei a minha confiança na Divina Providência, que se encarregará da minha defesa".*[22]

Pus e porei a minha confiança na Divina Providência, que se encarregará da minha defesa

No entanto, a Propaganda insistia, mais uma vez, com o P. Fourdinier para que fizesse boa selecção do clero das Colónias. Daí fazer o P. Fourdinier

[17] ND VI, p. 131
[18] ND. VI, p. 472
[19] Ibid. p. 473
[20] Ibid. p. 330
[21] ND – Ap. ao T.I.X., pp. 97-99
[22] APF, America-Antille, Vol. 7, fls. 610 rv

"algumas observações sobre as ordens que a Sagrada Congregação lhe dera, de guardar bastante tempo no Seminário os padres que queiram ir para as Colónias...", *tentando defender-se das acusações que lhe faziam de não provar suficientemente os padres a elas destinados*".[23]

Um mês depois, a Propaganda volta à carga: "*Convém insistir em que os candidatos cumpram o tempo de prova, antes de partirem para as Missões.*"[24]

Em 16 de Fevereiro de 1844, o P. Fourdinier, referindo-se à "instrução dos escravos", escreve: "*Em geral, os missionários que estão há muito nas Colónias têm menos zelo por esta instrução, imbuidos dos antigos preconceitos contra os Negros...*"[25]

Talvez em resposta a esta carta, a Propaganda escreve-lhe em 13 de Março seguinte, "sobre a escolha dos missionários e sobre o incitamento à conversão dos Negros".

A Congregação perdeu decididamente a confiança no P. Fourdinier e insinua ao Núncio Apostólico em Paris o seu afastamento: "*Gli si insinua di procurar l'allontanamento di questo Superiore*".[26]

Mas quem havia de substituí-lo?

Morte do P. Fourdinier

Em 14 de Outubro de 1842 escreveu Mons. Poncelet, prefeito apostólico de Bourbon, a Mons. Cadolini, secretário da Propaganda, referindo-se ao P. Fourdinier: "*O Superior do Seminário está em tal estado que a cada momento se receia vê-lo descer ao túmulo. E o que nos desola é não haver quem possa substituí-lo...*"[27]

Deus levou-o para Si em 5 de Janeiro de 1845. No dia 10 do mesmo mês, depois de se ter referido a vários assuntos, escrevia Libermann à Madre Javouhey: "*Assim estavam as coisas, quando soube, pelo 'Ami de la Religion', da morte do P. Fourdinier.*"[28]

A observação de Mons. Poncelet, acima referida, era justa. Apesar dos seus defeitos, o P. Fourdinier era um homem de Deus, de real valor, sem ninguém, dentro da Congregação, à altura de lhe suceder.

Nova tentativa de fusão

Libermann estava intimamente convencido de que Deus queria a fusão das duas Congregações. Com o P. Aimable Fourdinier fora impossível. E agora com o seu sucessor, P. Alexandre Leguay? Ia tentar de novo.

Três anos após a fundação do noviciado de La Neuville, este crescera tanto, que a casa já não chegava. Em 23 de Janeiro Libermann escrevia a uma correspondente: "*O que poderá impedir-nos de construir em La Neuville é que talvez, no futuro, a Divina Providência nos leve para Paris. Mas, como*

[23] Ibid., APF, fls. 381r-382v

[24] Ibid.

[25] APF, Lettere, Vol.327, fls. 329-330

[26] Ibid. Lettere, Vol. 331, fls 154rrv. - carta de 14 de Dezembro, 1944

[27] Ibid. Lettere, Vol. 331, fls. 933 rv.

[28] APF, Isole dell' Oceano Aust., Vol. 3, fls. 466r - 467v

ainda não vejo nenhuma abertura, não posso, enquanto esperamos, deixar a casa como está, sem capela e sem quartos em número suficiente".[29]

Este pensamento de no futuro irem para Paris estava, sem dúvida, relacionado com a fusão das duas congregações. Libermann viu uma abertura para ela na morte do P. Fourdinier.

Em fins de Fevereiro de 1845 expôs ao P. Inácio Schwindenhammer, que virá a ser seu sucessor no governo da Congregação, o resultado de uma longa meditação sobre a união das duas congregações. *"Celebrámos hoje* – escreve – *a festa de S. Matias. Ocupei-me a sério, na presença do bom Mestre, da questão do 'Espírito Santo'. Quanto mais avanço, mais vejo grandes dificuldades no êxito... Da nossa parte estamos à altura; temos o pessoal necessário; mas isso não é tudo. As dificuldades virão de outro lado."*

Quanto mais avanço, mais vejo grandes dificuldades no êxito... Da nossa parte estamos à altura; temos o pessoal necessário; mas isso não é tudo. As dificuldades virão de outro lado

"Além disso – prossegue – *confesso-lhe que me custa imenso procurar a destruição do 'Espírito Santo' para nos colocarmos no seu lugar. É penoso construirmos sobre as ruinas de outrem. Receei muito fazer quaisquer tentativas, receoso de que Nosso Senhor as não aprovasse. Fi-las, no entanto, com o pensamento de que, se tal não fosse a vontade de Deus, não teriam êxito... Pensei, pois, de novo na nossa união com o 'Espírito Santo'..., união que teria grandes vantagens por um lado e traria enormes dificuldades por outro. Isto trar-nos-ia dissabores. Mas nós não devemos procurar senão a glória do Mestre... Se desta união não resultarem para nós senão dores, curvemos os ombros e carreguemos o fardo, contanto que a união faça avançar a Obra de Deus..."*

Libermann prossegue: "Parece-me que, considerando as coisas no seu conjunto, resultariam da união grandes vantagens. A Obra do 'Espírito Santo' e a nossa teriam um êxito mais fácil, mais sólido, mais vasto e completo.

Existindo separadamente, as duas congregações correrão sempre o risco de certa rivalidade, embora o seu fim não seja absolutamente o mesmo, e, por conseguinte, far-se-ão mal uma à outra. A reunião completaria a Obra do 'Espírito Santo' e favoreceria a nossa... Reunidos, teremos todos os meios que a nossa Congregação não tem. Não teremos mais qualquer obstáculo e teremos todas as facilidades em executar os nossos projectos; teremos o auxílio do Ministério e uma vantagem ainda maior: seremos uma congregação aprovada pelo Governo... Os nossos trabalhos terão muito maior solidez...."

Quando vejo tudo isto, estou pronto a sofrer todas as penas e aflições, que pudessem provir desta união, contanto que em nós se faça a vontade de Deus, quanto à salvação de tantas almas abandonadas

O servo de Deus termina a sua meditação com estas palavras: *"Quando vejo tudo isto, estou pronto a sofrer todas as penas e aflições, que pudessem provir desta união, contanto que em nós se faça a vontade de Deus, quanto à salvação de tantas almas abandonadas. Confesso-lhe que nenhuma pena pode igualar as angústias mortais... que sinto, ao ver perderem-se tantas almas; ao ver tantos trabalhos a empreender e, ao mesmo tempo, tão poucas forças nas nossas mãos para os executar..."*[30]

"Tendo examinado as dificuldades que poderiam surgir desta união, - escreveu também Libermann à Madre Javouhey em 9 de Março de 1945 – *não as*

[29] ND VII, p. 13

[30] APF, Isole dell' Oceano Aust., Vol. 3, fls. 466r - 467v.

encontrei sérias nem dignas de atenção para a impedir. O Seminário do Espírito Santo... conservaria o seu nome, e a Obra especial dos Negros permaneceria sob a protecção do Santíssimo Coração de Maria. No mundo chamar-nos-iam 'Padres do Espírito Santo', mas isso não teria importância, pois eu não me prendo a palavras..."[31]

A grande preocupação de Libermann, na efectivação do seu projecto de união, era que não desaparecesse nem o nome nem a devoção do SS. Coração de Maria. *"O nome da nossa Congregação não será destruido* – escrevia ele em Fevereiro de 1845 – *A minha ideia é que o Seminário fique sob a invocação do Espírito Santo... e a Obra dos Negros sob a protecção do Coração de Maria. Perderemos o nome perante os homens, que nos chamarão 'espiritanos'. Não nos prendamos, porém, às palavras, prendamo--nos apenas às coisas: não deixaremos de ser de Maria, os Padres do seu Santíssimo Coração... Ficar-nos-á a devoção e a protecção do SS. Coração de Maria; ficar-nos-á o espírito da Congregação...O SS. Coração de Maria não pode ficar esquecido entre nós. Não podíamos esquecer o título que nos gerou. Pregaremos muito esta devoção no noviciado, devoção que é tudo para os nossos missionários..."*[32]

O Núncio quer confiar o Seminário a Libermann

A intenção da Propaganda, ao pensar no afastamento do P. Fourdinier, não era a de o substituir por outro espiritano, mas sim confiar o Seminário à Congregação de Libermann.

"O Núncio é-nos muito afeiçoado; quer a toda a força que o Seminário do Espírito Santo nos seja entregue. Sinto-me aterrado com isso. O bem a fazer é imenso, mas a dificuldade é ainda maior. Não dei para isso um passo sequer, nem o darei. O Núncio escreveu à Propaganda nesse sentido. Por mim, eu nada ousarei pedir, nem nada ousarei recusar. Conservo-me na negativa e deixo agir a Providência Divina."[33]

Se ficarmos encarregados do 'Espírito Santo', teremos enormíssimas penas. É tão difícil governar esta Obra! Mas os resultados para o bem da Guiné serão imensos, talvez mesmo para o bem de Madagáscar e das Colónias

"O Núncio é todo por nós – escrevia Libermann a outro correspondente. – *O Cardeal sê-lo-á também, pelo menos tanto como ele... Eu disse ao Núncio que poderíamos fornecer dois professores e um ecónomo, além do Director. Embora o Seminário dependa directamente da Santa Sé, o Ministério tem de ser consultado sobre o assunto, pois é o Governo que paga as pensões."*[34]

Libermann solta, a seguir, este desabafo: *"Se ficarmos encarregados do 'Espírito Santo', teremos enormíssimas penas. É tão difícil governar esta Obra! Mas os resultados para o bem da Guiné serão imensos, talvez mesmo para o bem de Madagáscar e das Colónias."*[35]

Embora disposto a seguir a vontade de Deus, não agradava a Libermann a ideia de ficar encarregado do Seminário. *"Custar-me-ia trabalhar por nos estabelecermos sobre as ruinas de uma Congregação mais antiga que a nossa, e isto até poderia produzir mau efeito no público."*

---

[31] ND VII, pp. 69-71
[32] Ibid. p. 82
[33] Ibid. pp. 68 e ss. – carta ao P. Schwindenhammer
[34] ND VII, p. 32
[35] Ibid. p. 55

É ao Cardeal Prefeito que Libermann escreve, e informa-o da proposta que fez ao Núncio: "Devo prestar-lhe contas de uma proposta que fiz ao Sr. Arcebispo de Niceia a respeito da Obra do 'Espírito Santo', que é a de procurar a união da nossa Sociedade com a do Espírito Santo, formando das duas uma só e mesma Obra, juntando assim numa só Congregação todos os recursos tão imperiosamente exigidos pelas extremas necessidades das Colónias."[36]

Em carta de 6 de Novembro de 1845 ao P. Le Vavasseur descreve Liberman o estado de coisas que resultaria de tal união: *"Se devêssemos ficar encarregado do Seminário, os nossos missionários teriam ficado na mesma situação em que estão actualmente; continuaria a haver distinção entre o clero paroquial e os missionários do Santíssimo Coração de Maria... Se eu tivesse de consentir em ficar encarregado do Seminário, seria com profunda tristeza; sentiria todo o peso do fardo, mas... 'non recuso laborem' - não recuso o trabalho."*

Um mês depois esclarece ainda: *"Se eu desejava ficar encarregado da Obra Colonial, juntamente com os Padres do Espírito Santo, era, em parte, para ter mais facilidade e mais recursos para o estabelecimento do nosso plano em toda a sua extensão."*[37]

O 'Espírito Santo' à morte do P. Fourdinier

"A morte do P. Fourdinier - pensava Libermann - talvez pudesse dar novo rumo às coisas"[38]. "As circunstâncias são mais favoráveis do que se pode imaginar..., pois quase todas as Colónias estão sem prefeito apostólico; o P. Fourdinier faleceu, e a Sociedade do Espírito Santo está quase destruida."[39] *De facto, a Congregação do Espírito Santo continuava 'em estado de sofrimento', "tornando-se quase inútil e, frequentemente, mesmo nocivo o zelo dos seus membros"* - escreveu Libermann em Fevereiro de 1845.

Toda a gente sabe também que o 'Espírito Santo' é incapaz de dar remédio aos seus males..."[40]. Um dia antes havia Libermann escrito: *"A Comunidade do Espírito Santo... continua em desordem. Há apenas três directores, que não se entendem uns com os outros. O Sr. Núncio quer entregar-nos a Casa do Espírito Santo... Apenas espera ordens da Propaganda para agir junto do Ministro..."*[41]

Os 'três directores' a que Libermann se refere eram os PP. Gautier, Warnet e Hardy, que havia sido despedido pelo P. Fourdinier e readmitido só após a sua morte. As circunstâncias eram, de facto, tais que não se podiam desejar mais favoráveis, para tomar uma medida eficaz. *Por isso* – escreve Libermann – *propus ao Ministro a união da Congregação com a do Espírito Santo..."*[42]

---

[36] Ibid. p. 95
[37] Ibid. p. 370
[38] Ibid. p. 425
[39] Ibidem
[40] Ibid. pp. 52-53
[41] Ibid. p. 47
[42] Ibid. p. 33

Núncio, D. Garibaldi, há já três anos, isto é, em 1842 – escrevia Libermann – *propôs esta união... Agora que o P. Fourdinier já não existe, os Padres da Congregação já não levantam dificuldades... Penso que não terão repugnância em me aceitar como superior. Dou-me bem com o P. Warnet e o P. Hardy; mas temos ainda algumas pessoas de peso que nos serão opostas e poderão ter-lhes comunicado os seus preconceitos."*[43]

O P. Leguay seria contra

O P. Leguay era o vigário geral de Perpignan, perto dos Pirineus. Foi eleito superior geral da Congregação em 29 de Abril de 1845.[44]

O P. Libermann reagiu a esta eleição, em carta de 18 de Outubro seguinte: *"Tivemos esperança de podermos unir-nos com o 'Espírito Santo' para a Obra colonial... Mas isto é já quase impossível, pois estes Padres já têm superior..."*[45]

A previsão de Libermann confirmou-se, de facto, muito em breve. Para realizar o seu plano de salvação da África, que em 1846 apresentaria à Propaganda, Libermann pediu ao Governo francês que lhe fosse cedido o Senegal. Este plano foi indiscretamente mostrado no Ministério ao P. Leguay, e no Senegal a três jovens padres senegaleses. Um e outros reagiram violentamente.

"Grandes embaraços – escreveu Libermann pouco tempo depois – *foram suscitados... em consequência das perturbações resultantes da leitura do projecto de civilização da África, quer ao Superior do 'Espírito Santo', em França, quer aos jovens padres do Senegal."*[46]

"Se eu tivesse previsto que tal projecto seria mostrado a estes senhores, teria dado mais pormenores... Teria assim evitado falsas interpretações, que muito naturalmente deram às minhas intenções" que eram puras.

Libermann foi apodado de 'açambarcador, invasor'.[47]

Leguay contra Libermann

O malentendido do Senegal destruiu por completo o entendimento entre os dois superiores.[48] *"O P. Leguay* – escrevia Libermann – *imagina que por toda a parte falo mal da sua Congregação e, no entanto, em parte nenhuma o faço, não tendo dito em Roma uma só palavra em seu desabono. Talvez isto provenha de, nos começos da vossa estadia na Goreia – é ao P. Arragon que escreve – eu, aflito com a recusa absoluta de ele vos dar qualquer jurisdição e com as perturbações que lá excitavam, ter contado ao Núncio o que lá se passava... E o Núncio fez, a este respeito, severas censuras ao P. Leguay."*[49]

---

[43] Ibid. p. 81 - Carta à Madre Javouhey

[44] Ibid. p. 425

[45] APF., Collegi Vari, Vol. 1 (CV. 47), fls. 540

[46] ND VII, p. 293

[47] Ibid., pp. 326-327

[48] Cf. Ibid., p. 293

[49] Ibid. pp. 315 e 317

Roma *"censurou o P. Leguay pelo que ele fez contra nós no Senegal* – escreveu ainda Libermann – *e no Ministério também estão muito descontentes com ele..."*[50]

Quanto ao receio de que em Bourbon fizesse o mesmo, isto é, que proibisse o ministério aos padres de Libermann, este tranquilizava o P. Le Vavasseur: *"Não tenhais medo... Disseram-me formalmente na Propaganda e repetiram-no ao P. Monnet (vice-prefeito) e escreveram-no ao próprio P. Leguay, que os Superiores do Seminário do Espírito Santo não têm qualquer poder nas Colónias. Estão encarregados do Seminário, e é tudo."*[51]

Segundo carta de Libermann a Le Vavasseur, o P. Leguay *"queria, a toda a força, que abandonássemos Bourbon...; fez sempre diligências e pedidos para nos eliminar... Vendo, porém, os homens do Ministério que o P. Leguay os incomodava continuamente, falando mal contra nós, e vendo, por outro lado, que eu nunca dizia uma palavra em desabono ou contra o 'Espírito Santo', pois evito falar deste Seminário e, quando o faço, procedo sempre como se não soubesse que o P. Leguay age contra nós. Vivo já demasiado aflito por ver esta dissidência por parte de um homem que quer o bem, para ainda, por minha vez, fazer esta injúria a Deus e causar escândalo aos homens, procurando, por meu lado, importunar e dificultar o bem que o P. Leguay possa fazer."*[52]

Já em Novembro de 1845 havia Libermann escrito ao mesmo Le Va vasseur: *"O P. Leguay quer que recebamos apenas dele os nossos poderes... Faz-se muito forte com um decreto ministerial que havia já sido obtido pelo P. Fourdinier: que todos os padres que exerçam o ministério na Colónia sem autorização do Ministro serão mandados embora".*

Libermann prossegue: *"É claro que, se ele apresentar esta razão a Roma, não será bem acolhida. O Núncio pensa que o P. Leguay nem sequer tem o poder de interditar ou dar jurisdição... Se, pois, lançar sobre vós quaquer interdito, não obedeçais e continuai a exercer todo o ministério, como se nada houvesse."*[53]

Libermann sofria por se ver em oposição a um homem de Deus, zeloso do bem das Colónias, mas demasiado ciumento dos poderes que julgava ter. *"Eu bem queria escrever ao P. Leguay uma carta de reconciliação, em espírito de caridade, mas sinto-me embaraçado com receio de que se sirva contra nós do que eu lhe disser. Abandono, pois, o assunto à Divina Providência e rezo por ele."*[54]

A esperança de negociações para a fusão desvanecera-se. *"Leguay, embora um santo homem, será um obstáculo absoluto, penso eu, e não mais se poderá tratar da questão". Nem sequer "o Núncio* – acrescenta Libermann – *que queria ver-nos no lugar do 'Espírito Santo', nela se intromete já."*[55]

[50] ND VIII, p. 402
[51] Ibid.
[52] ND VII, p. 81
[53] Ibid. p. 89
[54] Ibid., pp. 367-368
[55] Ibid. p. 369

O P. Leguay e o clero das Colónias

A princípio, o P. Leguay pensou em concretizar o plano do P. Fourdinier, de fazer do clero das Colónias um só corpo. Libermann escreveu a propósito ao P. Le Vavasseur: *"Não é de recear que o P. Leguay consiga estabelecer um clero com apenas membros da sua Congregação..."*[56]

De facto, em 'nota confidencial à Propaganda', de 11 de Setembro de 1845, Leguay reconhece que *"metade do clero actualmente empregado nas Colónias francesas são homens de costumes desacreditados ou duvidosos, guiados por vil interesse ou por ambição."*[57]

Os missionários formariam um só corpo, tendo por base "a dedicação, o zelo e a comunhão de orações e boas obras

Propõe-se, pois, dar remédio a estes males, *"com uma visita geral feita por si próprio, acompanhada de retiros pastorais e seguida de uma depuração, tornada indispensável". "Isto* – acrescenta ele – *cortaria o mal pela raiz".*

Os missionários formariam um só corpo, tendo por base *"a dedicação, o zelo e a comunhão de orações e boas obras... Cada colónia enviaria ao Seminário central um delegado, que representaria os seus interesses..."*[58]

Já em Maio do mesmo ano, poucas semanas após a eleição, havia escrito ao Cardeal Prefeito: *"Dei uma volta por várias dioceses de França, com o fim de eu mesmo escolher bons candidatos... Aprovaram altamente as medidas por mim adoptadas para, de futuro, não enviar senão bons padres.*

Espero que V. Eminência se digne ajudar-me com os seus sábios conselhos, encorajar-me e prestar-me o seu benevolente apoio para a realização dos projectos que concebi, a fim de melhorar a posição da Congregação do Espírito Santo e do clero das Colónias e procurar mais seguramente a salvação das populações, a cujo bem-estar e santificação ambos se dedicam, como eu mesmo o faço de boa vontade neste momento. Terei a honra de muito brevemente enviar estes projectos a V. Eminência."[59]

Deve realmente ter sido febricitante a actividade de Leguay para, em pouco mais de um mês após a eleição, preparar o plano após consulta prévia a várias personalidades. *"Este plano* – escreveu ele – *tem a aprovação da Nunciatura, do Arcebispo de Paris e de outros bispos esclarecidos, de chefes de missões estrangeiras, de personalidades eminentes e à altura de conhecerem as necessidades das Colónias."*[60]

Esta actividade é confirmada por Libermann em carta de 27 de Junho de 1845 à Madre Javouhey: *"Sei que o Superior do 'Espírito Santo' anda em grande azáfama: traça planos, adopta medidas, faz promessas, escreve a Roma, visita, procura, persegue os principais empregados da Marinha, isto é, do Ministério da Marinha. As suas intenções são puras, os seus planos repletos de zelo, mas, sem dúvida, insuficientes."*[61]

---

[56] Ibid. p. 288

[57] ND IX, p. 27

[58] APF, Collegi Vari (C.V. 47), fls. 409 - 413v.

[59] Ibidem

[60] Ibid., fls. 541r - 542rv

[61] Ibid., fls. 542 rv

Segundo este plano, *"a Congregação teria por 'fim único' a glória de Deus e a moralização dos Negros"*[62], exactamente a finalidade da Obra de Libermann. Era natural que também o consultasse a ele, que se entendesse com ele; mas não, com Libermann não queria nada, receava-o.

Censuras e exortações de Roma

Em fins de Abril de 1846 escrevia para Roma o P. Leguay: *"Quanto ao presente e ao futuro..., a Congregação do Espírito Santo, novamente reorganizada, tomou, em conformidade com as suas constituições, a resolução inabalável de não enviar, daqui em diante, para as Missões senão os seus próprios membros, de cujo aumento se ocupa, depois de os ter bem seleccionado e preparado para este nobre fim, com o maior cuidado."*[63]

Pouco mais de um ano depois, era a Propaganda que lhe escrevia a ele: *"Recebeu-se, com muita satisfação para esta Sagrada Congregação, o consolador relatório sobre o aumento dos misionários daquele Seminário das Colónias francesas..."*[64]

Ao contrário do Superior do 'Espírito Santo', que queria fornecer as Colónias só com membros da sua Congregação, Libermann era de parecer que *"pelo menos as funções curiais não deviam ser confiadas ao clero congreganista. O sistema de um clero regular a servir as paróquias de uma cristandade é totalmente oposto à instituição primitiva da Igreja e a tudo o que até hoje se tem praticado. Tal sistema poria as Colónias em estado de excepção, o que é perigoso..."*

"Quaisquer que sejam as modificações nela introduzidas pelos Padres desta piedosa Sociedade, - prossegue Libermann – creio que permaneceriam sempre dificuldades, que não seriam capazes de vencer", dificuldades que Libermann expõe na sua carta.[65]

As advertências da Propaganda para que o Superior do 'Espírito Santo' escolhesse e formasse cada vez melhor o clero das Colónias eram cada vez mais frequentes.

O P. Leguay ficou profundamente ferido, e com razão, com a censura que lhe foi feita, de fazer "excessivas concessõe ao poder temporal e de uma certa tendência de afastamento da sã doutrina".

Depois de ter desabafado filialmente com o Cardeal Prefeito, acrescenta: *"Aliás, V. Eminência é livre de pedir todas as informações que julgar convenientes, junto de D. Fornari, Núncio apostólico em Paris, de quem penso ser suficientemente conhecido. Se V. Eminência não encontrasse, de modo nenhum, na resposta que lhe fosse dada, com que justificasse a sua confiança., eu deporia, com confiança também, o fardo que aceitei 'com pobreza', apenas depois de quatro meses de resistência, com espírito de sacrifício e para bem da Religião. As penas, sacrifícios... e fadigas de toda a espécie, que encontrei e continuarei a*

[62] ND VII, pp. 226-228
[63] APF. Collegi Vari (C.V.47), fls. 409 - 413
[64] Ibid., fls. 531rv.
[65] APF. Lettere, Vol. 335, fls. 804 rv

encontrar, não são de natureza a fazer-me desejar, senão pela futura recompensa, continuar a transportá-lo..."[66]

Confiar as Colónias aos Lazaristas?

Em 26 de Junho de 1845 escrevia Libermann à Madre Javouhey: "O *que me leva a dirigir esclarecimentos ao Ministro é o receio de que obscureçam as coisas com as falsas aparências com que tentam fazer ver que o 'Espírito Santo' basta para as Colónias. Seria uma grande desgraça, se, no momento actual, em que o Governo toma uma resolução definitiva sobre os assuntos eclesiásticos, até ao presente tão mal dirigidos em detrimento das almas, sobretudo da raça negra, seria, digo, uma grande desgraça, se no momento decisivo, como este em que estão os problemas coloniais, o Governo se determinasse por um conjunto de medidas, que não trariam nenhum ou muito pouco remédio aos males da Religião e à moralização dos Negros..."*[67]

O plano de Libermann era um plano de colaboração com o 'Espírito Santo'. Os Lazaristas tinham um mais ambicioso: substituir pura e simplesmente o 'Espírito Santo'.

De facto, em carta de 23 de Junho de 1847, Leguay escreve: "O Goveno actual não quer, de modo nenhum, bispos nas Colónias, nem mesmo vigários apostólicos...; quer uma congregação. Estão contentes, mesmo admirados de a nossa ter podido fazer tanto em tão pouco tempo.

O clero das Colónias está completo, mas o P. Étienne, superior geral dos Lazaristas, devorado, sem dúvida, por zelo extraordinário, quereria, só com a sua congregação, que ele considera capaz de procurar a glória de Deus, abraçar todas as obras de que estão encarregadas as diversas congregações, ordens e sociedades...; é manobrado por um partido poderoso e obteve do Conselho de Ministros um relatório do Rei, que lhes é favorável...

O Governo espera fazer triunfar este plano, mas não está seguro disso, pois receia a resistência de Roma..."

"Quanto a mim – prossegue Leguay na carta ao Cardeal - ... ponho tudo nas mãos de Deus. Devo, no entanto, observar a V. Eminência que é como que impossível ficar muito tempo nesta situação precária, sem perigo para a minha Congregação..."

Leguay prossegue: "*Se somos assás felizes por termos merecido a estima e a aprovação da Propaganda; se esta deseja a conservação da nossa Congregação, parece-me que seria útil à nossa posição se dignasse dizer-no-lo sem demora, para que esta declaração viesse em nosso apoio e impedisse a nossa ruina. Penso que a Sagrada Congregação nunca se arrependeria disso; a nossa Congregação foi sempre, e sempre será, profundamente dedicada à Santa Sé.*"

Leguay pergunta, a seguir: "*No caso de a Propaganda não poder ou não julgar a propósito proteger-nos, de modo eficaz, contra os projectos do Governo francês, estaria ela disposta a confiar-nos outra obra?... Aprovaria ela, por ex. que nos puséssemos à disposição de alguns senhores bispos da América, que têm*

[66] APF. America-Antille, Vol. 7, fls. 923r - 924v

[67] N.D. VII, p. 85.

tanta dificuldade em recrutar pessoal?..."[68]. Também Libermann se refere ao assunto em Abril de 1847, em carta ao P. Le Vavasseur: "*A Comunidade do Espírito Santo só poderá existir, se continuar encarregada das Colónias; ora a coisa é ainda problemática. Ouvi uma palavra de dúvida ao Director das Colónias. Por outro lado, ouvi dizer secretamente que os Lazaristas é que vão ficar encarregado desta terrível maçada, pois é uma verdadeira maçada a Obra colonial.*

A Comunidade do Espírito Santo só poderá existir, se continuar encarregada das Colónias

Não sei se deva regozijar-me, se afligir-me, por ver os Lazaristas encarregados das Colónias. Por outro lado seria bom, muito bom, no sentido de que cada colónia teria uma comunidade, que trabalharia especialmente para os nossos queridos Negros; além disso, o seu seminário para a formação de clero secular inspiraria mais confiança aos bons eclesiásticos.

Por outro lado, os Lazaristas são mais poderosos que os do 'Espírito Santo', e, fazendo causa com o Governo e amparados por ele, a Santa Sé quase não teria autoridade sobre o clero. Se nomearem bispos titulares, então este inconveniente desaparecerá; talvez mesmo desaparecesse se se decidissem por vigários apostólicos..."[69]

Esta substituição do 'Espírito Santo' pelos Lazaristas havia já sido sugerida dois anos entes pelo P. Lamenais, num relatório sobre as Colónias, a que a Propaganda acrescentou a nota seguinte: "*Si propende pei Vescovi Titulari - Tende-se para os Bispos.*"[70]

O problema das Colónias francesas vai ser resolvido, depois da fusão com pleno êxito, por Libermann.

A Congregação do Espírito Santo não podia morrer. "Sairam deste estabelecimento um bom número de missionários para as Missões da China e das Índias, onde foram vigários apostólicos; outros trabalharam com êxito nas missões do Canadá e da Acádia

A Congregação do Espírito Santo não podia morrer

A Congregação do Espírito Santo não podia morrer. "*Sairam deste estabelecimento um bom número de missionários para as Missões da China e das Índias, onde foram vigários apostólicos; outros trabalharam com êxito nas missões do Canadá e da Acádia.*"[71]

A Congregação do Espírito Santo, "*de que o Seminário das Missões Estrangeiras tirara numerosos vigários apostólicos e outros missionários empregados na China, no Cambodja e no Tonquim; esta casa de que o Ministério faz partir a maior parte dos padres seculares para o Canadá e para a Acádia", esta Congregação não podia morrer.*"[72]

A Congregação de Espírito Santo precisava apenas de sangue novo. Deus preparou quem ia dar-lho; quem ia orientá-la definitivamente para o apostolado dos Negros; quem ia dar-lhe a possibilidade de se tornar verdadeiramente universal. Esse alguém vai ser Libermann.

---

[68] APF. Collegi Vari, Vol. 1, (C . V. 47), fls. 540 - 541v

[69] Ibid. pp. Collegi Vari, Vol. 1 (C. V. 47), fls. 524r - 525v

[70] Ibid.

[71] APF. Collegi Vari, vol. 1 (C. V. 47), fls. 524r - 525v.

[72] Dict. Historique de la Ville de Paris par Hurtaulme Mogu, 1791 Tomo IV, "Extraits" nos Arq. da Casa-Mãe – Dossier P. des Places

5. Agora sim, a fusão irá avante

Ao anunciar a Le Vavasseur a demissão do P. Leguay, escrevia Libermann: *"O P. Leguay demitiu-se... O P. Monnet é o superior provisório. Continuamos a entender-nos muito bem com ele..."*[73]

Era chegado o momento da Providência para a fusão das duas Congregações. Exigia-o o bem de uma e outra; favorecia-a amizade entre os dois actuais superiores. O P. Monnet, em carta de 21 de Março de 1848 ao Card Prefeito da Propaganda, chama a Libermann seu amigo: *'O Sr. Libermann, meu amigo íntimo'*.[74]

O 'Espírito Santo' precisa de sangue novo

Em meados de Março de 1848, um tal Sr. De Broglie escrevia: *"O clero colonial, com poucas excepções, é constituido por padres ignaros, insolentes e, às vezes, dissolutos... Consideram-se apenas como clero da população branca. É nele tradição imemorial não haver nada a fazer dos Negros nem pelo Negros. De algum tempo para cá, todavia, começa a despontar uma outra opinião..."*

Faz o autor da carta, em seguida, alusão à Congrgação do Espírito Santo, que *"tem necessidade de sangue novo e de vida nova"*. *"Mas este empreendimento – acrescenta – está acima das forças humanas..."*[75]

Já três anos antes, Libermann escrevera à Madre Javouhey: *"No estado actual das coisas, a Congregação do Espírito Santo está em situação muito difícil... Talvez posam encontrar um homem que possa ficar à frente dela, mas dificilmente um homem dedicado, capaz de bem a governar... Seria necessário um homem transcendente em talentos e virtudes, e de certa nomeada, para a proteger e, mesmo assim, seria muito difícil."*[76]

Sem o pensar, Libermann estava a falar de si mesmo. Seria ele esse *'homem transcendente'que sucederia ao P. Monnet, que fora apenas 'superior provisório'*.[77]

P. Monnet dentro do espírito do 'Coração de Maria

O P. Monnet estava perfeitamente dentro do espírito do 'Coração de Maria' Dele escrevera o P. Fourdinier em Maio de 1843: "O P. Monnet continua a fazer prodígios de zelo e conversões entre os Negros de Bourbon. Diz-me ele, em fins de Janeiro, que dentro de pouco tempo terá, pelo menos, 400 escravos, bem instruidos, a fazer a fazer a primeira comunhão e que poderão também receber a confirmação... Construiu para os escravos uma linda capela, que dedicou a S. Francisco Xavier, o grande apóstolo das Índias.

Como ele deseja muitas relíquias deste santo, se V. Eminência lhas enviar – é ao Card. Prefeito que o P. Fourdinier escreve – ficará cheio de gratidão, tanto ele como o seu 'rebanho negro.'"[78]

---

[73] APF. Angola, Vol. VI, fls. 524rv

[74] APF. Collegi Vari 1 (47), fls. 469r - 470r; CS, n. 7, p. 19

[75] APF. America-Antille, vol. 6, fls. 582v-583v

[76] N.D. Compl., pp. 55-56; Les Spiritains, H. Koren, p. 98

[77] N.D. II, pp. 89-90; CS, n. 7, p. 24

[78] N.D. III, pp. 159, 501-502 - Em 18.02.1842

Por várias vezes ter pedido a sua admissão no 'Coração de Maria' ao P. Le Vavasseur, este propô-la a Libermann, que lhe respondeu: "Examine o caso...; se julgar que ele pode servir utilmente a Deus entre nós e que pode fazer bem à Congregação, admita-o... E, nesse caso, você mesmo o poderá formar no espírito das nossas regras..."[79]

De facto, Le Vavasseur "nunca cedeu às suas instâncias, por ver no P. Monnet certos hábitos adquiridos e um carácter tal que dificilmente lhe permitiriam a observância das regras."[80]

Perseguições ao P. Monnet em Bourbon

Quando em Setembro de 1847 o P. Monnet, ido de França, desembarcou em Bourbon, foi imediatamente obrigado a regressar à Metrópole, acusado de ser abolicionista.

Libermann, em carta de 1 de Fevereiro de 1848, faz um pequeno relato do que foi esta expulsão: *"Em Bourbon houve questões terríveis; à chegada dos PP. Blanpin e Jerónimo. O P. Monnet, que ia com eles, foi acolhido por um tumulto furioso de creoulos, que durou três dias.*

A cada navio que chegava da Europa, a turba dirigia-se para o porto, a ver se o P. Monnet vinha nele. Estavam furiosos por, diziam eles, o padre ser abolicionista. A força armada foi obrigada a intervir várias vezes em sua defesa... O Governador, que era por eles, estava ausente. Logo que soube do acontecido, apressou-se a regressar.

Começou por confinar o P. Monnet ao presbitério, com a proibição de sair dele, e, ao fim de alguns dias, mandou-o embarcar num navio que ia partir para a França, sem qualquer forma de processo."[81]

O P. Le Vavasseur, em espírito de solidariedade, escreveu-lhe uma carta: *"Bondoso Padre, vão obrigá-lo a partir. Como o meu coração está triste! Acabou-se a Missão dos Negros em Bourbon, pois você era o único padre, que eu conheça, capaz de levar a bom termo esta obra... Mas que mal fez você?... Que pode a Administração de Bourbon censurar-lhe? Qual é o seu crime? Ter conseguido, na moralização dos Negros, maior êxito que todos os outros padres?...O seu crime foi ter feito muito bem, ter sido muito zeloso. Receiam sobretudo a independência do seu carácter..."*[82]

Em Paris, todavia, deram razão ao P. Monnet, mesmo antes da revolução de Fevereiro de 1848. *"O P. Monnet ganhou a questão.* – escrevia Libermann a Le Vavasseur – *No Ministério ficaram exasperados com o procedimento que tiveram para com ele."*[83]

Início das conversações para a fusão

Após a revolução de Fevereiro, receara o P. Monnet que o P. Libermann, sem ele o saber, se tivesse posto em relação com o

[79] ND VI, pp. 15, 67, 214
[80] ND II, p. 91
[81] 'La Congrégation du St. Esprit', pp. 27-28
[82] ND VI, p. 323
[83] Ibid. p. 330

Sub-secretário de Estado das Colónias, e escreveu a Libermann *"uma carta cheia de inquietação."*[84]

"Procurei, na minha resposta, tranquilizá-lo – escreveu Libermann a Le Vavasseur - *Disse-lhe, entre outras coisas, que não só desejava viver em boa harmonia com os Padres do Espírito Santo, como até, havia já muito tempo, tinha o desejo muito sincero de ver as duas Congregações formar uma só". Esta fraze* – prossegue Libermann – *inflamou o P. Monnet, que, logo no dia seguinte ao da partida da minha carta, estava ao pé de mim, em Nossa Senhora do Gard, a pedir para iniciarmos a sério a questão da reunião. Coisa melhor não podia eu pedir."*[85]

Um interlocutor válido

O interlocutor válido vai ser o P. Loevenbruch.. *"Envio-lhe* – escreve o P. Monnet ao P. Libermann, em 8 de Maio de 1848 – *o Padre. Loevenbruch, um dos membros da Congregação, acabado de chegar de Roma; como este digno e piedoso confrade goza de toda a minha confiança, pedi-lhe que fosse passar consigo esta semana, para tratar do assunto de que lhe falei...*

Examinem tudo na presença de Deus e, se julgarem possível a fusão, voltem juntos e reunir-nos-emos de novo."[86]

Examinem tudo na presença de Deus e, se julgarem possível a fusão, voltem juntos e reunir-nos-emos de novo

Dias depois, em meados do mês, após o P. Loevenbruch ter passado uns dias com Libermann em Nossa Senhora do Gard, este escrevia àquele: *"No mesmo dia da sua partida daqui, resolvi ir a Paris, a fim de me informar junto do Núncio sobre se a junção das duas Sociedades numa só conviria à Propaganda e seria por ela aprovada."*[87]

Expõe Libermann, a seguir, algumas ideias que lhe vieram após a entrevista com o Núncio: 1º, parecia certo que a Propaganda de modo nenhum queria que fosse só a Sociedade do Espírito Santo a fornecer os chefes das missões das Colónias e, ainda menos, que os padres das Colónias fossem recrutados só naquela Comunidade...; 2º parece que o Ministério estava neste momento indisposto com a vossa Comunidade – o comunicado é dirigido ao P. Loevenbruch...; parece também que os Prefeitos apostólicos não estão bem dispostos..."

Libermann prossegue: *"Você pode facilmente concluir que se forma uma tempestade perigosa contra a vossa Comunidade e, se não tomarmos medidas eficazes, essa tempestade rebentará e todo o remédio se tornará impossível, enquanto que, com tempo, talvez consigamos esconjurar o perigo."*[88]

Reunião do Pentecostes

No dia 10 de Junho de 1848, vigília do Pentecostes, Libermann encontrava-se em Paris, para discutir as condições da fusão. *"É do Seminário do Espírito Santo que lhe escrevo – carta de 11 de Junho ao P. Le Vavasseur –*

[84] NND VII, p. 55
[85] Ibid. p. 95
[86] ND VII, p. 288
[87] Ibid. p. 425
[88] ND IX, pp. 63-64

Estou aqui desde há dias para tratar com o Padre Monnet e seus confrades, da reunião das duas Comunidades. Creio ser da vontade de Deus que esta reunião se faça. Será, pois, disso estou convencido, para glória de Deus e salvação de grande número de almas.

Reunimo-nos hoje pela última vez, para tratar desta importante questão. Concluimos a reunião, por unanimidade... Contentar-me-ei, por agora, com dizer-lhe que as coisas se farão, de modo a contentar a todos os confrades da nossa Congregação, assim como os confrades novos que Deus nos vai dar nos Padres do Espírito Santo.

Logo que vi o P. Monnet à frente do 'Espírito Santo', fiquei persuadido de que Deus o colocara naquele lugar para criar uma união perfeita entre as duas Comunidades e levá-las à fusão."[89]

Vantagens da fusão

A Divina Providência – escreveu Libermann pelo fim da sua vida – conduziu as coisas admiravelmente e no momento próprio, e tudo o que Ela fez nos mostrou, como que a dedo, ter sido Deus que nos conduziu em toda esta questão. Se não tivéssemos vindo para Paris, duvido que tivéssemos podido bastar-nos nas nossas necessidades... Como desde o princípio, a Divina Bondade proporcionou-nos os seus dons às nossas precisões e nunca nos deu mais do que era necessário; e assim continua a fazer.

Como desde o princípio, a Divina Bondade proporcionou-nos os seus dons às nossas precisões e nunca nos deu mais do que era necessário; e assim continua a fazer

Assim fez sempre: nas diferentes épocas em que houve aumento de pessoal, apresentava-nos sempre novos recursos. Em 1848 estávamos numa dessas épocas e então os recursos eram a fusão... Esta chegou no momento exacto: um ano mais cedo, teríamos perdido com ela; seis meses mais tarde, o Seminário do Espírito Santo já não existiria.

Com esta reunião não perdemos nada e ganhámos muito..."[90]

Vantagens para o 'Coração de Maria'

A maior vantagem para o 'Coração de Maria' era, sem dúvida, a aprovação quer do Governo quer da Santa Sé.

Em 24 de Maio de 1848 escrevia Libermann ao Arcebispo de Westminster, D. Wiseman: "Existimos há sete anos, e a Divina Providência abençoou os nossos esforços quanto à fundação da nossa Sociedade. Sem estarmos oficialmente aprovados pela Santa Sé, por eu ter julgado que ainda não era o momento de pedir a aprovação, possuimos, todavia, a benevolência da Propaganda, que nos trata como às demais congregações..."[91]

A Congregação do Espírito Santo tinha a aprovação da Santa Sé e do Governo. Quanto a esta aprovação do Governo, depois de Libermann ter perguntado ao P. Monnet se a tinham, este respondeu com um certo azedume, em 20 de Julho de 1848: "Você é muito incrédulo! Já lhe repeti, pelo menos seis vezes, que a nossa Congregação está legalmente reconhe-

[89] APF. Angola, Vol. 6, fls. 524rv

[90] APF. Isole dell' Oceano Aust., Vol. 3, fls. 157rv

[91] APF. Isole dell' Oceano Aust., Vol. 3, fls. 41r - 43v.

cida pelo Governo. Confesso que a sua desconfiança me espanta um pouco! Devia, parece-me, dar um pouco mais de crédito ao nosso testemunho. Você é um pouco como S. Tomé."

O P. Monnet enviou então a Libermann uma cópia da aprovação.

Com a fusão, a Congregação do SS. Coração de Maria ficaria aprovada, como Libermann escreveria em 28 de Fevereiro de 1849: "*Agora somos uma congregação regularmente aprovada pela Santa Sé; temos a aprovação do Governo e temos, portanto, uma existência legal...; já não temos a recear o antagonismo do Seminário do Espírito Santo, que nos teria feito muito mal e até talvez nos tivesse destruido durante a revolução (de 1848); para o futuro a nossa Obra terá maior extensão.*"[92]

Ao Card. Prefeito da Propaganda escrevia em fins de 1849: "*A nossa casa está legalmente reconhecida pelo Governo francês desde 1816 e, em virtude deste reconhecimento , tem o direito de possuir e adquirir, de facto, em Paris a casa conventual, de considerável valor; recebe também, a este título, auxílios anuais no orçamento do Estado, para o Seminário colonial.*"[93]

Vantagens para o 'Espírito Santo'

A grande vantagem para a Congregação do Espírito Santo foi a aquisição de pessoal numeroso e competente. Era recomendação de Libermann ao P. Loevenbruch : "fazer sobressair em Roma as necessidades em que a Sociedade do Espírito Santo se encontrava naquele momento". "Sem se comprometer, - recomendava Libermann – pode fazer ver que a revolução e a saída do P. Leguay deixaram a Sociedade num certo embaraço e que, nós, juntando-nos a vós, levaremos pessoal suficiente para a manutenção da casa e pessoal bastante numeroso para dilatar a Obra."[94]

"Se o Governo viesse a retirar os fundos do Seminário – tinha já Liberman escrito em 14 de Junho de 1848 – o 'Espírito Santo' em breve cairia. Se continuar a dar-lhos, ainda pode durar algum tempo, mas dificilmente se restabelecerá."[95]

Pessoal do 'Espírito Santo', aquando da fusão

O pessoal da Congregação do Espírito Santo – escrevia Libermann – é muito restrito: P. Monnet, superior, e PP. Warnet, Hardy, Gaultier, Vidal e Loevenbruch.

Faz, a seguir, uma apreciação sobre cada um deles: "O P. Monnet... é um homem excelente, cheio de fé, de boa vontade, activo e franco; mas não é homem de comunidade, e nela apenas se aborreceria a si mesmo e prejudicaria a Comunidade e o Seminário, por não ter o hábito do que com ela se prende.

Os PP. Warnet e Hardy são piedosos e regulares, mas de tão pouca saúde que não podem a sério ocupar-se da Comunidade. O P. Gaultier é um

[92] APF. Collegi Vari, Vol. 1 (CV 47), fls. 381r - 382r
[93] APF. Collegi Vari, Vol. 1 (CV 47), fls. 381r - 382r
[94] APF. America-Antille, Vol. 6, fls. 582r - 583v
[95] APF. Lettere, Vol.327 e 328, fls. 692v-693v, e 901rv.

homem de estudo, pouco entendido no que se refere à regularidade e à educação dos jovens eclesiásticos; é mais um estorvo que um auxílio."

O homem verdadeiramente válido é o P. Loevenbruch, "de 50 anos de idade, piedoso, dotado e cheio de qualidades. Adquiriu experiência e seria de grande utilidade. É um antigo missionário, que fez muito bem em França e na Saboia com as suas missões. Juntou-se ao P. Leguay, a pedido deste.

Por sua vez, o P. Vidal tem entre os 30 e 40 anos. É fervoroso, zeloso, dedicado a Deus, encantador."[96] Do P. Weber escreveu Libermann em em 26 de Outubro de 1949: "Não sei ao certo se ainda é da Congregação."[97]

Em Fevereiro de 1850 escrevia Libermann ao Card. Prefeito da Propaganda: "Tanto quanto me lembro, à morte do P. Fourdinier restavam apenas três membros. Depois o P. Leguay admitiu alguns... Além disso,... havia uma trintena que partira para as Colónias na qualidade de noviços, e que deviam, portanto, acabar o noviciado. Se, pois, falaram a V. Eminência de um certo número de membros da Sociedade, falavam destes noviços..., de que nenhum perseverou.

Quando foi assinado o acordo da fusão, os antigos membros desta Comunidade garantiram-me que ela era composta apenas de sete membros,... sendo o sétimo o P. Sainte-Colombe, então a exercer as santas funções em Guadelupe."[98]

Dificuldades da fusão

1ª - O título

A primeira dificuldade a vencer, segundo Libermann, era o título. "Os Padres do Espírito Santo estão aprovados por Roma e pelo Governo com o nome de 'Congregação do Espírito Santo e da Imaculada Conceição'. Se pedirmos a substituição do vocábulo pelo do Santíssimo Coração de Maria, perderemos uma e outra aprovação. O mal maior seria a perda da aprovação do Governo. Não mais a conseguiríamos e tirar-nos-iam as casas existente em Paris. De Roma facilmente conseguiríamos nova aprovação."[99]

Ao Espírito Santo juntaremos o nome do Coração Imaculado de Maria e pediremos a Roma autorização para honrarmos a Imaculada Conceição no Santísimo Coração de Maria

Para vencer esta dificuldade apresenta Libermann o meio seguinte:

"Ao Espírito Santo juntaremos o nome do Coração Imaculado de Maria e pediremos a Roma autorização para honrarmos a Imaculada Conceição no Santísimo Coração de Maria."[100]

Em 11 de Julho de 1848 recomenda ao P. Loevenbruch, negociador da fusão em Roma: "O primeiro pedido a fazer é a autorização de introduzirmos uma mudança no título da Sociedade, que ficaria a ser 'Congregação do Espírito Santo sob a invocação do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria, de modo a honrarmos a Imaculada Conceição no Santíssimo Coração de Maria."[101]

---

96 APF. Isole dell' Oceano Australe, Vol. 3, fls. 466r - 467v

97 ND VII, pp. 84-85.

98 APF. Collegi Vari, Vol. 1 (C.V.47), fls. 409-413v

99 APF. Col. Vari, Vol. 1 (CV 47), fls. 542rv.

100 ND VII, pp. 226-228

101 APF. Lettere, Vol.. 335, fls. 729v - 730r

A adopção do nome de 'Espiritanos' exigia sacrifício da parte de Libermann e seus filhos, por o termo ter adquirido um sentido pejorativo.

Ocorreria a propósito, algum tempo depois, um caso interessante. Dois padres do 'Coração de Maria', segundo carta muito curiosa de um deles, um tal P. Morel, esperavam no Havre a partida do barco para o Senegal. Ambos se apresentavam como 'espiritanos'. As pessoas nem queriam acreditar, pois pareciam reservados, de bom comportamento, ao contrário de outros que, pouco antes, haviam também passado por lá, deixando muito fraca reputação. Estes últimos sim, eram 'espiritanos' no mau sentido que a palavra adquirira.

O P. Dangui, companheiro do P. Morel, ficou indignado: "Nós 'espiritanos!' Temos de reabilitar a memória do 'Espírito Santo' com a nossa prudência, regularidade e modéstia!"[102]

Assim aconteceria, de facto: os novos membros da renovada Congregação do Espírito Santo reabilitaram o nome, antes glorioso.

2ª - As Constituições

"As constituições dos Padres do Espírito Santo estão aprovadas pela Propaganda: não é possível rejeitá-las", escrevia Libermann.[103]

De facto, no ano anterior, 1847, o P. Leguay "retocou as antigas Constituições, embora mal, e fê-las aprovar pela Sagrada Congregação da Propaganda. Estabeleceu na Sociedade duas ordens... Os membros da segunda são senhores de si mesmos, dos seus bens e rendimentos...

Esta última parte das constituições não podemos aceitá-las. O resto é bom, se bem que insuficiente. Há ainda outros artigos que não estão de acordo com as nossas Regras..."[104]

Como solução desta dificuldade, Libermann propunha o seguinte: "conservaremos as Constituições destes Senhores, com as seguintes modificações:

1º - suspensão das admissões na segunda ordem...;
2º - prática da pobreza
3º - um missionário nunca ficará sozinho
4º - não haverá viagens sem permissão dos Superiores..."[105](34)

3ª - O Superior

Já em 1845, quando, após a morte do P. Fourdinier, Libermann fez a "proposta de reunir as duas Congregações numa só", escreveu ao P. Le Vavasseur: "Esta proposta vai aterrar-vos..., mas, do modo como isto se faria, não adviria qualquer risco para a nossa Congregação, pois a reunião só se faria com a condição de eu ficar encarregado do superiorato, o nosso noviciado conservar a sua integridade, e a Congregação o seu nome e Regras..."[106]

---

[102] APF. Ibidem, fls. 408rv-
[103] APF. Ibid., fls. 1431v - 1432r.
[104] APF. Misioni, Vol. 22, fls. 341r - 342r.
[105] Ibidem.
[106] ND IX, pp. 195-196

Era este um ponto em que Libermann não podia ceder, sobretudo por saber que tal era a vontade dos seus filhos. Era esta a "dificuldade maior".

Deixemos falar o P. Libermann: "Esperava eu que poderíamos chegar a bom termo com a seguinte proposta: ficaríamos superiores o P. Monnet e eu... O P. Monnet ficaria encarregado de tudo o que se referisse às Colónias, e eu de tudo o que dissesse respeito às comunidades...

Julguei que poderia admitir-se este estado de coisas, tanto mais facilmente que seria provisório, pois o P. Monnet não ficaria muito tempo no seu posto. Oferecendo-se-lhe um lugar conveniente, ele demitir-se-ia e eu ficaria sozinho como superior. Propus, pois, a reunião com estas condições e foi aceite.

Quando, porém, vi o P. Monnet em acção, mesmo antes de ter proposto todas as minhas condições, fiquei desapontado. Receei muito que, com ele a superior, a Obra ficasse completamente comprometida e que, ainda antes de dois meses, fôssemos obrigados a separar-nos".

Libermann, segundo ele mesmo refere, agiu de modo a que as negociações fossem interrompidas, indo comunicar as suas apreensões ao P. Loevenbruch, que estava tão inquieto com ele.[107]

Uma solução para o superiorato

Quando Libermann expôs ao P. Loevenbruch a impossibilidde de o P. Monnet ficar como superior, o P. Loevenbruch disse-lhe: "Não há outro meio a adoptar senão o regresso à minha primeira proposta", que era a de o P. Monnet se demitir e os Padres do Espírito Santo elegerem seu superior o P. Libermann. "Penso que você deve aceitar... – acrescentou.

Reunir-nos-emos no dia do Pentecostes; concluiremos que nas nossas mentes a reunião está feita, mas cada Congregação ficará separada até ao fim das férias, e então, antes de as casas se reunirem numa só, traçaremos as condições e daremos delas conhecimento à Propaganda".

"Durante estas dez semanas... – prossegue Loevenbruch – eu farei por levar todos a votar por que o P. Monnet apresente a sua demissão, e o nomeiem simplesmente a si como superior..."[108]

A Libermann custava aceitar este plano "pelo desgosto que ia causar ao P. Monnet. No entanto – confessa – não havia outro meio, e agi no sentido do P. Loevenbruch. Vou, pois, propor-lhe um meio mais suave, que talvez dê resultado, que é o de o P. Loevenbruch se fazer nomear superior em vez do P. Monnet..."

"O P. Monnet, porém, parecia não ter vontade de deixar o lugar, e os Padres do Espírito Santo receavam sobretudo dar a impressão de se entregarem a nós – escrevia Libermann – A honra da Congregação excita uma certa susceptilidade, e isto compreende-se..."[109]

---

107 APF. Collegi Vari, Vol. 1 (CV 17), fls. 540 - 541v

108 APF. America- Antille, Vol. 7, fls. 923r - 924r

109 APF. Collegi Vari, Vol. 1 (CV 47), fls. 540 - 541v

Uma solução providencial

A Divina Providência proporcionou uma solução. Quando decorriam as negociações para a fusão, a Propaganda pediu a Libermann os nomes de alguns candidatos para o vicariato apostólico de Madagáscar, além do P. Weber, já antes indicado pelo P. Monnet.

Libermann aproveita a ocasião para indicar o nome deste, levando a Santa Sé a pôr de parte o P. Weber, por na família haver vários casos de demência. O pai não tinha completamente sãs as faculdades mentais; a mãe perdera-as totalmente e vários irmãos e irmãs também. Do mesmo P. Weber diz um documento do Arquivo da Propaganda, no ano seguinte, que teve um "amolecimento cerebral."

A Santa Sé não queria nomear o P. Monnet, por lhe constar que cobiçava o episcopado. Ora Libermann mostrou-lhe que a única dificuldade seria levá-lo a "aceitar esse cargo de vigário apostólico e a eminente dignidade que lhe está ligada..."[110]

Conservaremos o nome do Santíssimo Coração de Maria, que será acrescentado ao do Espírito Santo, porque a principal vantagem que tiramos para a estabilidade da Congregação está baseada na aprovação do Governo

Libermann não pretende enganar a Propaganda. Expõe ao Cardeal, com toda a simplicidade, as negociações em curso, quanto à fusão e que a nomeação do P. Monnet como vigário apostólico resolveria a maior dificuldade da fusão, o superior."[111]

"Julguei – escreve Libermann a Le Vavasseur – que a Divina Providência me oferecia um meio para resolver esta dificuldade. Sonde, pois, o P. Monnet, para saber se aceitaria este vicariato; consegui levá-lo a isso. Um dos Padres do Espírito Santo... foi a Roma levar a minha carta e solicitar a expedição das bulas. Agora estou esperançado de que esta tentativa triunfará. Então o P. Monnet demitir-se-á e a Comunidade do Espírito Santo nomear-me-á a mim superior... Conservaremos o nome do Santíssimo Coração de Maria, que será acrescentado ao do Espírito Santo, porque a principal vantagem que tiramos para a estabilidade da Congregação está baseada na aprovação do Governo."[112]

Em 11 de Julho Libermann escrevia ao P. Loevenbruch: "No caso de S. Eminência decretar a nomeação do P. Monnet para vigário apostólico..., escreva-lhe imediatamente a exortá-lo a demitir-se. É que, de outro modo, seríamos obrigados a retardar a nossa entrada, o que seria aborrecido em si mesmo, tanto para o P. Monnet, como para mim..."[113]

"Tendo estado na iminência de ser nomeado para as Antilhas, o P. Monnet foi finalmente nomeado vigário apostólico de Madagáscar". Cerca de um ano depois, D. Alexandre Monnet falecia, indo "receber a recompensa dos apóstolos, por todos os sacrifícios que tinha feito ao seu Deus pela salvação das almas..."[114]

---

[110] APF. Collegi Vari, Vol. 1 (CV 47), fls. 409-413v.
[111] ND XII, p. 411
[112] Cf. ND XII, p. 280, p. 287 e pp. 322-323.
[113] ND XII, pp. 268-269
[114] ND XII, pp. 470-471

Loevenbruch, negociador da fusão

O P. Loevenbruch era o homem de confiança de Monnet e de Libermann. Nessa qualidade foi enviado a Roma. Assim se exprime o P. Monnet em carta de 5 de Julho de 1848: "Logo depois de os meus confrades me haverem eleito superior geral da Congregação, assim como do Seminário, comuniquei-lhes a proposta que o P. Libermann me fizera, desejoso de realizar a reunião das duas Congregações, que têm o mesmo fim e se encontram já em presença uma da outra em várias regiões, nomeadamente em Bourbon e no Senegal.

Envio, pois, o meu primeiro assistente, que delego para o efeito, com plenos poderes para tratar deste assunto com V. Eminência, para a reunião que as duas Congregações desejam ardentemente... Devo declarar V. Eminência que, perante Deus, considero esta reunião como poderoso meio de perseverança para os nossos duzentos missionários dispersos pelas diferentes colónias, e como grande apoio para o Seminário, onde devem ser formados os numerosos candidatos destinados às Missões..."[115]

O P. Lovenbruch ia a Roma em nome das duas Congregações. Era homem de plena confiança também para Libermann: "O P. Loevenbruch é todo nosso.[116]

Em carta de 11 de Julho Libermann comunicava-lhe as suas próprias "observações sobre o assunto que ia tratar em Roma". "Seria útil fazer sobresair a importância da reunião... Os motivos que poderia aduzir eram conhecidos:

1º - Sendo a Obra absolutamente a mesma, seria importante que as duas Congregações se unissem, para evitar rivalidades aborrecidas e cheias de perigos para uma e outra...

2º - A extensão e aperfeiçoamento do bem a fazer nas diferentes regiões, onde temos missões: unidos, poderíamos enviar comunidades para as colónias, comunidades que se ocupariam especialmente dos pobres e serviriam de padres auxiliares do clero secular...

A segunda questão é a do superiorato. Ser-lhe-ia fácil fazer ver a urgência da mudança, fazendo compreender que, não tendo nunca o P. Monnet sido educado numa comunidade, quase não podia ter ideia exacta de uma boa orientação da Congregação e do Seminário...; que é um excelente missionário, mas pouco feito para a administração dos negócios.

Para este superiorato, se S. Eminência consentir em que me nomeiem a mim, será preciso obter uma dispensa para que possam nomear-me legalmente, embora não pertencendo à Congregação...

A terceira questão consiste nas condições da reunião. Em Roma gostam de ver claro; é necessário apresentar as coisas com nitidez..."[117]

Pelo mesmo Loevenbruch, Libermann enviava também uma carta ao Card. Prefeito: "Os espíritos e os corações estão já unidos e o projecto muito adiantado. O portador desta carta está encarregado de o apresentar a V. Eminência."[118]

Logo depois de os meus confrades me haverem eleito superior geral da Congregação, assim como do Seminário, comuniquei-lhes a proposta que o P. Libermann me fizera, desejoso de realizar a reunião das duas Congregações, que têm o mesmo fim e se encontram já em presença uma da outra em várias regiões, nomeadamente em Bourbon e no Senegal

Sendo a Obra absolutamente a mesma, seria importante que as duas Congregações se unissem, para evitar rivalidades aborrecidas e cheias de perigos para uma e outra...

A extensão e aperfeiçoamento do bem a fazer nas diferentes regiões, onde temos missões: unidos, poderíamos enviar comunidades para as colónias, comunidades que se ocupariam especialmente dos pobres e serviriam de padres auxiliares do clero secular...

[115] ND X, p. 356
[116] ND XI, p. 81
[117] ND XII, p. 420
[118] ND. VII, p. 136

as duas Congregações, segundo as suas regras e constituições, têm o mesmo fim. pela fusão, a do Espírito Santo consolida-se com a aquisição de pessoal numeroso e excelente; a do Coração de Maria ficará mais protegida sob a égide da existência legal

Uma nota do P. Loevenbruch

A lembrar, certamente, as recomendações do P.Libermann, ficou-nos esta nota do P. Loevenbruch:

1º - as duas Congregações, segundo as suas regras e constituições, têm o mesmo fim;

2 º - pela fusão, a do Espírito Santo consolida-se com a aquisição de pessoal numeroso e excelente; a do Coração de Maria ficará mais protegida sob a égide da existência legal.

A casa do Espírito Santo em Paris é assás grande para comportar todo o pessoal reunido das duas Congregações reunidas e fundidas numa só, e haverá, portanto, grande economia de despesas, coisa muitíssimo importante em tempos de crise financeira, que pode durar ainda vários anos e comprometer a existência da Congregação, sobretudo do Coração de Maria, cujos recursos presentes são praticamente nulos, enquanto que os do 'Espírito Santo', até agora são superabundantes."[119]

Fusão ou supressão?

Com data de 28 de Agosto de 1848, assinada pelos PP. Monnet, Libermann, Vidal, Gaultier, Warnet, Hardy e Loevenbruch, foram enviadas à Propaganda as condições da fusão, expressas em 7 artigos..."[120]

Foi portador do documento o P. Loevenbruch, que apenas "tinha visto as vantagens da reunião, tendo negligenciado falar das modalidades pelas quais os membros do 'Santissimo Coração de Maria' queriam garantida a sua Congregação, para lhe conservarem o espírito e o seu modo de vida."[121]

Levado pelo ardente desejo de conseguir a união das duas Congregações, fosse por que preço fosse, e persuadido de que Libermann, depois, remediaria os erros que ele agora cometesse, Loevenbruch apresentou o pedido à Sagrada Congregação em termos tais que esta acedeu imediatamente, promulgando um decreto que suprimis pura e simplesmnte a Congregação do Santíssimo Coração de Maria, dissolvendo-a na do Espírito Santo.

Reza assim o decreto: "Os Eminentíssimos Padres julgaram bem aprovar as vossas propostas. Por isso a vós compete agora completar a questão da união das duas Congregações, de tal modo que, deixando de existir a que tem o título do Santíssimo Coração de Maria, os seus membros sejam agregados à Congregação do Espírito Santo, tornando-se seus membros e alunos..."[122]

O decreto era dirigido ao P. Monnet, superior do 'Espírito Santo', em 26 de Setembro de 1848.

Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria

De modo algum podia Libermann conformar-se com este decreto. Por isso dirigiu-se imediatamente a Roma e obteve outro da Sagrada

[119] Ibid. pp. 137-138
[120] ND. X, pp. 255-256
[121] ND XI, p. 160
[122] ND XI, pp. 182-183

Congregação, com a data de 3 de Novembro, que autorizava a mudar o título da antiga Congregação para 'Congregação do Espírito Santo sob a invocação do Imaculado Coração de Maria' ou simplesmente 'Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria', tendo sido explicado a Libermann que as duas modalidades do título eram equivalentes.[123]

"Disseram-me na Propaganda que as palavras 'consagração' e 'invocação' têm absolutamente o mesmo sentido..."[124]

O decreto de 26 de Setembro foi providencial. Graças a ele, a Congregação não foi suprimida em França no início do século XX, durante a perseguição de Emílio Combes.

Libermann havia já previsto esse perigo, quando escreveu ao P. Le Vavasseur em 26 de Outubro de 1848: "Fui obrigado a tomar precauções quanto ao título, pois inimigos de fora mostravam vontade de nos incomodar; ameaçavam denunciar-nos, dizendo que o 'Espírito Santo' já não existia, pois fora substituido pelo 'Coração de Maria."[125]

Nenhuma das duas Congregações desapareceu

É interessante notar que, no espírito de Libermann, ao contrário da letra do decreto de 26 de Setembro, se alguma Congregação tivesse desaparecido, teria sido a do Espírito Santo e não a sua. Ao P. Le Vavasseur, em viagem de propaganda pelos seminários de França, e que propusera a Libermann o encerramento do Seminário do Espírito Santo, em meados de 1850, pelo mau nome que o Seminário tinha, o servo de Deus escrevia: "Deus quer que nos encarreguemos desta Obra..., que é certamente muito difícil, como você pensa. Faça compreender bem nos seminários o actual estado de coisas. Certamente que não encontrará por toda a parte o extremo horror que encontrou nas terras por onde acaba de passar. Se ainda encontrar outros com a mesma inquietação, evite aumentá-la com o seu modo de falar; mostre que, pelo contrário, estamos no momento em que Deus quer curar os males das Colónias e do seu Seminário e que, para o levantar, precisamos da ajuda de outros seminários."

A seguir, Libermann escreve explicitamente: "Quando você lhes tiver mostrado, por um lado, a nomeação dos bispos das Colónias e, por outro, extinta a antiga Congregação do Espírito Santo; quando lhes assegurar que dela só já resta no Seminário um único director - o P. Gaultier - ...; quando lhes tiver mostrado tudo isto, não sei. como poderiam ainda sentir repugnância em enviar pessoal para o Seminário."[126]

Oficialmente a Congregação do Santíssimo Coração de Maria desaparecera, mas na realidade ela continuou como nova seiva em tronco antigo. "O 'Espírito Santo' continuou, mas "o patrocínio da Imaculada Conceição foi substituido pelo do Imaculado Coração de Maria."[127]

"Deus quer que nos encarreguemos desta Obra..., que é certamente muito difícil, como você pensa. Faça compreender bem nos seminários o actual estado de coisas. Certamente que não encontrará por toda a parte o extremo horror que encontrou nas terras por onde acaba de passar. Se ainda encontrar outros com a mesma inquietação, evite aumentá-la com o seu modo de falar; mostre que, pelo contrário, estamos no momento em que Deus quer curar os males das Colónias e do seu Seminário e que, para o levantar, precisamos da ajuda de outros seminários

123 ND XI, p. 308
124 Ibid. p. 309
125 ND VII, pp. 137-138
126 ND XII, pp. 73-74
127 ND VII, pp. 425-426

De um opúsculo que Le Vavasseur ia publicar sobre a Congregação do Espírito Santo e seu Seminário, recomendava Libermann: "É necessário que nessa notícia se veja bem que, embora espiritanos, continuamos a ser o que éramos."[128]

Ao P. Arragon, um tanto inquieto com as notícias que chegavam à África, tranquilizava-o Libermann, em 25 de Julho de 1848, nos seguintes termos: "Não fique inquieto... Segundo o próprio desejo dos principais membros da Comunidade do Espírito Santo, será mais uma substituição do que uma união... O único sacrifício que fizemos foi o de adoptarmos o nome do Espírito Santo juntamente com o do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria. De outra forma, eu não teria aceitado."[129]

Missionários do E. Santo e do Im. Coração de Maria

Em fins de 1848 escrevia Libermann a Le Vavasseur: "Se os nossos confrades lhe perguntarem como devem, daqui em diante, assinar as suas cartas, pode dizer-lhes que as assinem simplesmente 'Mis.Apost.' ou 'Mis.do Espírito Santo e do Im. Coração de Maria'. Neste último caso poderiam escrever-se as iniciais: 'C.S.S. e Im.C.M.'[130]

Em Maio de 1851 censura Libermann muito suavemente o P. Arragon, que suprimira a menção do Coração de Maria : "Agora uma palavra a ralhar-lhe. Porque assina (só) 'Mis. do E. Santo?' Então já abdicou do SS. Coração de Maria? Ou não tomou conhecimento das explicações bastante pormenorizadas que lhe dei há dois anos?... Deve assinar 'Mis. do Esp.e do Im.Coração de Maria.'"[131]

"É possível que eu seja obrigado a passar aqui (no Seminário do Esp. Santo) toda a semana, se Deus quiser que a coisa se arranje... Se Deus quiser a reunião, ela realizar-se-á nas condições que nós sempre desejámos. Reze e diga aos nossos queridos confrades que rezem também."

Inquietações quanto à fusão

As inquietações dos filhos de Libermann quanto à fusão tinham eco na alma do pai, que procurava tranquilizá-los. Em 14 de Junho de 1848 escrevia a Le Vavasseur: "O eclesiástico que vai levar-lhe esta carta dir-lhe-á que nos unimos ao 'Espírito Santo'. De facto, trata-se disso, mas a união ainda não está completada, embora aqui digam que sim."[132]

Em 2 de Julho escrevia a outro correspondente: "É possível que eu seja obrigado a passar aqui (no Seminário do Esp. Santo) toda a semana, se Deus quiser que a coisa se arranje... Se Deus quiser a reunião, ela realizar-se-á nas condições que nós sempre desejámos. Reze e diga aos nossos queridos confrades que rezem também."[133]

O mesmo escrevia a seu irmão Sansão: "A questão do nosso estabelecimento em Paris é verdadeira, mas ainda não está terminada, por ainda não estar madura... No entanto, não tenhas receio, pois a nossa querida Mãe vela por nós."[134]

---

[128] ND XIII, pp. 270-271
[129] ND XII, pp. 220-221
[130] ND IX, pp. 46-47
[131] ND Comp., pp. 132-133
[132] ND XII, pp. 214
[133] Ibid. p. 307
[134] ND XII, pp. 591-592

Em 8 de Agosto escrevia ao P. Remígio Bessieux: "Sobre a questão do 'Espírito Santo' nada está ainda decidido. De modo geral aqui esperamo-la com indiferença, prontos a reconhecer e a aceitar com alegria a vontade de Deus no 'sim' e no 'não' da Propaganda."[135]

Dias depois, em 25 de Agosto, escrevia novamente a Le Vavasseur: "Dir-lhe-ei que a questão está muito adiantada... mas repito-lhe novamente que, mesmo no ponto em que as coisas estão, recuarei, se não tiver a certeza de que, feita a fusão, a Congregação conservará o seu fervor e perfeita regularidade."[136]

Finalmente, em fins de Dezembro de 1848 escrevia ao mesmo Le Vavasseur, seu braço direito: "Contra toda a minha expectativa, a união com os Padres do Espírito Santo está consumada, e penso que em muito bons termos e de modo a podermos estabelecer as coisas como desejamos."[137]

Reacções à fusão

Libermann, nas negociações da fusão, agiu sempre sozinho, por impossibilidade de consultar os confrades. "...Eu queria e devia consultar-vos a todos, mas as circunstâncias são tais, que a questão perder-se-ia, se tivéssemos de esperar as vossas respostas. Fui, pois, obrigado a agir, consultando apenas os confrades aqui presentes e, por conseguinte, não posso aceitar a união senão com condições claras e vantajosas."

E prossegue: "Sou obrigado a contar com a confiança da Congregação e a adivinhar, o melhor possível, as intenções e pontos de vista de cada um dos membros e agir em consequência."[138]

Os mesmos sentimentos exprime à comunidade de Dacar: "Como as vossas cartas não podiam...chegar a tempo, e a conclusão das negociações, no caso de a fusão vir a realizar-se, não podia, de modo nenhum, sofrer demoras, presumi que teríeis suficiente confiança em mim e que ficaríeis satisfeitos com as condições em que eu a concluisse..."[139]

Alguns confrades, porém, só tiveram conhecimento da fusão através da imprensa ou de falsos boatos, criados pela inimizade contra Libermann. Os seus inimigos, que eram muitos, e outras pessoas que desejavam a Congregação do Espírito Santo em estado de fraqueza, para realizarem os seus intentos e planos, nem sempre puros, criaram boatos e deturparam a verdade. Por isso, espalharam-se falsas notícias, difundidas pelos jornais, que provocaram descontentamento em alguns padres de Libermann a trabalhar nas missões, sobretudo da ilha Maurícia.

De lá escreveu o P. Thévaux a Libermann: "O P. Le Vavasseur ter-lhe-á insinuado que a Comunidade da Maurícia não lhe terá testemunhado muito contentamento com a reunião das duas Congregações. O que mais indispôs o P. Laval foi não ter sido prevenido de antemão e ter sabido a notícia

[135] Ibid. pp. 355-356
[136] ND XII, p. 6
[137] ND XII, pp. 227-228
[138] ND XII, p. 332
[139] Ibid. p. 367

pelos jornais ou outras vias indirectas. O P. Thiersé declarou-se abertamente contra a reunião e disse em voz alta que será tudo o que quiserem, menos da Congregação do Espírito Santo... Todos aqui pensam que agora não somos obrigados a nada. No entanto, todos estão de acordo em que, antes de tomarmos uma última decisão, precisamos de receber as regras que o Sr. Padre nos vai dar..."[140]

Para esta agitação dos espíritos contribuiram também os dizeres de alguns membros da antiga Congregação, que falavam da absorção da Congregação de Libermann pela do Espírito Santo.

"Não é de admirar – escrevia Libermann – que, antes de nos conhecerem, tenham tido uma certa afectação em publicar que seríamos engolidos, absorvidos, pela Sociedade do Espírito Santo. Provinha isto de um certo receio de que se dissesse o contrário e se ficasse mesmo persuadido disso. Mas enfim, tudo passou."[141]

O que me levou à união foi o pensamento do bem imenso a fazer...

Uma das atoardas postas a circular era a das finanças. Libermann desmente: "Não foi, de modo nenhum, o embaraço financeiro que me levou a entrar em negociações. Seguramente que não somos ricos, mas não estamos embaraçados... O que me levou à união foi o pensamento do bem imenso a fazer..."[142]

Não nega, no entanto, que a fusão tenha trazido um certo desafogo financeiro. "A divina e adorável Providência veio sempre no momento exacto. Assim, no ano anterior à nossa união com o 'Espírito Santo', todos os nossos recuros estavam esgotados e teríamos sido obrigados a despedir, pelo menos, um terço dos alunos. Tendo-nos unido ao 'Espírito Santo'.. podemos aguentar-nos..."[143]

O espírito de intriga continuou por muito tempo nas Colónias. "Sei - escreveu Libermann – que ainda manipulam os espíritos nas Colónias e que ainda se tecem intrigas à nossa volta. Tudo isto nos obriga a uma certa reserva e prudência."[144]

Em princípios de Outubro de 1848 escrevera Libermann ao seu amigo P. Gamon: "Acerca da notícia da nossa união com os do 'Espírito Santo' correram tantos boatos falsos e disseram-se tantas falsidades, que naturalmente alguns chegaram aí... Pode tranqulizar-se, que neste assunto não há nada de desfavorável para nós."[145]

"Quanto à pobreza, todos a querem praticar como nós. Em suma, penso que todos estão muito bem dispostos... Mas contaram-lhes tais fábulas a nosso respeito, que ficaram cheios de medo e desconfiança. Compreende-se que tenham assim procurado criar dificuldades. Estas, porém, desapareceram, logo que desapareceu a desconfiança."[146]

---

[140] Ibid. pp. 377-378
[141] Ibid. pp. 224-225
[142] Ibid. pp. 419-420
[143] Ibid. pp. 493- 494
[144] Ibid., pp. 416-417
[145] ND XIII, pp. 62-63
[146] Ibid., p. 70

As intrigas do P. Hardy

Ao elogiar globalmente os padres da antiga Congregação, não sabia Libermann que um deles andava a traí-lo. Ignorava a trama que o P. Hardy tecia nas trevas. A primeira reticência aparece em carta de 26 de Outubro de 1849: "Tudo continua bem no interior da Comunidade; só o P. Hardy é que não. Causou-nos muitos aborrecimentos, mas sem resultados...Continua a ser um santo homem, mas de espírito arrevesado, que foi tormento para o P. Fourdinier e sucessores. Aliás, não nos incomoda em nada; simplesmente torna-se inútil para tudo."[147] Em breve, porém, vai Libermann ver que o P. Hardy não era apenas inútil; era muito nocivo. "Este ano tivemos muitas e grandes dificuldades da parte dos seminaristas...".[148] O fautor destas dificuldades era o P. Hardy. Libermann, jogando com o termo 'hardy' ('atrevido') , escreveu: "o P. Hardy incomoda-nos muito atrevidamente."[149]

O P. Le Vavasseur, depois de ter contado ao P.Schwindenhammer algumas 'proezas' do P. Hardy, escreveu: "Tive uma terrível altercação com ele, na presença do nosso Superior: levou para tabaco, mas eu ofendi a Deus, e isso é maior mal que tudo o resto."[150]

Ao P. Francisco, antigo secretário de Libermann, escreveu o mesmo Le Vavasseur: "O P. Hardy é uma boa fonte se méritos para o nosso bondoso Pai; não sei se a Santíssima Virgem lha deixará por muito tempo..."[151]

Em 6 de Setembro de 1850 Libermann fala da ausência dele da Comunidade e acrescenta: "Felizmente o P. Hardy ainda não voltou."[152]

Por fim , foi compelido a sair da Congregação, que lhe assegurou uma pensão de 1.500 francos por ano, enquanto isso fosse possível..

A partir de então, a desordem entre os seminaristas – ele era o fautor – desapareceu, de modo a poder Libermann escrever: "O Seminário vai bem, mas os seminaristas são poucos."[153]

Pouco tempo depois, o P. Hardy morreu tragicamente, "mesmo à porta do Seminário, esmagado por uma enorme carroça, que transportava água".[154]

Dificuldades com o Arcebispo

O Arcebispo de Paris sempre pretendeu ter jurisdição não apenas sobre as Colónias francesas, como até sobre a própria Congregação do Espírito Santo.

Duas semanas após a inauguração do noviciado de La Neuville, Libermann escrevia ao P. Carbon, do Seminário de Paris: "Esperávamos que, com o tempo, uma vez que tivéssemos começado a trabalhar, os

147 ND XI, pp. 199 ss
148 Ibid. p. 14
149 ND XII, p. 104
150 Ibid. p. pp. 287 ss
151 Ibid. p. 322
152 Ibid. pp. 89 e 137
153 ND XI, pp. 248-249
154 ND XII, pp. 291-292

preconceitos, que sempre se levantam contra as obras incipientes, cairiam pouco a pouco... Estavam as coisas assim, bastante bem encaminhadas para nos darem algumas esperanças, quando soube que se falava em nomear o Sr. Arcebispo de Paris chefe de todas as Colónias francesas, e que ele tinha em mente fundar uma sociedade missionária para os Negros.

Se tal acontecesse, far-nos-ia muito mal: seriam duas obras a arrastar-se, a impedir-se de terem êxito. Eu ficaria verdadeiramente aflito por prejudicar assim as excelentes disposições que o Sr. Arcebispo tomaria a favor dos Negros das Colónias francesas, de que nós nos ocuparíamos muito a sério, logo que tivéssemos gente para enviar..."[155]

Algumas das dificuldades de Libermann com o Arcebispo provinham de seminaristas ou padres que desejavam entrar na nova Congregação do Coração de Maria. Libermann desabafa com o P. Carron: " A minha aflição é que me tenham denegrido tanto no espírito do Sr. Arcebispo de Paris. Se ele conhecesse a minha aflição, teria compaixão de mim... Não é o receio de ele me tirar um candidato... Ainda que mos levasse todos, eu nada faria para os reaver... Asseguro-lhe que este seu descontentamento é, no momento presente, a cruz mais pesada que eu tenho de levar."[156]

Em carta à Madre Javouhey fala Libermann dos "inimigos que tem em Paris"[157]. Eram sobretudo eles que influiam no ânimo do Arcebispo.

Com a fusão, as dificuldades com ele cresceram. Em 20 de Janeiro, Libermann pediu-lhe audiência, para lhe "dar explicações sobre as mudanças introduzidas nas Constituições do 'Espírito Santo'...Tal audiência foi-lhe concedida dois dias depois. Por parte do Arcebispo foi pouco pacífica, pois logo no dia seguinte exigiu, por escrito, resposta a quatro questões. A primeira era o envio de uma "cópia autêntica do pedido feito pela Comunidade à Propaganda para obter a mudança das Constituições, com os nomes dos signatários" e a quarta era a resposta à seguinte pergunta: "De que autoridade tinham, desde 1 de Janeiro, os poderes que exerciam na diocese de Paris?..."[158]

"Sofro muito por me ver em oposição ao meu Arcebispo e em desgraça perante ele."

Libermann responde a todas estas questões e, em 26 de Fevereiro, desabafa com o próprio Arcebispo, D. Sibour: "Sofro muito por me ver em oposição ao meu Arcebispo e em desgraça perante ele."[159]

Em 9 de Agosto escreve-lhe novamente: "Tenho a honra de apresentar a V. Exc. Rev.ma uma folha anexa com o projecto de uma carta à Propaganda, relativamente às mudanças introduzidas nas novas Constituições e o regresso às antigas. Espero que V. Exc. Rev me veja nelas a pureza das nossas intenções e a sinceridade dos nossos desejos em lhe sermos agradáveis."[160]

---

155 Ibid. p. 146
156 ND XII, pp. 468-469
157 ND XIII, p. 97
158 ND XI, pp. 243-244
159 Ibid. pp. 189-192
160 George Goyau – La Cong. du St. Esprit, p. 139

Seis dias depois, escrevia ao P. Lanurien, que iria fazer uma visita ao Ministro: "Quanto ao arcebispado, importa fazer bem compreender o estado das coisas: 1º - fazer sentir bem que nós encarámos a questão com toda a moderação, tendo respondido com todo o respeito...; 2º - que até nos oferecemos para nós mesmos escrevermos a Roma, a pedir-lhe que faça ela as mudanças, que possam satisfazer o Sr. Arcebispo ; 3º - que a dificuldade consiste em as novas Constituições nos fazerem depender directamente da Propaganda, devido a serem aprovadas por ela..."[161]

Em carta de 21 de Janeiro de 1850 ao vigário apostólico D. Bessieux, Libermann fazia a síntese do problema: "Tivemos uma difícil questão com o Arcebispo de Paris... Nas novas Constituições o Arcebispado conserva apenas a jurisdição ordinária, e a Sociedade fica directamente submetida à Santa Sé.

Imediatamente após a fusão – continua Libermann – dei dela conhecimento ao Sr. Arcebispo e eis que rebentou uma terrível tempestade. Estamos neste momento em instância na Propaganda, para que esta questão se resolva amigavelmente."[162]

Libermann faleceu sem ver solucionada a questão, que só o foi cerca de um ano depois, no superiorato do P. Schwindenhammer.

O êxito da fusão foi total

Segundo Libermann, antes da fusão era a Congregação do Espírito Santo que estava em perigo de desaparecer, e não a do Coração de Maria. Escreveu, de facto, em 28 de Dezembro de 1848, ao P. Le Vavasseur: "Os PP. Warnet e Gaultier estão-nos tão unidos como qualquer um de vós... Estão cheios de alegria e consolação, por verem as reformas e a ordem introduzidas no Seminário. É certo que, se nós não tivéssemos vindo, o Seminário no próximo ano já não existiria."[163]

"Os PP. Warnet e Gaultier estão-nos tão unidos como qualquer um de vós... Estão cheios de alegria e consolação, por verem as reformas e a ordem introduzidas no Seminário. É certo que, se nós não tivéssemos vindo, o Seminário no próximo ano já não existiria."

A princípio, nem todos partilhavam dos sentimentos dos PP. Warnet e Gaultier. "Um bom número de membros do 'Espírito Santo' receava vê-la absorvida e substituida pela Congregação do SS. Coração de Maria; vários outros receavam reformas."[164]

Isto escrevia-o Libermann a Mons. Barnabo, da Propaganda Fide. De facto, esta, do mesmo modo que o Núncio de França, não queria ver na reunião, mais do que uma substituição foi o termo que utilizaram..."[165]

Ao P. Le Vavasseur escrevia: "(Os padres do Espíririto Santo) estão encantatados por... me verem a mim encarregado da Obra." (96)

Por sua vez, o P. Weber escrevia em 2 de Novembro de 1848: "Se, como hoje soube, a Congregação do Espírito Santo e a do SS. Coração de Maria se reuniram numa só, regozijo-me com isso, pois é para bem dos Negros."[166]

161 Les Spiritains – H. Koren
162 ND XIII, p. 71
163 ND Compl., p. 152
164 ND XII, p. 202
165 Ibid. p. 288
166 ND. II, p. 407

"Não se asuste com as dificuldades que pensa encontrar no novo estado de coisas: os antigos membros do 'Espírito Santo' estão perfeitamente bem dispostos; são maleáveis, cheios de boa vontade..." Ao P. Tiago Laval escrevia um ano antes de morrer: "Não lhe falo do êxito da nossa união com o 'Espírito Santo', que ultrapassou todas as nossas esperanças. Deus abençoou-nos, embora o não tenhamos merecido."

Ao P. Le Vavasseur, convidado por Libermann a regressar à França para o ajudar na administração da Congregação, escrevia em Junho de 1849: "Não se asuste com as dificuldades que pensa encontrar no novo estado de coisas: os antigos membros do 'Espírito Santo' estão perfeitamente bem dispostos; são maleáveis, cheios de boa vontade..."[167]

Ao P. Tiago Laval escrevia um ano antes de morrer: "Não lhe falo do êxito da nossa união com o 'Espírito Santo', que ultrapassou todas as nossas esperanças. Deus abençoou-nos, embora o não tenhamos merecido."

Esta união era da vontade de Deus

Em carta de 29 de Dezembro de 1848 às comunidades de Bourbon e Maurícia, assim se exprimia Libermann relativamente à fusão: "A união das duas Sociedades sempre me pareceu ser da vontade de Deus...

Se tivéssemo ficado separados, a Sociedade do Santíssimo Coração de Maria ficaria exposta, se não a fracassar, pelo menos a vegetar por muito tempo e a sentir talvez, dentro de alguns anos, dificuldades e oposições tais, que todas as suas obras ficariam entravadas. Pelo contrário, tendo-se realizado a união, as nossas obras tomam uma grandíssima amplitude e vamos ter maior facilidade para as realizar. Esta facilidade far-se-á sentir sobretudo na Guiné: já não teremos que lutar contra uma Sociedade aprovada por Roma e pelo Governo... Com esta união asseguramos ainda, em certa medida, recursos materiais para a manutenção do noviciado e subsistência dos missionários que já estiverem fora de combate.

Considerando tudo isto e vendo também que, unindo-nos ao 'Espírito Santo', conservávamos o nosso espírito próprio e a nossa consagração ao 'Santíssimo Coração de Maria', julguei ver nesta união vantagens para as duas Congregações. Parecia-me ver nela a vontade de Deus e parecia-me certo o assentimento de todos os membros da Congregação..."[168]

Poucos meses antes de morrer, ainda Libermann exprimia a sua convicção e certeza de que Deus queria que a união se realizasse e que ninguém poderia duvidar disso. A fusão do Espírito Santo' com a do 'Santíssimo Coração de Maria' foi, sem dúvida, um dos maiores acontecimentos da história da Igreja no século XIX.

6. A reforma das colónias francesas

A seguir à fusão, foi possível a Libermann a reforma das Colónias, que foi, sem dúvida, um dos capítulos mais belos da sua vida.

Em 9 de Agosto de 1850 escrevia Le Vavasseur ao P. Blanpin: "Não nos vangloriaremos de ter dado bispos à Colónias, pois isso seria jactância, mas posso dizer, com toda a verdade, que, sem o nosso Superior, ou mesmo sem a nossa acção nos problemas religiosos das Colónias, este grande acontecimento estaria ainda muito longe do ponto a que nós o levámos. Seria difícil, muito difícil, dar uma ideia das penas, arrelias, fadigas e

[167] Cf. ND XI.
[168] ND. X

caminhadas, correspondência e visitas que lhe tem custado, de há um ano para cá, a nomeação dos Bispos..."[169]

Antes, a Congregação do Espírito Santo estava demasiado fraca para, sozinha, aguentar as Colónias, nem tinha a simpatia que outrora tivera

O galicanismo governamental

O que mais feriu o coração do P. Leguay foi a censura, a que fizemos referência no capítulo anterior, de "fazer excessivas concessões ao poder temporal e de uma certa tendência a afastar-se da sã doutrina". De facto, ele nunca desmereceu dos seus antecessores o apego filial à Santa Sé e à sã doutrina.

Por isso desabafa dolorosamente: "Recebi com respeito e resignação a censura que V. Eminência me faz..., mas confesso que fiquei muito sentido: é que ninguém está mais longe do que eu de fazer concessões ao poder temporal, concessões contrárias à fé, à disciplina da Igreja e à sã doutrina, e porque, na minha situação, preciso de alguns encorajamentos e de algumas consolações, que eu dispensaria, mesmo em desejo, se tivesse mais virtude , mas que a minha fraqueza teria gosto em receber e que não seriam inúteis..."

O desabafo continua: "A minha posição é cem vezes mais penosa do que a dos Bispos relativamente ao poder temporal, pois não posso dar um passo sem ele, e tenho sempre motivo para recear suspeitas, que não posso evitar, para bem da Religião, senão com extrema prudência". "Mas – escreve ainda na mesma carta – nem por isso reconhecemos menos a omnipotência da Igreja em tudo o que se refere ao poder espiritual."

"A minha posição é cem vezes mais penosa do que a dos Bispos relativamente ao poder temporal, pois não posso dar um passo sem ele, e tenho sempre motivo para recear suspeitas, que não posso evitar, para bem da Religião, senão com extrema prudência"

Leguay pôs o dedo numa das maiores causas da desordem moral e mal-estar existente nas Colónias francesas, o galicanismo governamental, que se intrometia continuamente nas questões religiosas.

"O Governo não queria nas colónias nem bispos nem sequer vigários apostólicos, mas apenas prefeitos apostólicos e Congregações". Quanto mais fraco fosse o poder religioso, mais facilmente o dominaria.[170]

O próprio P. Libermann escreveria ao Ministro dos Cultos em 15 de Outubro de 1850: "Os decretos e portarias, que até agora regeram os assuntos eclesiásticos nas Colónias criaram nestas terras um regime de excepção..., que tem sido uma das causas principais das desgraças do clero, e que é obstáculo invencível aos esforços do seu zelo pelo progresso do sentimento religioso e da moralização dos povos."[171]

No 'Memorial dos Bispos', que para eles escreveu, adverte-os Libermann de que vão encontrar na administração das suas dioceses e nas relações com os governadores dois inimigos: a ignorância e o espírito de domínio... A ignorância será frequentemente causa de grande mal. Estes militares não têm qualquer ideia do direito eclesiástico... e ingerir-se-ão em matérias que não são da sua competência...

---

169 ND – Compl., p. 153

170 APF. America-Antille, fls. 923r - 924v

171 ND XII, p. 411

O espírito de domínio é ainda pior. Estes homens, habituados a decidir despoticamente de tudo, quereriam agir do mesmo modo em matéria eclesiástica; ficarão melindrados, se ficarem limitados neste ponto pelo direito estabelecido a favor dos Bispos..."[172]

Para realizar com êxito a obra apostólica que Deus lhe confiava, o clero precisava de uma grande liberdade, junta a uma organização vigorosa e sustentada por um poder eclesiástico forte, capaz de se fazer respeitar pelos seus padres, e livre de toda a entrave e de toda a influência por parte da autoridade civil

À luz destas dificuldades, que o poder temporal levantava ao poder espiritual, Libermann reconhecia que o clero colonial era pelo menos "tão bom como a maioria do clero francês.[173]

Libermann mostra exemplos práticos: "Para realizar com êxito a obra apostólica que Deus lhe confiava, o clero precisava de uma grande liberdade, junta a uma organização vigorosa e sustentada por um poder eclesiástico forte, capaz de se fazer respeitar pelos seus padres, e livre de toda a entrave e de toda a influência por parte da autoridade civil. Ora o que existia era o contrário disto..."

O Prefeito apostólico não podia fazer qualquer mudança, sem o consentimento do Governador ou do Director do Interior. Estes é que, pelo contrário, muitas vezes lhe impunham as colocações e mudanças dos padres.

De seis em seis meses, o Prefeito era obrigado a enviar ao Governador notas sobre todos os membros do seu clero; e estas notas, a que o Govenador e o Director do Interior juntariam as suas, muitas vezes opostas às do Prefeito, ou corrigindo-as, eram enviadas ao Ministro. E mais do que isso: na mesma folha estes senhores acrescentavam notas sobre o próprio Prefeito, que, por conseguinte, era considerado e tratado como um subalterno.

Se um prefeito quisesse resistir às exigências do Governador, em breve era esmagado, pois o Governador tinha o poder de embarcar não só os simples padres, como até o seu chefe, de tal modo que, nos últimos seis anos, foram embarcados à força seis padres", um deles o P. Monnet.

A última grande obra de Libermann

O último grande capítulo da vida de Libermann foi a reforma destas colónias, tornada possível com a fusão das duas Congregações e a revolução de Fevereiro de 1848, que instalou um governo mais liberal.

Os assuntos eclesiásticos coloniais, que até então eram tratados com o Ministério da Marinha, com que Libermann se entendia muito bem, foram transferidos para o Ministério dos Cultos.[174] Também com este Ministério as relações continuaram a ser boas.

Para a reforma das Colónias francesas o primeiro passo a dar era a criação de dioceses coloniais. Já em Abril de 1845 Libermann escrevia ao P. Le Vavasseur: "É de esperar que brevemente se opere uma mudança nos assuntos religiosos das Colónias... Quando esta questão tiver sido discutida nas Câmaras, conseguir-se-á finalmente essa mudança para remediar os males das Colónias..."[175]

---

[172] Ibid., p. 280
[173] Ibid., pp. 322-323
[174] Ibid., p. 268-269
[175] IND X, p. 356

Cinco dias depois acrescenta em carta ao mesmo: "O problema das Colónias vai ser resolvido; é muito provável que se nomeiem bispos."[176]

Segundo Libermann a nomeação de bispos residenciais era quase indispensável para a solução destes problemas, mas havia ainda muito a esperar, pois os problemas arrastavam-se.

Era absolutamente necessário fazer sair o clero colonial do labirinto em que se encontrava". Para isso Libermann pede informações e pormenores que possam ser necessários ou úteis... para poder defender os interesses das Colónias... e fortificar o poder espiritual até então infelizmente muito débil". "Estou firmemente resolvido – escreve categórico – a fazer tudo o que de mim depender para o fortalecer com todo o cuidado de não lhe tirar sequer a menor parcela."[177]

Já depois da fusão, em 15 de Outubro de 1849, escrevia uma carta sobre as Colónias ao Sr. Ministro dos Cultos, "por conhecer os profundos sentimentos religiosos do Sr. Ministro e os seus sinceros desejos de libertar a Igreja de todas as entraves que, por toda a parte, o poder civil procura impor -lhe."[178]

"Os dois Ministros (dos Cultos e da Marinha) - escrevia Libermann ao Card. Prefeito da Propaganda em 25 de Dezembro de 1849 – mostraram excelentes disposições e mesmo zelo em promover, com vantagem para a Igreja, os problemas eclesiásticos destas terras... Foi decidida definitivamente a erecção de três bispados."[179]

Foi igualmente determinado que os Bispos das Colónias gozarão dos pleno poderes que as leis da Igreja nos dão em matéria espiritual e que serão igualados aos Bispos de França, especialmente nas suas relações com o Governo."[180]

Estava satisfeita, devido sobretudo aos seus esforços, uma grande aspiração de Libermann, a erecção das dioceses coloniais.

Libermann, homem da confiança do Governo

Após a criação das dioceses, o Card. Prefeito da Propaganda encarregou de lhe apresentar os candidato o P. Libermann, que era também homem da confiança do Governo.[181]

Libermann começou, pois, a recolher informações. Como qualidades requeridas era já sua antiga ideia que duas eram essenciais: a piedade e o espírito administrativo. "O mais importante é o bom administrador e o homem de piedade e virtude. Se for possível aliar também a teologia..., é bom; mas, a ter de escolher, eu prefiro um administrador piedoso e humilde."[182]

---

176 ND VII, p. 136
177 Ibid., pp. 137-138
178 ND XI, p. 160
179 Ibid., pp. 182-183
180 Ibid., p. 308
181 Ibid., p. 309
182 ND XII, pp. 73-74

Após ter colhido informações pelo menos sobre dez padres, foi ter com Ministro dos Cultos, "que queria ter padres dignos do desempenho deste alto cargo". O Ministro – escreveu Libermann – "discutiu comigo diferentes candidatos, riscando todos aqueles contra os quais eu me pronunciava. Mandou chamar o Secretário, à minha presença, depois de termos discutido os quatro nomes que eu apresentava, para saber quais os três dos quatro deviam ser escolhidos. Acabaram por sê-lo os PP. Leherpeur para a Martinica, Lacarrière para Guadelupe e Desprez para a Reunião (Bourbon).

O P. Desprez parecia ser um candidato ideal: "de 43 anos de idade, reunia todas as qualidades desejáveis num bispo: virtudes, e piedade sólidas, talentos, habilidade nos negócios, sabedoria e amabilidade", "com capacidade suficiente para bem organizar uma nova diocese

Segundo Libermann, que os escolheu, o P. Desprez parecia ser um candidato ideal: "de 43 anos de idade, reunia todas as qualidades desejáveis num bispo: virtudes, e piedade sólidas, talentos, habilidade nos negócios, sabedoria e amabilidade", "com capacidade suficiente para bem organizar uma nova diocese."

O P. Leherpeur, "de 53 anos de idade", "homem piedoso, cheio de zelo e dedicação, firme, prudente, moderado...,capaz de organizar uma nova diocese e de sabiamente a governar."

O P. Lacarrière não foi nenhum dos dez sobre os quais Libermann primeiro pediu informações, mas que figurara numa lista de três em 30 de Junho de 1850. Vivia no convento de S. Miguel, rue Saint-Jacques, Paris.[183]

"Por dois decretos de 18 de Dezembro de 1850, mandados publicar pelo Presidente da República, eram, pois, criados os bispados da Martinica, Guadelupe e Reunião, e nomeados para eles respectivamente os PP. Leherpeur, Lacarrière e Desprez."[184]

Tenho ainda grandes trabalhos a fazer

Apesar de os Bispos estarem já nomeados, os trabalhos de Libermann com as Colónias ainda não estavam terminados, como ele mesmo nos diz em 30 de Agosto de 1850: "Os Bispos das Colónias estão nomeados" mas "tenho ainda neste momento grandes trabalhos a fazer para regular os seus problemas. Só depois ficarei livre... Pôr as Colónias em bom caminho é assunto importante para a glória de Deus e, se eu não me ocupasse disso a sério, jamais se faria esse trabalho; vale, pois, a pena ocupar-me deste assunto e fazer um pequeno sacrifício de tempo, depois de tantos outros já feitos."[185]

Libermann teve a peito preparar as novas dioceses de tal modo os seus Bispos não tivessem nelas grandes problemas. "Havia muitas pequenas coisas que era necessário não esquecer e Libermann entra em pormenores, tais como: "acusar ao Ministério da Marinha a recepção da cruz peitoral de D. Lacarrière e a nomeação do seu Vigário geral; tratar com o Governo das cidades que seriam a sede das dioceses (19); adaptação de igrejas já existentes a catedrais, ou criação de catedrais novas; obtenção de uma biblioteca para cada paço episcopal, que era necessário também criar, pois

[183] ND IX, pp. 46-47
[184] ND XII, p. 307
[185] Ibid., pp. 591-592

não havia paços. Seriam necessários os cabidos dos cónegos para a recitação do ofício divino?[186]

Honras e precedências

Do que Libermann teve de se ocupar! Mesmo das honras e precedência!. Em 15 de Outubro de 1850 escrevia ao Ministro dos Cultos: "Não sendo o comandante militar das Colónias general de brigada... não deve ter precedência sobre o Bispo... Assim o lugar deste é imediatamente a seguir ao do Governador..." As propostas de Libermann eram tidas em consideração, segundo ele mesmo escrevia em 12 de Dzembro de 1850:" A Comissão relativa ao exame das questões concernentes à vossa posição de bispos na hierarquia dos poderes locais da Colónia reuniu-se hoje numa sessão de três horas, tendo passado em revista e decidido estas questões do modo mais satisfatório, e é com verdadeira satisfação que tenho a honra de vir imediatamente prestar contas a V. Exc. Rev. ma o que foi decidido..."[187]

"Continuará a haver distinção bem marcada entre os membros da Congregação e os padres seculares das Colónias; mas esta distinção não pode nem deve manifestar-se no Seminário"

A cadeira do Governador

Em 15 de Dezembro de 1850 Libermann escrevia ao Ministro dos Cultos "sobre o lugar a ser ocupado pela cadeira do Governador da Colónia e o banco da Administração... A poltrona do Governador deve ficar evidentemente no coro..., mas de modo a que as cerimónias se façam com facilidade..."

Quanto ao banco da Administração, houvera, outrora, graves questões em Guadalupe. Por isso escreve Libermann a D. Lacarrière: "Talvez pudesse V. Exc. Rev.ma dizer ao Governador que, em princípio, o lugar do administrador não é na capela-mor; que deve ter, sem dúvida, um lugar de distinção na igreja, mas não no santuário. Poderia acrescentar, todavia, não querer causar-lhe pena, tocando actualmente nesta questão"...[188]

Acrescenta Libermann que se isto fosse dito em espírito de paz e suavidade, satisfaria o Governador, e a decisão seria assim remetida para mais tarde.

Seminário do Espírito Santo, Seminário das Colónias

Uma dupla tarefa se impunha agora a Libermann: continuar a enviar padres para as Colónias, mas só depois de devidamente formados ou escolhidos. "Continuará a haver distinção bem marcada entre os membros da Congregação e os padres seculares das Colónias; mas esta distinção não pode nem deve manifestar-se no Seminário", escreveu Libermann em princípios de Janeiro de 1849 e, cerca de um ano depois, escrevia novamente ao Ministro dos Cultos: "No momento actual precisamos, mais do que nunca, de ser severos na admissão dos padres para o clero colonial...; não admitiremos, para o futuro, senão padres materialmente desinteressado, dedicados e cheios de zelo."[189]

"No momento actual precisamos, mais do que nunca, de ser severos na admissão dos padres para o clero colonial...; não admitiremos, para o futuro, senão padres materialmente desinteressado, dedicados e cheios de zelo."

[186] Ibid., pp. 355-356
[187] Ibid. p. 332
[188] Ibid. p. 333
[189] ND XII, pp. 104, 287

Têm de procurar um clero bom, regular, dócil, e cheio do espírito do seu estado" e a seguir, expõe-lhes os meios para isso

No 'Memorial' aos Bispos, Libermann recomendava também: "Têm de procurar um clero bom, regular, dócil, e cheio do espírito do seu estado" e a seguir, expõe-lhes os meios para isso.[190]

No mesmo 'Memorial' escreveu também : "Quando chegámos ao Seminário, encontrámos entre os alunos alguns bons elementos, mas encontrámos outros de mau espírito e tivemos grandes dificuldades a vencer..."" Mas essas dificuldades foram vencidas, e em 13 de Novembro de 1850, Libermann já podia escrever: "" Seminário vai muito bem. Tem poucos alunos, mas piedosos e regulares" e, em Abril de 1851:

"O Seminário vai muito bem. Reina nele um excelente espírito. Deus abençoou-nos depois de nos ter deixado, durante dois anos, em grandes tribulações."[191]

Além das três dioceses, o Seminário provia também de clero as prefeituras apostólicas de S. Pedro e Miguelão, Guiana, Senegal, Maiote e Índia francesa (Pondichéry).[192]

Só entre 1850 e 1878 este Seminário enviou para as Colónias 360 padres bem formados.[193]

Fechar o Seminário, como Le Vavasseur aconselhara Libermann no tempo da crise, teria sido, como este lhe escreveu, "uma das injúrias mais violentas que a nossa pequena Congregação podia fazer a Deus."[194]

Os padres das Colónias eram formados em grande espírito de desapego dos bens terrenos

Pensão de reforma para os padres das Colónias

Nada passou despercebido ao espírito e ao coração de Libermann. Os padres das Colónias eram formados em grande espírito de desapego dos bens terrenos; não iriam para as Colónias na mira do vil metal. Era, pois, necessário assegurar-lhes a subsistência na doença e na velhice. Disso tratou também Libermann.

"Venho do Ministério – escrevia ele em 6 de Março de 1851 a D. Leherpeur – onde estive a tratar das pensões de reforma do clero das vossas dioceses..."[195]

Referindo-se a 60 bolsas obtidas do Governo para o Seminário do Espírito Santo e à erecção dos bispados das Colónias, escreveu Libermann: "Quantas penas e trabalhos estas duas questões me deram! Mas estou muito consolado com a esperança de próximo êxito...", esperança que se tornou realidade.[196]

Um capítulo belo da vida de Libermann

Referindo-se ao Seminário e às Colónias que ele servia, escreveu Libermann a Le Vavasseur no Pentecostes de 1850: "Deus quer que façamos esta

[190] Idem
[191] ND XIII, p. 97
[192] Georgr Goyau- La Cong. du Saint-Esprit, p. 139
[193] Les Spiritains
[194] ND XII, p. 199
[195] ND XIII, p. 71
[196] ND XII, p. 84

obra e não pensemos senão numa coisa: adoptar os meios próprios para a fazer triunfar segundo Deus...; temos de mostrar que é chegado o momento em que Deus quer curar os males das Colónias e do seu Seminário..."[197]

No 'Memorial dos Bispos' escrevera: "Não nos furtamos ao trabalho nem às dificuldades nem à solicitude para ajudarmos VV. Exc. Reverendíssimas a fazer o bem na sua bela e admirável obra..."[198]

Tinha razão Sansão Libermann, ao escrever a propósito da primeira biografia do irmão, escrita pelo Cardeal Pitra: "Lamento que se tenha omitido a criação dos bispados das Colónias"[199]. É que a reforma das Colónias com a concomitante criação dos bispados é um dos capítulos mais belos da vida de Libermann!

Deus quer que façamos esta obra e não pensemos senão numa coisa: adoptar os meios próprios para a fazer triunfar segundo Deus...; temos de mostrar que é chegado o momento em que Deus quer curar os males das Colónias e do seu Seminário...

Bibliografia

ACM – Arquivos da Casa-Mãe. Chevilly (Paris)

APF – Arquivos da Propaganda Fide (Roma)

CS – Cahiers Spiritains, Roma (Maison Généralice)

LS. – Lettres Spirituelles du Ven. Libermann – Troisième Édition (Paris)

ND – Notes et Documents Relatifs à la Vie et à l'Oeuvre du Vén. François-Marie-Paul Libermann

[197] Ibid., p. 202
[198] Ibid., p. 289
[199] ND II, p. 407

IRMÃ JOSEJA MARIA FERNANDES *

as irmãs missionárias do espírito santo - história de uma fundação (cont.)

A vida de Eugénia não foi longa. Morreu com a idade de 38 anos - ou seja 10 anos após a fundação do Instituto. As suas missionárias estavam já presentes: nos Camarões, na Martinica, em Madagáscar e em Oubangui-Chari. Aquela que Deus escolhera para lhe confiar o Carisma fundador de uma Congregação exclusivamente missionária, que o seu temperamento ardente e cheio de entusiamo chamava para a acção baseada na união a Deus – não conhecerá a África senão do céu, tal como o Padre Libermann.

Para nos ajudar a melhor compreender a Fundadora[1] e a Fundação, descrevemos agora resumidamente o contexto histórico da última etapa do séc. XIX e a primeira do séc. XX, época que viu nascer e crescer Maria Eugénia Caps e a Congregação das Irmãs Missionárias do Espírito Santo.

1. Contexto eclesial e social - O Modernismo e a Primeira Guerra Mundial:

A nível da Igreja, notemos, antes de mais nada aquilo a que se chamou a crise do espírito = o MODERNISMO: O Evangelho e a Igreja de LOISY. A Igreja debatia-se contra um certo "cristianismo moderno" que pretendia adaptar os dogmas da fé às exgências da nova filosofia.

Pio X denunciava a corrente de pensamento que admitia que os dogmas fossem mudados, que se pudessem interpretar de maneira puramente humana os mistérios da fé, que se reconhecesse o direito de não mais ter por verdadeiro tudo quanto se lê nas Escrituras ou ainda que se esvaziasse a vida religiosa das suas exigências espirituais, reduzindo-a a um mero código de moral prática.

«A Igreja debatia-se contra um certo "cristianismo moderno" que pretendia adaptar os dogmas da fé às exgências da nova filosofia.»

* Espiritana, portuguesa, actualmente a trabalhar em Braga – Portugal. Cf. "missão espiritana" nº 1, p. 43.

[1] Cf. - Revista **Missão Espiritana 1**, Págs. 43-53

A crise que agitou a Igreja ao longo de vinte anos, foi uma das mais terríveis de quantas suportou ao longo da sua história.

Mas, numa época que se ufana de nada fazer que não seja conforme à razão positiva, explicável por si, justificável pelos seus cânones, o Espírito timbra em manifestar-se sob as formas mais desconcertantes: Uma Gemma Galgani (1978-1903) vive constantemente no mundo do sobrenatural. Uma Jeanne d'Arc[2] que ouvia "vozes". Uma Teresa do Menino Jesus com o seu "abandono confiante"...[3]. Um Padre Foucauld... etc.

«Pio X em toda a sua vida foi dominado pela preocupação de conduzir os cristãos a uma vida espiritual mais intensa, e mereceu o nome de "Papa da Eucaristia". A sua divisa era: "Instaurar tudo em Cristo".»

Cito Gemma Galgani e Joana d'Arc porque a santidade de ambas terá notável influência na vida espiritual de Maria Eugénia Caps. Ela fala disso nos seus escritos.

É também a época da beatificação do Cura d'Ars e de outros grandes devotos da Eucaristia e da Comunhão frequente.

Em 1903 é eleito Pio X. Sob o seu Pontificado intensifica-se a vida eucarística da Igreja. Em 1905, publica um decreto sobre a comunhão frequente. Em toda a sua vida foi dominado pela preocupação de conduzir os cristãos a uma vida espiritual mais intensa, e mereceu o nome de "Papa da Eucaristia". A sua divisa era: "Instaurar tudo em Cristo".

Há em tudo isto, devemos confessá-lo, uma espécie de paradoxo, porque estes progressos de ordem sobrenatural são concomitantes com uma outra mudança igualmente evidente: os progressos da irreligião. Tudo se passa como se o ateísmo que se impõe à fé lhe fosse útil, impondo aos crentes um aprofundamento, uma decantação da sua crença.

A renovação sacerdotal acentua-se, embora o número de sacerdotes diminua por causa das provações que a Igreja sofreu.[4]

«eu não posso conceber uma vida activa sem uma vida muito, muito íntima com Deus...»

Desta renovação aproveitou o Padre Eich, director espiritual de Maria Eugénia, fazendo-a beneficiar dela. Em Agosto de 1906, dirigindo-se aos sacerdotes, Pio X exortava-os ao equilíbrio necessário entre a vida espiritual e a vida apostólica. Nos escritos do Padre Eich e de Maria Eugénia encontraremos muitas vezes expressões como estas: «...A vida interior como base da vida apostólica... », « eu não posso conceber uma vida activa sem uma vida muito, muito íntima com Deus...»

Em 1907 Pio X condena o Modernismo. Em 1908 excomunga o Padre Alfred Loisy – uma das principais figuras do Modernismo.

«Durante quatro anos, a Europa ia viver mergulhada em sangue; depois, nos anos seguintes, ela sentiria na sua própria carne as feridas recebidas.»

Para além da sua crise interna a Igreja ia ser abalada pela guerra mundial, que Pio X preanuncia nestes termos – pouco antes da sua morte: "A Europa está a ser arrastada, quase toda, para uma guerra de que não se podem prever os perigos, as carnificinas e as consequências sem nos sentirmos perpassados pela dor e pelo terror... Não podemos deixar de ter a alma dilacerada..."

Durante quatro anos, a Europa ia viver mergulhada em sangue; depois, nos anos seguintes, ela sentiria na sua própria carne as feridas recebidas. Desta trágica crise, ela sairá abalada, esgotada, diminuída, ameaçada por novos perigos. A Igreja, também ela, ia ser igualmente abalada pela guerra mundial.

---

[2] Cuja beatificação tem lugar em 1909 e a canonização em 1920

[3] Morta em 1897 e canonizada em 1925

[4] Em França, pela separação da Igreja e do Estado, por exemplo.

O último Acto Apostólico de Pio X em Agosto de 1914, seria o de receber em audiência os alunos dos seminários estrangeiros de Roma que regressavam aos seus respectivos países para se baterem uns contra os outros: Franceses, Alemães, Belgas, Austríacos, Ingleses, Eslavos. A Igreja "esfarrapava-se" visivelmente sob os seus olhos. Ele pediu a todos para não esquecerem a grande lei da misericórdia, mesmo no furor da guerra, e abençoou-os a todos, a chorar.

Bento XV - no Pontificado do qual **teve lugar a Fundação das Irmãs Missionárias do Espírito Santo.**

Em Setembro de 1914, Bento XV sucede a Pio X. Na mesma linha deste, e enquanto durou a "terrível carnificina", em várias ocasiões este Papa gritou que a "Europa estava a suicidar-se", que ela se desonrava, que essa era "a mais sombria tragédia da demência humana".

O Papa gritou que a "Europa estava a suicidar-se", que ela se desonrava, que essa era "a mais sombria tragédia da demência humana".

A guerra punha em perigo a unidade do mundo católico: defrontavam-se cristãos nos campos de batalha como nos da propaganda mentirosa, porque em ambos os campos os católicos adoptaram, quase unanimemente, as posições do nacionalismo mais exaltado. Em França, perante o perigo "União Sagrada" reconciliou os católicos e os seus adversários: 25.000 padres, dos quais 12.000 como combatentes, serviram no exército e 4.608 caíram no campo de batalha, sacrifício admirável em si e que havia de ter consequências fecundas quanto à situação religiosa do após-guerra.

Mas quantos padres, quantos católicos aceitaram sem discussão as teses das piores propagandas, espalharam calúnias terríveis, pregaram o ódio, reclamaram vinganças sem piedade!... O mesmo aconteceu na Alemanha.

Tudo isso, tendo em conta as circunstâncias, era explicável, até desculpável; mas compreende-se que um Papa tenha querido pôr fim a uma situação tão incompatível com o espírito católico. O que ele procurava suscitar era uma paz "estável e equitativa obtida através de negociações" pesando os "direitos e as justas aspirações dos povos", e não uma paz de vingança imposta pelos vencedores aos vencidos que "preparem a reivindicta e transmitam o ódio através das gerações".

Bento XV faz numerosas declarações em prol da paz, mais duas encíclicas e oferece-se como medianeiro para negociações entre a França e a Alemanha.

Mas as suas iniciativas não foram bem sucedidas, houve mesmo contra o Papa uma tempestade de imprecações como resposta ao seu plano de paz.

Após o Armistício e uma vez que as negociações determinaram o destino das antigas colónias alemãs, pôs-se a questão de saber a quem ficariam a pertencer as missões católicas que se encontravam nestes territórios. Alguns diziam que se entregassem às missões protestantes. Finalmente foram confiadas à Santa Sé, pelo artigo 438 do Tratado de Versailles e esta atribuição foi confirmada por uma carta de Lord Balfourd. Era o reconhecimento da autoridade supranacional do Papa em toda a Obra Missionária.

E depois, houve uma liberalização do governo francês, favorecendo as Congregações Religiosas.

A Bento XV sucedeu Pio XI nos princípios de 1922, que continuou a via aberta pelo seu predecessor. Ele procurará restabelecer em toda a parte a presença da Igreja... a sua "soberania espiritual".

2. O ressurgir das missões

A primeira metade do século XIX assistira ao ressurgir das Missões. As Congregações Missionárias multiplicam-se, bem como as Obras Missionárias: Propagação da Fé, Santa Infância, e mais tarde (1889) São Pedro Apóstolo.

Depois, em 1915 um outro movimento: A Pia Sociedade da União Missionária do Clero, aprovada por Bento XV numa frase da "Maximum Ilud".

No fim do séc. XIX e princípio do séc. XX a literatura missionária abunda o que muito contribui para o conhecimento das missões e também as exposições missionárias, como por exemplo, a que em 1925 se instalou nos jardins do Vaticano, mostrando, segundo Pio XI, "como que num livro imenso e atraente tudo o que os missionários faziam pelo vasto mundo".

Havia também os museus missionários permanentes. O mais importante foi criado em Latrão – alguns anos mais tarde.

As mulheres não se limitaram a seguir o movimento missionário, elas precedem-no, tornando-se pelo menos duas vezes mais numerosas que os homens.

O cinema ajudou igualmente a propaganda missionária. O filme do Padre Poirier "l'Appel du silence" dedicado ao Padre Foucauld, e o do Padre Lhande sobre a Índia haviam de deixar profundas marcas.

Depois, algumas canonizações bastante próximas no tempo e sobretudo a proclamação da Santa Teresinha do Menino Jesus como padroeira das Missões, eis outros tantos meios para estimular o fervor missionário entre os cristãos.

As mulheres não se limitaram a seguir o movimento missionário, elas precedem-no, tornando-se pelo menos duas vezes mais numerosas que os homens; algumas associadas a Institutos masculinos como as Irmãs Blanches, outras autónomas, como as Irmãs Bleues de Castres e as de S. José de Cluny.

Em 1919, a 30 de Novembro, apareceu uma grande encíclica a que já fiz referência mais acima, sobre o problema missionário. Trata-se da encíclica Maximum Ilud de Bento XV.

Nela, o Papa denunciava o perigo do nacionalismo, esse nacionalismo que tanto mal fizera às missões. Eis alguns extractos:

"O missionário deve obedecer à ordem do Salmista: 'esquece o teu povo e a casa de teu pai!.'"

"Que pena seria ver os missionários ignorar a sua dignidade a ponto de colocarem os interesses dos seus países acima dos do Céu!"

"A Igreja de Deus é "católica: em nenhuma parte, em nenhum povo, ela poderia ser estrangeira".

"Que pena seria ver os missionários ignorar a sua dignidade a ponto de colocarem os interesses dos seus países acima dos do Céu!"

Esta encíclica tocou muito Maria Eugénia Caps, como ela própria o declara nos seus escritos.

Esta encíclica tocou muito Maria Eugénia Caps, como ela própria o declara nos seus escritos

As missões ocupavam, em 1870, posições já sólidas na periferia do Continente Africano, mas tinham penetrado pouco para o interior. Aliás, as zonas de "Terra incógnita" cobriam aí ainda grandes espaços.

O homem que incarnou esta vontade de penetração das Missões Católicas foi o Cardeal Lavigerie (fundador dos Padres Brancos).

Com os Padres Brancos "rivalizavam santamente" outras Congregações missionárias, a cada uma das quais Roma atribuía sectores bem definidos.

Na África Ocidental, os Padres do Espírito Santo, que contavam com um bom número de grandes figuras, tiveram como rivais os Padres das Missões Africanas de Lyon.

As mulheres não ficaram atrás: Irmãs Blanches, Irmãs Missionárias de Lyon, Irmãs da Caridade de Gand, Irmãs de S. José de Cluny, e, alguns anos mais tarde vão juntar-se-lhes as Irmãs Missionárias do Espírito Santo, associadas à Congregação dos Missionários do Espírito Santo.

Em 1939 havia em África vinte e cinco Institutos de mulheres, nas fileiras dos quais os rostos negros começavam a multiplicar-se.

Esta implantação missionária em África foi espantosamente abundante em grandes figuras, não apenas de pioneiros mas também de empreendedores. Muitos "fizeram" literalmente uma região, imprimindo nela, muitas vezes de maneira original, as marcas de Cristo, e também as do seu temperamento!...

Enviado para o Gabão, D. Alexandre Le Roy, tornou-se o arauto da libertação da mulher negra, vendida então como gado lá como por toda a parte

É D. Augouard "Bispo dos Antropófagos" apóstolo do Gabão, depois do Congo, depois do Oubangui, que se vê durante anos, patrulhando entre os vários postos com os pequenos barcos a vapor que manda ir da Europa, sem conseguir durante muito tempo, digamos, nenhum resultado, até ao dia em que, por volta de 1900, a situação virou e se assistiu, de uma assentada, a um gigantesco movimento de conversões.

É D. Alexandre Le Roy, que se lançou à conquista do Quelimanjaro, celebrou a missa a 3.600 metros de altitude, assentou as bases do Vicariato que tirou o nome do célebre vulcão; depois, tendo deixado a região sob pressão dos Administradores alemães e enviado para o Gabão tornou-se o arauto da libertação da mulher negra, vendida então como gado lá como por toda a parte.

E outras figuras do género, como Jarosseau, capuchinho na Etiópia, o Padre Aupiais das Missões Africanas de Lyon, no Daomé, actual Benin, etc...

Maria Eugénia Caps, desde pequena se alimentava desta literatura missionária. Ela lia os jornais e revistas que relatavam as necessidades e as aventuras missionárias

Apesar das dificuldades, a história da implantação católica no continente negro conheceu páginas tão belas como as dos primeiros cristãos. A mais célebre é aquela que escreveram, com o seu sangue, os Mártires do Uganda, no fim do sé. XIX.

De toda esta literatura missionária se alimentava Maria Eugénia Caps desde pequena, no Pensionato das Irmãs da Providência de Peltre, guiada pela sua professora de classe a Irmã Sérafine. E depois ela mesma lia os jornais e revistas que relatavam as necessidades e as aventuras missionárias.

Nos Camarões, para onde partirão 8 das primeiras professas espiritanas, após a primeira guerra mundial produzia-se um movimento de conversão tão forte, que poderia dizer-se que o "Espírito Santo soprara em tornado"!

Em Angola, após o período heróico do Padre Duparquet, os seus confrades do Espírito Santo e os Padres portugueses de Cernache, ajudados depois pelos Padres de La Salette e pelas Fransciscanas de Maria, chegaram a congregar à sua volta 40% da população.

Em Moçambique, o clero português demonstrara um zelo e um espírito de empreendimento que produzia os seus frutos.

Em todo o Continente, as missões católicas criaram desde então bases sólidas, embora longe de serem perfeitas.

Foi neste mesmo contexto que Maria Eugénia nasceu e cresceu. Ele teve certamente influência na sua vocação missionária.

O papel de D. Alexandre Le Roy, então Superior Geral dos Espiritanos, foi decisivo para a Organização Jurídica e Canónica do novo Instituto

3. Organização jurídica e canónica: Papel importante de D. Alexandre Le Roy:

Em **Missão Espiritana nº 1 pags. 52-53**, podem-se ler o momento e as circunstâncias em que se deu a fundação das Espiritanas, após longa germinação.

O papel de D. Alexandre Le Roy, então Superior Geral dos Espiritanos, foi decisivo para a Organização Jurídica e Canónica do novo Instituto. Ele acompanhava de perto esta jovem fundação. Não podendo deslocar-se muitas vezes à Lorena – berço da Obra – para a acompanhar pessoalmente, nomeou Padres da sua Congregação para o representarem.

Contudo, ele próprio, desde o início fez em Roma as diligências necessárias para pôr em regra o novel Instituto. Ele reconhece nisso o seu papel importante e providencial. Leiamo-lo:

"Ninguém estava menos preparado que eu para esta fundação. Também não fui eu que suscitei os membros. Foi a Divina Providência que mos enviou... Mas reconheço que os congreguei numa organização especial, com um fim único e bem definido, um nome, um hábito, um espírito e em breve Constituições...".[5]

Em 1925 – perante a ameaça de dissolução por causa das dificuldades de ordem jurídica decorrente da lei de 1903, D. Alexandre, com uma habilidade e uma diplomacia extraordinárias, consegue preservar o Instituto Religioso

Em 1925 – perante a ameaça de dissolução por causa das dificuldades de ordem jurídica decorrente da lei de 1903, D. Alexandre, com uma habilidade e uma diplomacia extraordinárias, consegue preservar o Instituto Religioso apresentando-o, perante o Governo, como Associação sob o nome de "INSTITUTO DAS ENFERMEIRAS COLONIAIS" ditas Irmãs Missionárias do Espírito Santo..."[6]

"O Instituto como tal... não tem existência legal. Os 'Dossiers' que lhe dizem respeito foram apenas recebidos pelo Ministério do Interior de que acusou recepção: o que o deixa numa situação legal, mas não lhe dá a existência (jurídica), a qual não pode ser pronunciada senão depois de um parecer favorável do Conselho de Estado" (que nunca veio).[7]

[5] cf. Carta ao Padre Cruz, de 9 de Agosto de 1927 – Cópia em Arquivos Gerais das Espiritanas

[6] cf. Doc. Chronologique de Soeur Guénolé e Estatutos – Arquivos Gerais das Espiritanas

[7] cf. Carta do Padre Cruz, acima citada

3.1. Diligências feitas em Roma:

Datada de 12 de Janeiro de 1921, D. Alexandre Le Roy apresenta ao Santo Padre Bento XV a seguinte "Súplica":

"Santíssimo Padre,

Desde há muito nas 25 dioceses, vicariatos e prefeituras apostólicas confiadas à Congregação do Espírito Santo, em África e na América, sentimos a necessidade de podermos contar com o concurso das Religiosas Missionárias especialmente comprometidas nas nossas missões e reunidas para este fim por uma vocação comum. Estas Religiosas deveriam estar preparadas para todas as tarefas: aprender as línguas indígenas, instruir as crianças, as mulheres, os velhos, preparar as jovens negras em ordem à família cristã, cuidar dos doentes, ensinar os trabalhos habituais da mulher, etc.. Temos, é certo, nas nossas missões religiosas de diversas Congregações, mas são em número insuficiente, sobretudo desde que as Religiosas de nacionalidade alemã foram expulsas das Missões dos Camarões e da África Oriental. Por isso é que, sem dúvida, outras Congregações como as dos Padres Brancos, as Missões Africanas de Lyon, os Padres da Consolata de Turim, se muniram do concurso de Religiosas Missionárias unicamente dedicadas às suas missões.

Desde há muito, sentimos a necessidade de podermos contar com o concurso das Religiosas Missionárias especialmente comprometidas nas nossas missões e reunidas para este fim por uma vocação comum

Ora, parece que a divina Providência nos proporcionou uma instituição semelhante, suscitando na Lorena algumas jovens de piedade séria e comprovada que, desde há dois ou três anos têm a inspiração de se consagrarem inteiramente ao serviço das Missões com o nome de "Irmãs Missionárias do Espírito Santo". Outras pessoas de várias dioceses, sem conhecerem este projecto, propõem-se igualmente e espontaneamente um fim semelhante e pressionam-me para abrir num ponto central da França, como Paris, ou nas cercanias, uma casa em que este pequeno grupo de boas cristãs poderia reunir-se e começar a sua formação religiosa apostólica em condições normais.

Santíssimo Padre, se Vossa Santidade julgar por bem encorajar e aprovar estas boas vontades, ouso rogar para impetrar sobre elas as bênçãos de Deus, pois só elas as podem fecundar para Sua glória e para salvação das almas abandonadas. Estes encorajamentos paternais e esta 1ª aprovação do Vigário de Jesus Cristo serão tidos como sinal favorável da Providência e recebidos com profundo reconhecimento pelas novas associadas, seus directores, seus benfeitores e benfeitoras, bem como pelos nossos diversos responsáveis de Missão que desde há muito esperam impacientemente tal ajuda.

Dignai-vos, Santíssimo Padre, aceitar a homenagem da religiosa veneração com que eu sou de Vossa Santidade, o filho muito humilde, muito obediente e totalmente dedicado."

Assinado: "A. Le Roy "

"Minhas Irmãs, É a primeira vez que vos escrevo e vos chamo pelo vosso nome, por este nome que faz de vós uma pequena família consagrada ao serviço do Bom Deus para a salvação das almas abandonadas da África pagã... »

No decurso da sua estadia em Roma, D. Alexandre Le Roy escreveu à pequena comunidade de Farschwiller nestes termos, a 27 de Janeiro de 1921:

"Minhas Irmãs,

É a primeira vez que vos escrevo e vos chamo pelo vosso nome, por este nome que faz de vós uma pequena família consagrada ao serviço do Bom Deus para a salvação das almas abandonadas da África pagã.

Estou feliz por o fazer de Roma e por vos enviar para a casinha da Lorena que vos serve de berço, as mais afectuosas bênçãos do Santo Padre.

Falei-lhe de vós; ele aprova o vosso projecto e penso mesmo que proximamente vos dará uma prova autêntica do interesse que tem por vós.

Podemos por conseguinte pensar, uns e outras num caminho querido e aberto pela Divina Providência..."

«Podemos por conseguinte pensar, uns e outras num caminho querido e aberto pela Divina Providência..."

E, com efeito, no decurso do mês de Fevereiro chegava o "primeiro Acto oficial de Roma", com os encorajamentos e a bênção de Bento XV.

Foi uma grande alegria para o grupo, mas com um pequeno revés que penalizou sobretudo Eugénia, porque o "Coração Imaculado de Maria" não figurava no documento.[8]

3.2. "Informações para a Congregação da Propagação da Fé":

Segundo as normas em vigor, o Bispo do lugar devia, antes de empreender qualquer coisa, enviar informações a Roma. D. Pelt, Bispo de Metz julgou que, sendo o Instituto unicamente missionário, era melhor que fosse o próprio D. Alexandre Le Roy a apresentar estas "informações".

E eis como este apresenta as origens da fundação nestas **"Informações"** que depôs ao Cardeal VAN ROSSUM, Prefeito da Congregação da Propagação da Fé[9], em Fevereiro ou Março de 1922:

"As Irmãs Missionárias do Espírito Santo"

Acabada a guerra, a Menina Eugénia Caps pôs-se em contacto com os Padres do Espírito Santo de Neufgrange (Lorena) e por eles com Monseigneur Le Roy, Superior Geral da Congregação

3.2.1. Origens da fundação:

No decurso dos últimos anos, uma jovem e valorosa cristã de Bouzonville, na diocese de Metz, Maria Eugénia Caps, agrupou à sua volta algumas das suas amigas, na ideia de se consagrarem a Deus para as Missões estrangeiras.

Acabada a guerra, a Menina Eugénia Caps pôs-se em contacto com os Padres do Espírito Santo de Neufgrange (Lorena) e por eles com Monseigneur Le Roy, Superior Geral da Congregação.

Este, por essa época, procurava precisamente religiosas para substituirem as Irmãs Alemãs que foram obrigadas a deixar as Missões dos Camarões e do Leste Africano, de que está encarregada a sua Congregação. Pareceu-lhe

[8] O texto do Documento segue em anexo (anexo 1)

[9] Actualmente chamada "Para a Evangelização dos Povos"

providencial a proposta da menina Caps tanto mais que, pouco depois, outras jovens de diferentes pontos da França, se ofereciam para o mesmo fim.

Tendo, pois, ido a Roma, em Janeiro de 1921, pensou dever apresentar o projecto de fundação a Sua Santidade Bento XV, que o acolheu com prontidão, e por ele mesmo quis abençoá-lo e encorajá-lo por uma carta muito benevolente.

Sua Eminência o Cardeal Van Rossum, Prefeito da Propaganda, interessou-se, também ele, muito pela fundação e recomendou a Monseigneur Le Roy de tudo fazer para a levar a bom termo.

A Menina Maria Eugénia Caps, de uma piedade séria e forte. Tem um carácter enérgico e parece verdadeiramente não ter em vista, no seu projecto, senão a glória de Deus e a salvação das almas

3.2.2. A Fundadora:

A Menina Maria Eugénia Caps nasceu a 3 de Junho de 1892 em Loudrefing, na diocese de Metz, de pais muito cristãos. Também ela se mostrou sempre muito piedosa, de uma piedade séria e forte. Tem um carácter enérgico e parece verdadeiramente não ter em vista, no seu projecto, senão a glória de Deus e a salvação das almas. O Senhor Padre Eich, coadjutor em Bouzonville, queria orientá-la de preferência para a vida contemplativa mas ela sentia-se invencivelmente atraída pelas Missões, sobretudo pelas Missões de África, e foi com este fim que se dirigiu à Congregação do Espírito Santo. Nem ela, nem as suas companheiras se sentiam dispostas, para a realização do seu projecto, a entrar noutra Congregação, elas queriam e querem uma Congregação unicamente missionária."[10]

Elas queriam e querem uma Congregação unicamente missionária

3.3. Resposta de Roma:

A 10 de Junho de 1922, pela Secretaria de Estado do Vaticano e assinado pelo Cardeal Gasparri.

Roma acusa a recepção destas "Informações" dadas por D. Alexandre Le Roy.[11]

3.3.1. Decreto de erecção canónica:

Entretanto, estas "Informações" nas mãos do Cardeal Van Rossum seguiam o seu caminho e assim se chegou ao DECRETO de ERECÇÃO CANÓNICA, cujo texto é este:

DECRETO
Nº 1218
1923

"Desejando ajudar os Missionários Católicos que trabalham nos países dependentes da Sagrada Congregação da Propagação da Fé, sobretudo no que concerne à edificação e à instrução religiosa das jovens indígenas,

[10] O documento das "Informações" incluia, além destes, mais cinco pontos, sendo: 3 - Razões da nova Fundação; 4 - Nome e Título; 5 - Hábito das Noviças e Postulantes; 6 - As obras; 7 - Os recursos.

[11] O texto deste documento de Roma, segue em anexo 2.

algumas mulheres piedosas, munidas da autorização do Bispo de Metz, e sob a direcção de Maria Eugénia CAPS, da diocese de Metz, estabeleceram-se num imóvel de sua conveniência em Jouy-aux-Arches, da mesma diocese e começaram a viver com fervor a vida religiosa como se vive nas Congregações Religiosas destinadas às Missões.

Recentemente dirigiram-se ao Soberano Pontífice, suplicando a Sua Santidade se dignasse erigir canonicamente este novo Instituto com o nome de 'Irmãs Missionárias do Espírito Santo' e de o colocar na dependência imediata da Sagrada Congregação da Propagação da Fé, uma vez que ele é exclusivamente destinado às Missões.

Este pedido foi exposto ao Soberano Pontífice Pio XI pelo abaixo assinado Secretário desta Sagrada Congregação em audiência de 26 de Fevereiro; Sua Santidade dignou-se concordar favoravelmente com todos os pontos e mandou responder por este Decreto.

Dado em Roma, no Palácio da Sagrada Congregação da propagação da Fé, a 22 de Março de 1923".

Assinado: G. M. Card. **VAN ROSSUM**
Prefeito
Franciscus Marchette-Selvagyani
Arcebispo de Seleucia
Secretário

Notemos que, com este Decreto de Erecção tão rápido, o Instituto foi imediatamente aprovado com o estatuto de "Direito Pontifício" não havendo ainda sequer membros professos, nem Constituições, nem superiora geral e conselho, nem Casa Mãe. (As Irmãs regiam-se por simples estatutos e tinham como mestra, uma religiosa de outra Congregação, a pedido de D. Alexandre Le Roy até às primeiras profissões, que só vieram a ter lugar em Outubro de 1924).

As primeiras noviças encontravam-se no 1º ano de noviciado.

Esta rapidez do processo deveu-se à grande influência e credibilidade de que D. Alexandre Le Roy gozava no Vaticano.

Ao darem-se conta da realidade, os Cardeais do Vaticano diziam que se tinham queimado etapas, e teria havido até tentativas de anulação do Decreto papal, a qual só podia ser pronunciada pelo próprio Papa. Mas Pio XI recusara-se a isso.

Esta rapidez do processo deveu-se à grande influência e credibilidade de que D. Alexandre Le Roy gozava no Vaticano.

4. Lugar de Eugénia Caps na "obra":[12]

" O novo Instituto só comporta uma classe de membros: todas as Irmãs vivem no mesmo pé de igualdade perfeita, em família... não podendo nunca residir menos de três juntas, em comunidades a elas destinadas, escrevia D. Alexandre Le Roy.[13]

[12] Era assim que Eugénia Caps, gostava de falar da Congregação.

[13] cf. Notícia sobre as Espiritanas, publicada em 1923.

As dificuldades, apanágio de todas as Obras de Deus, aí estavam bem presentes. Como muitos outros fundadores/fundadoras, Maria Eugénia foi depressa "posta de lado". Para além do primeiro ano, em que o noviciado não estava ainda canonicamente aberto, praticamente ela não mais foi aceite na organização do Instituto.

Por duas ocasiões a quiseram excluir da Congregação de que ela era a "pedra angular"[14].

Graças às intervenções do Padre Cruz, seu director espiritual nos últimos anos da sua vida, acabou por ser admitida aos Votos Perpétuos a 5 de Outubro de 1930 como várias outras do seu grupo.

A Obra está de pé, tudo está pronto

Alguns meses antes da sua morte escrevia ela a sua Mãe: "*... Mãezinha muito amada, a Obra está de pé, tudo está pronto agora: Constituições e Votos Perpétuos aí estão. Éramos 20 Irmãs a emitir estes votos. Já não há nenhuma dúvida possível, a Santa Igreja falou, Deus mostrou que queria esta Obra... Mais de 50 Irmãs trabalham nas Missões...*

Fique contente, minha Mãezinha muito amada, por me ter dado a Deus para o Seu serviço.

Fique contente, minha Mãezinha muito amada, por me ter dado a Deus para o Seu serviço

Oh! Se nós tivéssemos dito 'não'! mas dissemos 'sim' – e eu direi sempre 'sim, meu Deus..'. 'Passei por provas que não conhecerá senão no céu. Estou agora feliz e no cúmulo de todos os meus desejos: sou de Deus para sempre na Obra..' "

A vida de Eugénia não foi longa. Esgotada pelos sofrimentos de toda a espécie mas sobretudo por sofrimentos morais, morreu em Montana, Suíça, a 16 de Março de 1931 com a idade de 38 anos – ou seja 10 após a fundação do Instituto. As suas Missionárias estavam já presentes: nos Camarões, na Martinica, em Madagáscar e em Oubangui-Chari (República Centro-Africana actualmente).

Dissemos 'sim' – e eu direi sempre 'sim, meu Deus..'. 'Passei por provas que não conhecerá senão no céu

Aquela que Deus escolhera para lhe confiar o Carisma fundador de uma Congregação exclusivamente missionária, que o seu temperamento ardente e cheio de entusiasmo chamava para a acção baseada na união a Deus – não conhecerá a África senão do céu, tal como o Padre Libermann!... O seu sonho maior de partir para longe a fim de anunciar o Amor de Deus aos que O não conheciam, não o realizará senão numa vida muito retirada e em tarefas muito humildes. Não se dera ela sem reservas para a glória de Deus e para o êxito da Obra? Escutemo-la uma última vez: "*Amanhã, 3 de Novembro, as nossas primeiras Irmãs a partir para a África, deixam a nossa terra de França para levarem a Boa Nova aos nossos queridos negros! – Meu Jesus, esta Obra está fundada para eles – abençoai as nossas Irmãs, Vós fizestes tudo – Vós no-las destes !*

«Tudo por esta querida empresa que eu amo. Meu Jesus, Vós sabeis tudo»

O meu sacrifício eleva-se diante de mim ! Oh! Jesus! – eu não parto com elas. Vós só! – Este sacrifício – Jesus, a vossa vontade e é tudo. Se eu estive no início desta Obra, não o estou menos agora: pelos meus sofrimentos, retirada; pela renúncia, pela imolação de todo o eu. Tudo por esta querida empresa que eu

[14] cf. Seu dossier 1922/1923 e 1930 em Arquivos Gerais das Espiritanas.

«Vós fizestes por mim grandes coisas, Vós quisestes servir-vos de mim para fundar esta Obra das Irmãs Missionárias do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria»

amo. Meu Jesus, Vós sabeis tudo. Estas alegrias íntimas, interiores, sobrenaturais que por vezes me fazem viver horas que não são da terra, elas vêm-me de Vós, meu Deus! Sim, alegrias de ver avançar a Obra, de ver brilhar outras no meu lugar, tantas vocações que chegam – enquanto que eu do meu cantinho desconhecido, sem ser vista por ninguém, trabalho pela Vossa maior glória – sim, meu Deus, canto de novo as Vossas misericórdias: Vós fizestes por mim grandes coisas, Vós quisestes servir-vos de mim para fundar esta Obra das Irmãs Missionárias do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria. Eu canto o Vosso poder e reconheço que sois o Autor de todas as coisas."[15]

Bibliografia:

– *Histoire Religieuse de la France Contemporaine – Collection «L'Histoire», Flamarion, de Adrien DANCETTE*

– *L'Eglise des Révolutions – Un Combat pour Dieu – 1870-1939 de Daniel ROPS.*

– *Histoire Universelle des Mission Catholiques – Les Missions Contemporainnes 1800-1957 de S. DELACROIX à la Librairie Grund – PARIS*

– *Arquivos Gerais da Espiritanas*

ANEXO 1

"Vaticano, 10 de Fevereiro de 1921

Excelência Reverendíssima, *(Le Roy)*

Acabais de expôr ao Santo Padre a necessidade que sentem as Missões confiadas à Congregação do Espírito Santo de poderem contar com o concurso de Religiosas Missionárias que lhes estejam especialmente ligadas e reunidas por uma vocação comum, prontas para todas as tarefas de que necessita a evangelização da raça preta. A divina Providência veio ao encontro destas necessidades. Ela inspirou já há alguns anos, jovens de piedade séria e comprovada a consagrarem-se inteiramente ao serviço das vossas Missões, e tendes a intenção de abrir uma casa em que estas valorosas cristãs vão poder acolher-se para começarem a sua formação religiosa e apostólica em condições normais.

Escusado será dizer-vos mais uma vez com que paternal solicitude Sua Santidade acompanha e aprova o generoso crescimento de todas as obras que se relacionam com a propagação da fé católica. Conheceis por uma

[15] Notas íntimas de Eugénia Caps, 2 de Nov. 1924

doce experiência o particular benevolente interesse que Ela tem pela da vossa Congregação. Por isso é de todo o coração que o Augusto Pontífice impetra sobre as futuras 'Irmãs Missionárias do Espírito Santo' pela especial Bênção Apostólica, que me sinto feliz por vos transmitir nesta ocasião, a abundância dos favores celestes pois só eles podem tornar fecundas as boas vontades para a glória de Deus e salvação das almas abandonadas.

Permito-me acrescentar a estes altos encorajamentos os meus votos pessoais e peço-vos, Ex.cia Rev.ma, vos digneis aceitar a renovada certeza do meu inteiro e religioso reconhecimento em Nosso Senhor.

Assinado: Cardeal GASPARRI
(Secretário)

ANEXO 2

"Excelência Reverendíssima *(Le Roy)*

"O Soberano Pontífice tomou conhecimento, com benévolo interesse, da exposição que lhe fez respeitante ao projecto de uma fundação nova ao serviço das Missões confiadas à Congregação do Espírito Santo. "Na sua solicitude de Pastor Supremo o Santo Padre tem muito particularmente no coração a obra tão importante das Missões que, com tanta dedicação se aplica à evangelização dos povos infiéis.

É pois com paternal bondade que Sua Santidade se compraz em juntar os seus encorajamentos aos do seu estimado predecessor, o Papa Bento XV, em "favor da Obra nascente das Irmãs Missionárias do Espírito Santo, a fim de que, com a ajuda do Divino Mestre ela se desenvolva para maior vantagem das Missões a que está destinada.

"Nesta esperança e como garantia dos favores divinos, o Santo Padre concede de coração a todas as que já fazem parte da Obra a Bênção Apostólica.

"Aproveito esta ocasião, Excelência Reverendíssima, para vos renovar a expressão dos meus sentimentos muito dedicados em Nosso Senhor."

Assinado: Cardeal GASPARRI

JOAQUIM RAMOS SEIXAS *

com a força do espírito, ao encontro dos pobres

- a partir do carisma fundacional de Poullart des Places

Para todos, a fonte primária da Missão será sempre o próprio Espírito Santo, o "Protagonista da Missão". O Espírito infunde em nós o desejo de servir os pobres e oprimidos e modela os nossos corações para responder a este desejo... Discernir a acção e inspiração do Espírito Santo caracteriza a nossa autêntica espiritualidade que nos foi transmitida pelos nossos fundadores e que é parte essencial do "ser espiritano". Com estas palavras o autor deste artigo deixa entender o seu objectivo: procurar mostrar como a experiência de fé de Poullart des Places, animado e conduzido pelo fogo do Espírito de Deus que faz de pobres homens, apóstolos santos e zelosos junto dos mais pobres, continua a ser uma experiência inspiradora para os espiritanos de hoje.

Tomando o slogan ***Com a força do Espírito ao encontro dos pobres*** como iluminador do terceiro momento do Jubileu Espiritano na Província de Portugal, o P. Eduardo Miranda, Provincial, lembrava, na sua carta de Outubro em "Missionários Espiritanos"[1], a perspectiva da nossa interiorização pessoal, para revitalizar a fidelidade ao carisma dos nossos Fundadores com novo impulso dinamizador da acção apostólica pessoal e comunitária: *"Com a força do Espírito*, é o lema do Jubileu Espiritano

* Joaquim Ramos Seixas. espiritano português. Vive e trabalha na Província espiritana de Espanha desde 1960 onde, para além de formador, animador missionário e muitos outros serviços e funções, também foi provincial. Foi membro do grupo de especialistas e estudiosos da espiritualidade espiritana, formado pelo Conselho Geral em 1979.

[1] N. 126, Outubro 2002.

assumido por toda a Congregação. *Ao encontro dos pobres*, indica-nos a direcção inequívoca da missão espiritana.".

Dois pólos, portanto, relacionados entre si, para a conexão da energia revitalizadora que brotará dessa interiorização pessoal e comunitária durante a última etapa do Ano jubilar espiritano, com o olhar posto principalmente em Poullart des Places e a ideia originária do nosso carisma fundacional. Não se trata de uma contemplação estática, mas antes de impulsionar uma atitude dinâmica, isto é, criativa e fecunda, para a nova arrancada da nossa história missionária, se essa atitude for iluminada e movida pela acção do Espírito.

As celebrações jubilares realizadas até agora nos vão pondo em sintonia com o objetivo e o espírito que o Capítulo Geral quis imprimir às comemorações do Ano Espiritano por ele proposto.[2] Recordaremos o que o Espírito realizou na Congregação ao longo da sua história. e o seu objetivo é *"favorecer a renovação da Congregação e a difusão da espiritualidade missionária espiritana"*. Celebrando um passado gloriosamente fecundo de serviço à Missão da Igreja e ao destino de milhões de homens dos cinco continentes, não podemos ficar estancados nele. Interiormente e no horizonte da nova etapa da história missionária espiritana, continuará repercutindo o eco da forte interpelação lançada pelo Capítulo Geral de Iaticí (Brasil), o das grandes "experiências significativas", precursoras das que os tempos futuros nos depararão: *"Aonde nos conduz o Espírito?"*

I - COM A FORÇA DO ESPÍRITO

1º- O Espírito Santo "Protagonista da Missão

Partindo das diferentes experiências relatadas pelos capitulantes e vividas nas múltiples situações culturais em que se desenvolve a actividade missionária da Congregação, o último Capítulo Geral, celebrado em Maynooth (Irlanda) considerou as características ou atitudes exigidas ao missionário no contexto actual: presença, solidariedade, abertura, diálogo e proclamação da Boa-Nova, uma espiritualidade profunda cuja primeira atitude de fé pressupõe que o *Espírito nos precede no caminho da Missão, por um lado, e por outro, sinais da sua presença que acompanham o nosso trabalho.*

Discernir a acção e inspiração do Espírito Santo caracteriza a nossa autêntica espiritualidade que nos foi transmitida pelos nossos fundadores

"Para todos, a fonte primária da Missão será sempre o próprio Espírito Santo, o "Protagonista da Missão" (Redemptoris Missio). O Espírito infunde em nós o desejo de servir os pobres e oprimidos e modela os nossos corações para responder a este desejo... Discernir a acção e inspiração do Espírito Santo caracteriza a nossa autêntica espiritualidade que nos foi transmitida pelos nossos fundadores e que é parte essencial do "ser espiritano".[3]

A segunda ideia-força pressupõe que *a Missão é peregrinação, aventura, contemplação, descoberta da obra do Espírito. A compreensão desta dinâmica de*

[2] Capitulo Geral 1998, Maynooth, 8.6.

[3] Capítulo Geral 1998, Maynooth, 3.

evangelização implica uma "revisão de vida pessoal e comunitária no que se refere à qualidade da nossa relação com Deus, ao nosso estilo de vida e ao nosso olhar sobre o mundo.[4]

Estas perspectivas exigem ao Espiritano uma permanente busca de fontes de inspiração para "revitalizar o seu compromisso missionário-religioso no mundo contemporâneo". Por detrás de todas essas fontes inspiradoras e de encorajamento está sempre o Espírito de Jesus que encontrou em Poullart des Places e Libermann verdadeiros modelos de docilidade à Sua força e acção.

2º- O espiritano, pessoa "consagrada ao Espírito Santo"

Como Espiritanos, distingue-nos a nossa consagração especial ao Espírito Santo, situando-nos no coração da espiritualidade pneumatológica que o Concílio Vaticano II restituiu à Igreja ocidental: a acção fecunda do Espírito Santo, o Paráclito e Consolador, cuja presença permanente Jesus prometeu à Igreja para a iluminar e fortalecer e conduzí-la à verdade plena. Por outro lado, à hora de falar da nossa identidade, deveríamos, melhor que ninguém, sentir e saber exprimir o dinamismo do Espírito na trajectória existencial dos nossos Fundadores e na inspiração das opções de serviço, espírito e estilo de vida, o carisma que nos legaram.

O verdadeiro nome de "Espiritano" significa que somos pessoas consagradas a seguir os caminhos do Espírito

O Capítulo Geral de Maynooth recalcou esta característica: "O verdadeiro nome de "Espiritano" significa que somos pessoas consagradas a seguir os caminhos do Espírito; a nossa espiritualidade deve estar, por isso, baseada no discernimento, disponibilidade e união prática com Deus."[5]

Se a dedicação ou consagração de uma obra significam a sua natureza e espírito, Poullart des Places plasmou bem a sua intenção e espírito nos dois primeiros artigos dos Regulamentos gerais e particulares, pelos quais a obra por ele fundada se devia conduzir, consagrando-a ao Espírito Santo: *Todos os alunos adorarão particularmente o Espírito Santo a quem foram especialmente consagrados. Terão uma singular devoção à Santíssima Virgem sob cuja protecção foram consagrados ao Espírito Santo. Celebrarão a festa do Pentecostes para obter do Espírito Santo o fogo do amor divino. e a da Imaculada Conceição para obter da Santíssima Virgem a pureza angelical: duas virtudes que constituirão o fundamento da sua piedade."*[6]

Numa fervorosa alocução aos Espiritanos, no dia 8 de Dezembro de 1837, reunidos para renovar a sua habitual consagração, nos dias de Pentecostes e da Imaculada Conceição, segundo a Regra, o P. Warnet, sétimo Superior Geral, sucessor de Poullart des Places, comentando o sentido dessa consagração, dizia aos seus confrades:

Esta consagração faz parte essencial do espírito das nossas Constituições; as santas promessas que nela fazemos são herança que nos deixaram os nossos pais.... Compreendamos bem a extensão destas palavras: "se dedicantem,

[4] Maynooth, 2 - 2.3.

[5] Maynooth, 3.1.

[6] Regulamentos gerais, artigo 1, in Joaquín Ramos Seixas, Antologia Espiritana I, p. 147.

consacrantem et voventem." Dizendo "me dedico, me consagro", pela consagração que fazemos de nós próprios ao Espírito Santo como templos dedicados ao seu culto... nos oferecemos a Ele inteiramennte... Nos comprometemos a procurar a honra do Espírito Santo, primeiramente no nosso interior, com espírito de docilidade perfeita à vontade de Deus... Estaremos então dispostos para cumprir outro dever: filhos de Maria e do Espírito Santo, entregar-nos-emos, pela palavra e pelo exemplo, a dá-los a conhecer, amar e servir; levaremos os nossos irmãos a glorificar o Espírito Santo, a honrar a sua divina esposa."[7]

Fundindo e desenvolvendo o espírito das duas obras fusionadas em 1848: a Congregação do Espírito Santo e a do Imaculado Coração de Maria, o P. Libermann escrevia nos "Regulamentos de 1849:

Para fazer entrar os seus membros na sua devoção fundamental e cheia de santidade, e para dar-lhes um meio poderoso de santificação, no cumprimento dos seus deveres da vida privada, comum e apostólica, a Congregação consagra-os especialmente ao Espírito Santo, autor e consumador de toda a santidade e inspirador do espírito aspostólico, e ao Imaculado Coração de Maria, superabundantemente repleto pelo Espírito Santo da plenitude da santidade e do apostolado, e participando o mais perfeitamente da vida e sacrifício de Jesus Cristo, seu Filho, para a redenção do mundo (Aerº III, cap.VI, Sec.III, Parte II). *Encontrarão no Espírito Santo, que vive nas suas almas, uma fonte da vida interior e religiosa e um poderosíssimo princípio dessa caridade perfeita que é a alma do zelo e das demais virtudes apostólicas. Considerarão o Imaculado Coração de Maria um modelo perfeito de fidelidade a todas as santas inspirações do Espírito Divino e da prática interior das virtudes da vida religiosa e apostólica.*[...] (Artº IV).[8]

Encontrarão no Espírito Santo, que vive nas suas almas, uma fonte da vida interior e religiosa e um poderosíssimo princípio dessa caridade perfeita

É de grande riqueza a doutrina desenvolvida por Libermann sobre o Espírito Santo! A dimensão "événementielle", (segundo a expressão do P. Tenaillau,) ou a sua accção através dos acontecimentos, a presença do Espírito de Deus na História, a doutrina do momento de Deus e da sua Providência, profusa e ricamente transmitidas em expressões e imagens ao estilo judaico, são fundamentais na espiritualidade libermaniana, e que todos necessitamos aprender para sentir e descobrir essa presença divina nos "sinais dos tempos", e ser assim verdadeiras testemunhas de esperança e de salvação para o mundo que evangelizamos.

3º - A força do Espírito na fidelidade ao carisma fundacional

"Sendo os fundadores "homens e mulheres do Espírito" - escreve Fabio Ciardi - "e especialistas insignes no seguimento de Cristo, o seu carisma permanente constitui uma manifestação histórica da "vida e santidade da Igreja" (LG.44). Os fundadores são suscitados pela criatividade inesgotável do Espírito Santo, como alma da Igreja."[9]

O carisma de "fundador" é um selo que se revela e adquire contornos definidos pela contínua acção de Deus na vida do sujeito que Ele escolhe,

[7] Antologia Espiritana, tomo I, p. 234.
[8] Notes e Documents (N.D.) X, pp. 367-368.
[9] Fabio Ciardi, Los fundadores, hombres del Espíritu, Ed. S Pablo, Madrid, p. 75.

através da trama dos acontecimentos da sua história, nas quais o eleito faz a experiência do mistério de Deus e da sua salvação em e por Jesus Cristo. O "predestinado" a dar início a um novo estilo de vida evangélica, faz ao mesmo tempo uma experiência do mistério do homem e da missão da Igreja como sacramento de salvação.

A inspiração fundacional emerge da vida de um fundador quando o Espírito Santo amadureceu nele, como caminho preparatório, estas experiências do amor salvífico de Deus, da missão da Igreja e das necessidades dos homens cujo serviço é urgente realizar. No currículo destas experiências e vocação pessoal dos fundadores se vai forjando uma intuição, que, por inspiração do Espírito Santo, sai à luz num momento histórico, toma corpo com a obra fundacional, desenvolve-se e floresce com a sua vida e acção evangélicas.

Não se trata de algo repentino. Esta experiência não pode separar-se do resto da sua vida, pelo contrário, inscreve-se e torna-se patente em todo o seu caminhar. Por mais escritos que um fundador legue aos seus continuadores, o grande tesouro que lhes deixa é a sua própria experiência e vida, na qual o Espírito de Deus gerou a obra inspirada.

O grande tesouro que lhes deixa é a sua própria experiência e vida, na qual o Espírito de Deus gerou a obra inspirada

Em consequência, toda reflexão e análise profundas para descobrir a profecia de futuro de um fundador exige uma visão de fé que ilumine a sua objectividade e destaque o seu conteúdo. Quer dizer que, para além da investigação histórica, se deve abordar a história do nosso fundador com o olhar da fé, único capaz de captar a presença e os sinais do Espírito.

A família religiosa que vive o carisma fundacional," não pode retroceder ao Fundador como a um santo solitário", escreveu o salesiano P. Egídio Viganó. "Vê nele o iniciador de uma experência que ainda vive; não um modelo estático, nem mesmo um intercessor, senão a fonte de uma experiência do Espírito, transmitida aos seus próprios discípulos (citava Mutuae Relationes,11) para ser vivida, guardada, aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o corpo de Cristo em perene crescimento."[10]

O maior desafio do Ano Espiritano, portanto, é descobrir a nossa inspiração espiritual - as intuições e o carisma dos nossos fundadores - para actualizá-los de modo a responder de forma criativa às necessidades da evangelização do nosso tempo, segundo a expressão da nossa Regra de Vida nascida do processo renovador lançado pelo Concílio Vaticano II.

O esforço de aprofundar o carisma fundacional é uma exigência de identidade e de sobrevivência

O esforço de aprofundar o carisma fundacional é uma exigência de identidade e de sobrevivência. Era nesta perspectiva que o P. Arrupe, Geral da Companhia de Jesus, afirmava com tom profético: *"O futuro dos nossos Institutos depende do serviço que, conforme o nosso carisma, possamos oferecer, e oferecemos de facto, à Igreja, ao mundo no qual devemos encarnar-nos. Não temos o direto de atraiçoar o carisma dos nossos fundadores; precisamos esforçar-nos em captá-lo sempre e adaptá-lo às circunstâncias históricas actuais."*

[10] Ibidem, p. 9.

Itinerário humano e espiritual de Poullart des Places

O itinerário humano e espiritual de Cláudio Poullart des Places, ao longo do qual ele ouviu, acolheu e correspondeu à voz do Espírito Santo que lhe chegava numas condições muito concretas, com o clamor de urgências impreteríveis ao qual o seu coração, abrasado de amor e gratidão pela misericórdia divina experimentada no seu retiro de conversão, ele não podia fechar os ouvidos. Sentia, como S. Paulo: *O amor de Cristo me obriga! (2ª Cor, 5,14). Ai de mim se não evangelizar!* (1ª Cor. 9,16).

Ainda que todas as situações e circunstâncias da sua infância e adolescência façam parte do itinerário e do campo de acção do Espírito Santo e tenham importância para entender a sua orientação, nos limitaremos a umas breves pinceladas sobre as situações mais srgnificativas que conduziram o jovem e rico advogado à opção pelo sacerdócio humilde e ao serviço dos pobres. Remetemos o leitor ao resumo biográfico de Poullart des Places, da autoria do P. Amadeu Martins, publicado já em *Missão Espiritana*.[11]

"Flash" biográfico de Poullart des Places

Nascido no seio de uma família nobre, abastada e piedosa, Claudio Poullart des Places teve uma esmerada educação social e cristã. A piedade e amor a seus pais foram os primeiros rasgos do carácter deste menino inteligente, de olhar vivo e doce, de rosto alegre, destinado, por profunda aspiração paterna, a restablecer os títulos nobres da familia, perdidos num período de decadência. Em ambiente de afecto, mas também de disciplina e exigências, Cláudio viveu a sua adolescência e juventude orientado na perspectiva das legítimas ambições paternas, que cresciam com os seus destacados éxitos nos estudos e o apreço dos professores e companheiros e da sociedade em que se movia.

Uma formação cristã e vida de piedade esmeradas, alimentadas na família e no colégio com as prácticas das congregações marianas e as actividades de caridade e apostolado em situações de pobreza e visitas aos doentes e recolhidos no hospital-asilo de Rennes, acompanhavam a sua educação exigente, própria do seu ambiente social. Estas experiências entre gente pobre e marginalizada produziam forte impacto na alma do jovem Cláudio, naturalmente sensível à miséria, ao sofrimento e à marginalidade.

Experiências entre gente pobre e marginalizada produziam forte impacto na alma do jovem Cláudio

Terminado o curso de Filosofia com enorme éxito na defesa pública da sua tese, o jovem Cláudio, depois de um retiro, propôs aos pais abraçar o estado eclesiástico, ideia que o vinha assaltando com frequência. Por subtil desejo de apartar o filho de tal propósito e também por razões de prudência e necessidade de amadurecer a ideia, seu pai aconselhou-o a fazer o curso de Direito, dando-lhe também a oportunidade de contactar e conhecer o ambiente da Côrte de Versalhes, donde poderia surgir um possível noivado com uma nobre donzela da Côrte.

[11] Cf Missão Espiritana nº1, Maio 2002, pp. 75-80.

Esta experiência no esplendoroso palácio do "rei Sol" espevitou e seduziu a sua natural ambição e tendência para a vanglória, para os aplausos e a adulação, sentindo, no entanto, débil tendência para o matrimónio. Licenciou-se em Direito com 21 anos apenas, depois de ter vivido os anos de universidade em ambiente bastante mundano, longe dos pais, entregue a si mesmo e com certo desleixo na piedade, que a sua consciência escrupulosa lhe advertia frequentemente. É neste estado que experimenta a manifestação mais viva da sua tendência dominante de vanglória e autocomplacência, "incapaz de suportar um insulto": na rixa com o carreteiro de Batz, que ele considerará o seu "enorme crime", será um verdadeiro revulsivo para a sua consciência: *"Para me atrair a si, Deus fechou os olhos sobre um enorme crime, que punha o cúmulo às minhas iniquidades e que eu cometera no momento em que Ele mais urgia para me converter."*

O novo advogado regressou à casa paterna e, depois de rejeitar a toga que sua mãe lhe preparara com tanto entusiasmo, dedicou-se a ajudar o pai e a familiarizar-se com os seus negócios, cuja direcção podia ser obrigado a assumir mais tarde. Mas a sua situação não o satisfazia. O íntimo pensamento do sacerdócio, que pusera de parte mas que não tinha conseguido esquecer, voltou a acicatá-lo. Já não suportava mais a sua constante indecisão e decidiu enfrentar-se consigo mesmo e com o problema no ambiente de recolhimento de um retiro, que finalizaria com um sério discernimento vocacional e daria o rumo definitivo à sua vida.

Já não suportava mais a sua constante indecisão e decidiu enfrentar-se consigo mesmo e com o problema

Um Conflicto existencial - Se a atracção pela vida eclesiástica, que manifestou ao acabar o curso de retórica, se podia tomar como una ilusão sem base sólida, fruto de uma imaginação adolescente imadura e de uma sensibilidade marcada pela sua educação religiosa rígida, sem experiência da vida do mundo, neste momento o problema muda absolutamente de aspecto. Tem 21 anos e é advogado. Tinha vivido com liberdade plena e responsabilidade sobre si mesmo, em ambiente mundano, capaz de dar-lhe plena consciência do seu mundo afectivo, das suas aspirações, da sua personalidade. Tinha alcançado o grau de maturidade intelectual e emocional que requere uma eleição vocacional, opção livre e comprometida.

A decisão de enfrentar o conflicto interior, no qual se agitavam desde a fé e a afectividade, um possível chamamemto de Deus, os afectos da família, os atractivos de uma vida brilhante no mundo, é um momento que requer convicção, força de carácter, generosidade de alma e claridade de razões.

Quem é este homem, que personalidade tem? Neste momento transcendental do seu projecto existencial, é especialmente valioso o seu autoretrato, a análise que ele mesmo faz da sua personalidade, forjada ao longo e por virtude de todas as experiências vividas, donde ele parte para o discernimento que se propunha fazer:

Homem muito introspectivo, com uma fina consciência psicológica de todas as disposições que agitam o seu interior. Tem um grande autodomínio das suas reacções, que submete a uma permanente vigilância, condicionando-as às motivações conscientes, sem a espontaneidade primária.

Reconhece-se fortemente ambicioso, apaixonado pela glória e tudo quanto pode elevar um homem, por méritos próprios, por cima dos outros

Reconhece-se fortemente ambicioso, apaixonado pela glória e tudo quanto pode elevar um homem, por méritos próprios, por cima dos outros. Assaltam-no os ciúmes e a inveja perante os êxitos alheios, que não exterioriza, mas servem-lhe de aguilhão à sua natural tendência para a inacção.

A autoestima e ânsia de boa reputação motivam a sua complacência até não perdoar-se a mínima falta em sociedade, para não perder a imagem. Qualquer insulto revolvia a sua agressividade latente até chegar à violência... Toda a sua vida terá presente na memória o golpe de espada contra o cocheiro Batz a caminho de Nantes, que considerará o seu grande "crime".

O retiro de conversão - A primeira victória de Cláudio sobre a sua "indecisão" e "inconstância", que reconhece no autoretrato os seus maiores obstáculos, foi a determinação de enfrentar-se às suas inquietações, retirando-se para reflectir, aclarar as suas ideias e definir o seu futuro no recolhimento e na oração.

Com os Jesuitas de Rennes, durante duas semanas do verão de 1701, começou um retiro seguindo o método inaciano, com duas partes bem distintas: a primeira centrada na meditação das verdades fundamentais da religião e o destino do homem; a segunda, consagrada à eleição de um estado de vida.

A introspecção autocrítica, presente em todo o retiro, leva-o a indeléveis vivências da bondade, paciência, misericórdia e predilecção apremiante de Deus perante as situações mais críticas da sua história; estas tinham-no feito provar a sua limitação, as suas debilidades e a sua capacidade pecadora. No auge destas duas profundas emoções Cláudio desabafa a sua alma em sentidas preces de contricção, de acção de graças, de petição e de confiança que terminavam em disposições e resoluções de entrega, de docilidade e de anelo por seguir incondicionalmente a vontade de Deus...

O verdadeiro drama de angústia íntima, que conclui numa paz celestial, fruto do Espírito Santo, a quem seguiu com docilidade filial e generosa disponibilidade

Desta luta suprema entre o "homem velho" e o "homem novo", chegaram até nós os dois cadernos escritos por Cláudio, que transmitem o verdadeiro drama de angústia íntima, que conclui numa paz celestial, fruto do Espírito Santo, a quem seguiu com docilidade filial e generosa disponibilidade.

O impacto exercido por este retiro sobre Cláudio foi muito forte; ele próprio considera-o a sua "conversão". O menino de piedade precoce é agora um homem de 22 anos, maduro, de inteligência esclarecida e de afectividade experimentada, ao seviço de uma consciência moral delicada, recta e autocrítica severa...

O ponto de partida do retiro é a persistente acção do Espírito Santo que, numa amorosa perseguição, dispõe lentamente a sua timidez e inconstância para o encontro consigo próprio, na presença de Deus, com sinceridade e paz.

A evolução do retiro é uma impressionante harmonia de oração, reflexão e sentimento. A sua alma integra de tal modo estes elementos que lhe fazem saborear a transcendência de Deus e a imensa realitividade

das criaturas; dispõem-na gradualmente, com convicção, intensidade e firmeza, à renúncia de tudo quanto não seja vontade de Deus, que anela conhecer e seguir.

No plano de Deus Criador, Cláudio sabe que tem que ser um homem. Mas, nas suas vivências humanas, a sua consciência recta e delicada recrimina-o por não o ser como Deus quer que o seja. Experimenta o aguilhão do homem débil e pecador e sofre a sua fragilidade. Mas, no seu caminhar humano, é outro "Agostinho" que sente o seu coração feito por Deus e para Deus e só n´Ele encontrará a paz.

O diálogo com a sua consciência e com Deus, a meditação e a oração vão levantando da confusão, como fundamentos de uma personalidade renovada, as convicções básicas, as coordenadas de um itinerário espiritual deliberadamente assumido:

* Sentimento profundo da própria fragilidade e condição pecadora;
* Consciência de merecer castigo;
* Experiência da resposta divina: a sua benevolência, misericórdia, perdão, amor paciente e apremiante;
* Perseguição divina como se o necessitasse e quisesse servir-se dele;
* Forte impacto do horror do pecado e necessidade da Graça de Deus para vencê-lo;
* O grande amor de Deus manifestado no mistério redentor de Cristo, que derramou o seu Sangue para salvar o homem;
* Deus é o Senhor absoluto e Sumo Bem, as coisas são relativas e o espírito do mundo é vaidade.
* Conversão sincera:
  - Dá-se por vencido e convencido por Deus;
  - Mudança de conducta: depojar-se do velho Adão para revestir-se do homem novo segundo Deus;
  - Renúncia ao mundo e propósito de luta contra a sua paixão dominante: a ambição, a vanglória e os aplausos - por uma vida pobre, humilde e abnegada.
  - Propósito de amar e dar-se inteiramente a Deus e anseio de trabalhar pela conversão dos pecadores, especialmente dos que servem aos ídolos.
  - Discernir o estado de vida concreto em que realizará a sua salvação com total fidelidade à vontade de Deus.

A conclusão é eloquente: *Oh meu Deus, se guardo estas boas resoluções, a minha piedade devê-la-ei somente à Vossa santa graça...*

Tenho tudo a temer do meu estado actual. Não estou certamente naquele que Vós quereis para mim; para conseguir a minha salvação como devo, tenho que eleger aquele que me destinais. Isto é o primeiro em que devo pensar.

Será, meu Deus, uma enorme felicidade se não me engano na eleição. Vou tomar todas as precauções para descobrir a Vossas santa Vontade. Vou revelar ao meu director todas as minhas inclinações e as minhas repugnâncias sobre

qualquer modo de vida, para analisar, com a maior atenção, o que mais me convém. Não descuidarei nada do que creia necessário para consultar a Vossa Providência.

Que a vossa Graça, Mestre Divino, me ilumine em todos os meus passos e possa merecer, pela minha adesão inviolável a tudo quanto possa agradar-Vos.[12]

Exemplar discernimento

O estado de angustiosa preocupação com que Cláudio iniciou a primeira parte do seu retiro foi dando lugar ao clima de paz espiritual, de indiferença evangélica, renúncia, disponibilidade que nos revela esta oração, e à necessidade imperiosa de uma opção definitiva. Cláudio tinha conseguido o estado anímico, psicológico e espiritual propício para um discernimento

Deixar-se iluminar pela luz do Espírito

A oração de introdução dos seus apontamentos revela estas disposições essenciais para uma eleição tão transcendente, para deixar-se iluminar pela luz do Espírito, e analisar, com inteira liberdade interior e disponibilidade, os pros e contras:

Liberdade espiritual e psicológica, desprendimento de preconceitos, apetências e preferências: *Recorro à Vossa Providência Divina e abandono-me a ela completamente; renuncio às minhas inclinações, aos meus apetites e à minha própria vontade, para seguir cegamente a Vossa... Espero que faleis ao meu coração e o tireis desta penosa inquietação que a minha indecisão me provoca.*

Não pode ser mais recta a sua intenção: Servir a Deus no estado em que lhe seja agradável e receba as graças necessárias para glorificá-lo: *Sinto muito bem que não aprovais a vida que levo, que me tendes destinado a algo melhor. Prometo-Vos, meu Deus,* ***não fazer qualquer diligência sem examinar antes, sem preguntar-me se é por vossa glória que eu actúo... Em qualquer estado em que me encontre, eu estarei onde estejam os vossos interesses para protegê-los, mas fugirei, como de uma serpente, donde encontre só os do mundo.***

Falai, Senhor, ao meu coração: estou disposto a obedecer-Vos

Desprendo-me, meu Deus, de todo modo de ver humano que tive até agora em todas as opções da minha vida... Renuncio a todas as vantagens que possam lisonjear-me e que Vós não aprovais. Conseguí uma grande indiferença por todos os estados. Falai, Senhor, ao meu coração: estou disposto a obedecer-Vos.[13]

Este processo de discernimento vocacional além de exigir uma clara consciência da intenção e dos motivos, implica um autoconhecimento do "EU" pessoal, temperamento e carácter próprios, dos aspectos positivos e negativos, qualidades e defeitos, como prova de maturidade humana.

Poullart des Places impressiona-nos com a sua objetividade e realismo no autoretrato que perfilou como ponto de partida para a análise que queria realizar em ordem à eleição do seu estado de vida definitivo. Com exemplar humildade e sinceridade, desinterioriza as suas tendências e aspirações, atractivos e repulsas, os aspectos mais íntimos da sua afectividade que influem permanentemente na vivência da pobreza, da castidade e da

[12] Antologia, op. cit., p. 63.

[13] Ibidem, p. 65-66.

obediência no sacerdócio, que exigem a força da sublimação sobrenatural das motivações, profundamente assumidas e amadas, e a Graça de Deus.

Se estas disposições são fundamentais num sério discernimento, não o é menos o conhecimento do modo de vida concreto que se quer escolher, pelo menos nos seus aspectos gerais. No seguinte passo do seu exame, Poullart des Places, honrando a sua condição de advogado, revelou-nos, sem rodeios, com habilidade e objectividade e de uma forma muito original, a sua alma, os seus atractivos e repulsas, as suas aspirações e medos, a sua atitude perante os diferentes estados de vida e as tarefas qie poderia realizar. Num diálogo directo, chama a julgamento o seu coração, surpreendendo-o, como hábil inquisidor, nos seus titubeios, subterfúgios e contradições.

O "julgamento" esteve presidido por um espírito realista e uma convicção clara: "Em todos os estados" - escreveu - "uma pessoa pode santificar-se e salvar-se, com tanto que escolha aquele que Deus lhe destina". O critério seguro para não se enganar é a pureza de intenção: ***ter em vista somente a glória de Deus e a salvação.*** *O cilício e a batina - confessava sem rodeios - cobrem também corações viciosos e pecadores, como a toga do magistrado ou o uniforme do militar. Desta maneira, um juiz ou um militar podem ter um coração recto e puro como o ermitão mais austero ou o sacerdote mais regular. Deus está em toda parte e com todas essas pessoas.*[14]

Deus está em toda parte e com todas essas pessoas

Volta-se depois para os vários estados de vida que poderia abraçar: a vida religiosa, a vida eclesiástica e a vida do mundo na magistratura, carreira militar, vida da Côrte ou nas finanças. Perante cada uma das alternativas, a sua consciência define o seu pensar e o seu querer, as convicções e os temores, a postura de um homem que ama muito a sua família, mas quer, antes de tudo, salvar-se e merecer a toda custa o amor de Deus, que ele exprimentou de maneira tão sensível..

Depois deste balanço tão objetivo como sincero, sem dissimulações nem benevolências, a personalidade de Poullart des Places fascina-nos inevitavelmente. Sente-se nele, através da serenidade do seu exame, o dom do Espírito Santo, que conduz as almas "fortiter sed suavter": com firmeza e suavidade.

A balança inclinou-se pelo estado eclesiástico. Mas a sua mesma sinceridade atrapalhava-o na decisão, pois sentia capacidade para qualquer dos estados. A indecisão no veredicto final mostra outra faceta da sua espiritualidade: uma dócil submissão ao seu director espiritual a quem aceita como instrumento e mediador divino no discernimento:

É a Vós, Senhor, que devo dirigir-me para me decidir segundo a Vossa Vontade. Vim aqui para receber o conselho da Vossa divina sabedoria. Destruí em mim os apegos mundanos que me seguem por toda a parte. Que não tenha, no estado que escolher para sempre, outras vistas que não sejam as de vos agradar; e como na situação em que me encontro é impossível decidir-me, sentindo embora que quereis de mim mais do que as minhas incertezas, vou, Senhor, descobrir-me sem disfarces aos Vossos ministros. Fazei, por Vossa santa

[14] Ibidem, p. 71.

Ponho em Vós todas as minhas esperanças

Graça, que eu encontre um Ananias que me descubra o verdadeiro caminho, como a S. Paulo. Seguirei os seus conselhos como ordens Vossas. Não permitais, meu Deus, que eu seja enganado. Ponho em Vós todas as minhas esperanças.[15]

Cláudio deixa, pois, bem claro que não se trata de irresponsabilidade da sua parte, endossando a outrem uma decisão tão transcendental, atitude própria de caracteres tímidos e imaduros. Trata-se de uma atitude de espírito de fé na Providência Divina que se manifesta através das mediações. As coordenadas de fundo do retiro, assumidas por ele, deixam-no bem evidente.

O advogado clérigo

Em outubro de 1701, Cláudio começou o curso teológico em Paris, no Colégio Clermont ou Louis-le-Grand, da Companhia de Jesus, realizando assim a sua resolução básica, no caminho para o sacerdócio. Deliberadamente e com pleno conhecimento de causa, seguindo possivelmente a orientação do seu director espiritual, que tinha captado bem as aspirações do seu dirigido e os desígnios de Deus, renuncia a diplomas universitários e decide fazer a teologia com os Jesuitas. Três facetas influiram certamente nesta eleição do ambiente jesuita: desprender-se mais da família e das suas relações sociais, encontrar-se entre directores e professores conhecidos e conhecedores da sua alma, e assegurar-se uma formação teológica sólida, já que corriam pela Sorbona fortes ares de Jansenismo e de Galicanismo.

Iniciou o curso com um novo retiro, no qual dispôs as linhas fundamentais da organização do seu trabalho, estudo, vida de piedade e alguma possível actividade apostólica. Estava no ambiente propício para realizar todos os bons propósitos do seu retiro de conversão Pelos sentimentos experimentados durante ele e pelas convicções formadas, Cláudio sentia-se, nos seus colóquios com Deus, um homem novo, humilde e confiado no seu Senhor.

Deitará mão da oração e de um ascetismo severo

A clarividência que tem da sua realidade humana profundamente sentida e analisada, especialmente a sua tendência dominante - a ambição e a vanglória - e a necessidade de dominá-la e controlá-la, revelam bem os seus esforços e a luta sem trégua que a Graça de Deus culminará com a vitória. Deitará mão da oração e de um ascetismo severo, com espírito de penitência, que o conduzirá gradualmente à renúncia evangélica e ao desapego do mundo.

Regulamento particular: Cláudio, metódico e sério, sabia que não podia ficar em desejos quiméricos. Acomodado ao regulamento geral do Seminário, elaborou o seu regulamento particular, do qual nos ficou um fragmento de resoluções que fazia parte de um programa de vida dividido em 16 pontos. Os quatro pontos (de 13 a 16) que constam do fragmento arquivado na Congregação (os restantes desapareceram ou ele mesmo os destruiu), são uma mostra das suas devoções e prácticas de piedade para todo o dia. Revelam claramente o desejo de viver um espírito de fé dando

[15] Ibidem, p. 79.

a cada uma das suas mínimas actividades uma intenção sobrenatural, a disposição de viver sempre na presença de Deus, como remédio seguro para evitar o pecado, e de viver em estreita união com Deus.

As práticas e devoções a que se obrigava no seu regulamento pessoal revelam também os temas fundamentais que constituiam o núcleo da sua vida espiritual: a Santíssima Trindade, a Redenção (Encarnação, Paixão e Morte de Jesus), a Eucaristia e a Santíssima Virgem, a pobreza e renúncia evangélicas, a Vontade de Deus.

"Tres coisas formavam o tema das suas meditações: os seus pecados, não pelo medo do castigo senão pela bondade de Deus e as próprias ingratidões... A segunda coisa que meditava, con muito fruto, e que é o objeto do amor e do reconhecimento das almas verdadeiramente convertidas, era a Paixão do Senhor... A terceira, que era para ele o tema mais consolador, era o Santíssimo Sacramento do altar. O amor de Deus penetrava-o então sensivelmente para dar-se sem reserva Àquele que se lhe dava inteiramente."[16]

O P. Thomas, seu díscipulo e primeiro biógrafo, relatava ainda: *"Poullart des Places sustentava e aperfeiçoava a sua conversão não só com esta entrega à oração mas freqüentava também com grande utilidade os sacramentos."*[17]

Desde a abertura do curso, Cláudio dedicou-se aos estudos com piedosa e forte aplicação Dedicou-se ao estudo das ciências divinas com mais ardor ainda que no estudo das letras humanas do Direito e da Filosofia. A autocomplacência, o amor dos aplausos e da glória tinham deixado de ser a motivação inspiradora da sua conduta e dos seus esforços. Agora tudo se resumia para ele nesta fórmula: *Deus e as almas*.

Deus e as almas

Renúncia e desapego do mundo: entrega total a Deus

A vida diária de regularidade, de piedade e docilidade aos propósitos tomados foi para ele de aprofundamento espiritual e de preparação para grandes decisões. A primeira dessas resoluções torna-se notória a partir de 15 de Agosto de 1702, dia em que recebeu a tonsura e se vestiu de clérigo, e o advogado assumiu o espírito da sua nova condição de clérigo que o apartava do espírito do mundo.

O P. Thomás recolhe assim esta situação: *"Havia muito tempo que Cláudio meditava no desígnio de se dar todo a Deus; conservava, no entanto, exteriormente e nas suas maneiras, um ar muito educado segundo o mundo. Mas, em 1702, mostrou-se totalmente diferente de aquele que tinham conhecido. Conservou apenas a honestidade, a doçura e alegria que a virtude exige para não ser intratável... Viram-no dum momento para o outro, no meio do colégio tão numeroso, onde era conhecido, abandonar o brilho e as maneiras do século para se revestir ao mesmo tempo do hábito e da simplicidade dos eclesiásticos mais reformados. Não se incomodou com o que poderiam dizer."*[18]

[16] Pierre THOMAS, *Mémoire sur la vie de M. Caude-François Poullart des Places*, recolhido por Henry J. KOREN, Les Écrits Spirituels..., 1959, p. 256.

[17] Ibidem, p. 264.

[18] Ibidem, p. 272.

A leitura da vida de Michel Nobletz, sacerdote missionário falecido na Bretanha com fama de santo, teve uma influência muito notória na atitude de desapego do mundo assumida por Cláudio. O nosso fundador tinha conhecimento da reputação de santidade do seu patrício Nobletz. Mas, a leitura da sua biografia, publicada pelo jesuita P. Verjuz, causou-lhe forte impacto. Certas coincidências da vida de ambos arrastaram-no a seguir o seu exemplo de renúncia e desprendimento do mundo. Desde a infância viveram os dois uma especial devoção à Santíssima Virgem. Os dois foram educados nos jesuitas, igualmente escolhidos para defender a tese de Filosofia ao terminar este curso; ambos tiveram que lutar contra a ambição dos pais para poder seguir o sacerdócio.

Qual não terá sido o impacto na alma de Claúdio ao ler que também Michel de Nobletz tinha estado a ponto de atravessar com a espada a um jovem. Não. Mas a faceta com influência mais decisiva sobre Poullart des Places foi a sua luta encarniçada contra a sua tendência ou paixão dominante, raiz de todos os apegos da sua alma. Descobrindo no temor ao desprezo a paixão dominante do seu coração, Nobletz pedia constantemente a Deus, e com grande fervor, que se dignasse exercitá-lo no desprezo da estima do mundo através das afrontas e opróbrios que mais o ferissem.

Também Poullart des Places, pedia fervorosamente, durante o seu retiro: *Sendo a ambição o meu inimigo mais temível, porque é a minha paixão dominante, humillhai-me, abatei o meu otgulho e confundí a minha glória. Que eu encontre mortificações por toda a parte; que os homens me rejeitem e me desprezem... Custar-me-á muito sofrer e apagar esta vaidade. Mas, o que é que um homem não deverá fazer por Vós, que sois Deus e derramastes por mim o vosso precioso Sangue?*[19]

Mas, o que é que um homem não deverá fazer por Vós, que sois Deus e derramastes por mim o vosso precioso Sangue?

Cláudio entrou gradualmente pelo caminho da renúncia e, com decisão, fez frente à sua tendência dominante, com a mais fiel e dócil obediência ao espírito evangélico do convite de Jesus: *Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me* (Mt. 16,24).

A primeira parte das suas "Reflexões sobre o passado" revelam-nos o clima de piedade que Poullart des Places conseguia manter e o grau de vida interior alcançado. Recorda os momentos de fervor que teve a felicidade de experimentar ao começo do seu regresso a Deus: *"Ja lá vão mais de três anos depois que, por uma misericórdia extraordinária, Ele me tirou do mundo e me arrancou, quase contra minha vontade, das garras de Satanás... Operou milagres a meu favor... O excesso da Sua paciência começou a penetrar-me o coração. Não teria hesitado nesse momento em entregar-me a Ele. Por um pequeno acto de amor para com Deus... recebia abundantes consolações... Quando fazia um esforço para dar um passo para o Senhor, logo este terno Mestre me levava aos ombros léguas inteiras.*[20]

Quando fazia um esforço para dar um passo para o Senhor, logo este terno Mestre me levava aos ombros léguas inteiras

Quase não podia pensar senão em Deus... Só desejava amá-lo e, para merecer o seu amor, teria renunciado aos mais legítimos apegos da vida... Tive o

[19] Henry KOREN, Les Ecrits spirituels de M. Claude François Poullart des Places, 1959, p. 82.
[20] Cf. Antologia Espiritana, Tomo I, p. 95.

prazer de viver deste modo durante dezoito meses, demasiado feliz por ter aumentado, como devia, estes começos de regularidade.[21]

II - AO ENCONTRO DOS POBRES

Zelo apostólico

A euforia fervorosa da alma de Cláudio não era fogo de palha. As suas ânsias de santidade alimentavam a sua vida de piedade intensa e a aplicação mais esmerada aos estudos.

Durante o retiro de conversão, a emoção experimentada por Cláudio atingiu certo arrebatamento de zelo apostólico missionário que o levou a escrever: *Não poderei familiarizar-me com os ídolos; irei destruí-los nos seus mais fortes entrincheiramentos e com razões sólidas, apoiadas pela graça, procurarei arrancar as cabeças renascentes do dragão. Dar-Vos-ei a conhecer a corações que não Vos conheciam... Anunciarei o que a Vossa divina bondade me fez hoje compreender. Servir-me-ei dos poderosos meios da Vossa graça para os converter.*[22]

Dar-Vos-ei a conhecer a corações que não Vos conheciam

Este fervor mantinha-se no seu interior, talvez menos arrebatado, mas com a clara dimensão de entrega e despojamento, portanto de amor menos sentimental, mas de generosidade e sacrifício: *Queria ver-me um dia despojado de tudo, vivendo só de esmolas, depois de tudo ter dado. De todos os bens temporais, apenas pretendia reservar a saúde, que desejava sacrificar por completo a Deus no trabalho das Missões, demasiado feliz se, depois de ter abrasado o mundo inteiro no amor de Deus, tivesse podido dar até a última gota do meu sangue por Aquele cujos benefícios me estavam sempre presentes.*[23]

As suas ânsias de santidade traduziam-se numa marcada vida interior

As suas ânsias de santidade traduziam-se numa marcada vida interior, projectada através da caridade, na sua dimensão de serviço aos mais necessitados. A opção de Poullart des Places pelo sacerdócio não é de caracter contemplativo, mas sim de um sacerdócio activo. O apostolado é a sua ânsia de viver a dimensão do amor de Deus e buscar-lhe servidores que O conheçam e amem, de trazer para Deus os que estão afastados d´Ele: os pecadores, os infiéis, os pagãos, os idólatras. Além disso, queria realizar este apostolado entre a gente mais pobre e mais abandonada.

Se o seu temperamento era muito sensível ao sofrimento dos pobres, esta inclinação natural estava agora marcada por motivações evangélicas profundas. O P. Thomas revela-nos os sentimentos subjacentes de esta caridade apostólica:

"Um coração tão sensível ao amor de Deus e tão generoso tinha a preocupação de provar ao seu Libertador, e em toda a parte, a sua gratidão. Era para ele motivo de grande consolação poder socorrê-lo na pessoa dos seus membros, os pobres.. Por isso privava-se de tudo o que tinha, e até do necessário."[24]

---

[21] Ibidem, p. 99.

[22] Ibidem, p. 112.

[23] Pierre THOMAS, *Mémoire sur la vie de M. Caude-François Poullart des Places*, recolhido por Henry J. KOREN, op. cit., p. 270.

[24] Ibidem, p. 266.

Esta caridade tinha não só um sentido ascético com uma finalidade que ele próprio dava às suas privações e esmolas, mas também uma perspectiva apostólica e evangelizadora: " Embora as necessidades corporais dos membros de Cristo afectem tanto o seu coração, ele era muito mais sensivel ás suas necessidades espirituais. O seu zelo levava-o a instruí-los sempre que lhe surgia uma oportunidade. Incentivava-os ao bem com tanta doçura e caridade que causava admiração."

"Tinha, desde então, um afecto particular pelas obras mais difíceis, pelas obras mais abandonadas. Reunia, de vez em quando, os meninos saboianos e dava-lhes catecismo, sempre que tinha oportunidade, persuadido de que as suas almas não eram menos queridas a Jesus Cristo do que as dos grandes senhores, e que se poderia esperar deles grandes frutos. Seguia assim também o exemplo de seu Mestre, que veio anunciar o Evangelho aos pobres. Para desagravar a Deus de o ter servido tão mal até então – assim o pensava – nada havia que não estivesse disposto a fazer em ordem a atrair ao Senhor fiéis servidores.[25]

A dimensão do zelo apostólico de Cláudio era evidente: as almas dos pobres *"não eram menos queridas por Jesus do que as dos grandes senhores".*[26]

Assembleia dos Amigos

Inesperadamente, Cláudio teve a oportunidade de partilhar e alimentar com outros companheiros, igualmente piedosos, estas disposições íntimas e pessoais ao ser convidado para fazer parte da "Assembleia de Amigos". No Colégio Clermont funcionava a associação conhecida pela abreviatura "AA" - Assembleia de Amigos, um pequeno grupo secreto de estudantes de Teologia que "se propunha suscitar uma elite de apóstolos, não pelo seu nascimento mas pelo seu valor espiritual, e, pela irradiação desta elite, operar a reforma do clero".

Cuidado dos pobres que deviam tratar como membros sofredores de Cristo

Além de uma intensa vida de oração, frequência assídua dos sacramentos, de devoção a Cristo e à Santíssima Virgem, com um estilo de vida simples e pobre, os membros da "AA" exerciam com zelo diversas actividades apostólicas: catecismo nas paróquias, visitas aos hospitais, cuidado dos pobres que deviam tratar como membros sofredores de Cristo. Deviam viver uma verdadeira preocupação com a massa cristã que, "para sair da sua profunda ignorância religiosa, não necessita de beneficiários ociosos e ávidos, mas sim de apóstolos segundo o Evangelho, pobres e desinteressados".

Este espírito apostólico consagrado especialmente aos pobres era alimentado com a meditação frequente do livro "Pratique des dévotions et des vertues chrétiennes..."das Congregações Marianas de Paris.

Pela sua personalidade, pela conducta e vida de piedade, Cláudio despertou a atenção da "AA", que, depois dos rigorosos trâmites, não tardou em associá-lo aos seus objectivos e métodos de apostolado. Se o selecto grupo

[25] Ibidem, p. 268.

[26] Ibidem

conseguia um elemento eficaz, não é menos certo que Cláudio entrava num ambiente muito propício ao seu projecto de vida espiritual, tanto para a piedade como para o seu zelo apostólico.

O grave problema dos estudantes clérigos pobres

Cláudio ia conhecendo, cada dia melhor os problemas sociais do bairro e, de forma mais concreta, o ambiente estudantil. Misturados com o vulgo do bairro dos colégios e da Universidade, viviam numerosos estudantes em situação de verdadeira miséria: tinham que trabalhar ou mendigar para sobreviver com uma alimentação e vestuário miseráveis. Dão ao estudo o pouco tempo restante, com a consequente diminuição da sua capacidade de estudo e de aprendizagem da gramática, da literatura e da filosofia. Entre eles havia muitos aspirantes ao estado eclesiástico. Agora já não eram só os limpa-chaminés que oprimiam e cativavam o coração de Cláudio. Estes infelizes estudantes tinham idêntica situação, com a agravante de ter que estudar.

Depois de consultar o seu director, Cláudio abriu uma nova frente para o seu apostolado e os limitados recursos económicos. O seu espírito de mortificação, perante este desafio dos membros sofredores de Cristo não encontra limite para as privaçõs que se tinha imposto, como nos revela o P. Thomas:

"O seu pai dava-lhe só uma pensão de 800 libras. Era uma pensão bastante módica para um jovem da sua idade. No entanto, ele encontrava maneira de dar uma grande parte dela aos pobres. Assistia com maior liberalidade aos pobres envergonhados; inclusivamente tinha uma maravilhosa habilidade para evitar-lhes a confusão".

"Nestas obras de caridade utilizava, entre outros, um jovem estudante, a quem pagou a pensão até colocá-lo numa comunidade assistida por alguns padres jesuitas. O que ele tinha que pagar pela sua pensão do colégio levava-lhe a maior parte do que o pai lhe dava; retirava então o melhor da alimentação que o colégio lhe dava, tratando-se a si próprio pior que o último deles."[27]

Um perfil de espiritualidade:

Apontávamos, no começo destas considerações, que "uma inspiração fundacional emerge na vida de um Fundador quando o Espírito Santo amadureceu nele, como via preparatória, as experiências do amor salvífico de Deus, da Missão da Igreja e das necessidades dos homens".

No itinerário histórico e espiritual de Cláudio Poullart des Places descobrimos, através das suas múltiplas experiências, que adquiriu uma personalidade cujo perfil podíamos esboçar nos seguintes pontos:

1º. Totalmente comprometido numa séria formação sacerdotal, revela uma vivência do mistério de Cristo com quem se quer identificar mais e mais, seguindo-O e servindo-O incondicionalmente.

[27] Ibidem, p. 266.

2º. Tem uma consciência profunda da transcendência e do absoluto de Deus, único Bem, e da sua vontade salvífica universal.

3º. Tem uma comovedora convicção da debilidade própria e da sua condição de pecador sobre a qual experimenta a misericordiosa bondade do perdão de Deus pelo sacrifício Redentor de Cristo.

4º. Compenetrado de que Deus o persegue porque o quer num estado em que os atractivos e seduções do mundo e a sua ambição de vanglória não o percam.

5º. Depois de sério discernimento que o levou à opção pela vida sacerdotal, são a sua única ambição "Deus e as almas". Para dominar a sua paixão pela glória, pelos aplausos, opta por uma formação sacerdotal digna em ciência, piedade e pastoral, sem graus académicos, longe de benefícios e cargos hierárquicos: vida de pobreza.

Por motivos de fé prefere exercer as suas actividades apostólicas entre os pobres e nas situações de maior abandono

6º. Por motivos de fé prefere exercer as suas actividades apostólicas entre os pobres e nas situações de maior abandono, profundamente preocupado com as vocações sacerdotais e as insuficientes condições da sua formação e as consequências nefastas dos sacerdotes mal formados sobre as comunidades cristãs.

Deste itinerário espiritual e vivência evangélica do advogado clérigo Poullart des Places emergem as linhas coordenadas e o espírito que vai marcar a futura fundação do Seminário do Espírito Santo, que ele fundou em 1703, para proporcionar a esses pobres aspirantes ao sacerdócio ambiente e meios para a sua formação intelectual e espiritual. Será este o berço da Congregação do Espírito Santo cujo espírito estará marcado por: ***consagração e união a Deus (consagração ao Espírito Santo sob a tutela da Imaculada Conceição) - vida de simplicidade e de pobreza - piedade e formação teológica esmeradas - ardente zelo apostólico - disponibilidade e obediência aos Prelados, preferência e amor pelas obras mais difíceis e junto dos mais pobres.***

TIAGO BARBOSA *

estágio em moçambique: aprender a missão com os pobres

O trabalho de professor, ou o de biscateiro da moagem ou da garagem da Missão, só têm sentido se forem entendidos como dimensões periféricas da mesma peregrinação interior que fui chamado a encetar. Consertar jipes ou geradores, mudar "os azeites", comprar gasóleo e petróleo, levar "grávidas dele" ou corrigir os testes foram para mim trabalho missionário porque expressavam o desejo de querer partilhar a fé em Jesus Cristo e aprender que Jesus Cristo, o Filho de Deus, quando habita no nosso meio torna-se Festa e aí a vida ganha sentido em plenitude.

A comunidade espiritana de Netia...

Vivi perto de dois anos na comunidade espiritana de Netia, na Província de Nampula, no norte de Moçambique, no meio do povo Macua. Éramos seis pessoas, de três nacionalidades. Três portugueses: PP. Pedro Fernandes e Damasceno e eu, dois angolanos, Pe. Alberto e o Matias, em estágio como eu, e o Christophe, francês, leigo voluntário da DCC (Delegação da cooperação católica), que exercia o ofício de enfermeiro. A missão dista de Nampula, a capital da província com o mesmo nome, cerca de 130 km e do porto de Nacala uns 120 km.

A equipa missionária de Netia, além da comunidade espiritana, era constituída pelas Irmãs combonianas. As três irmãs, além da administração do lar feminino (no qual viviam e estudavam 50 meninas), dedicavam-se à pastoral e, de maneira particular, à promoção da mulher.

O meu tempo de estágio ficou ocupado com o ensino de português na Escola Básica de Natete. É uma escola governamental, que admite alunos da 1ª classe até à sétima. No total, estudavam aí um milhar de alunos, com idades compreendidas entre os 7 e 20 anos. A mim, tocou-me a 6ª e 7ª classes. Eram mais ou menos 400 alunos.

* Jovem missionário espiritano, fez o seu estágio missionário em Moçambique, de Dez. 2000 até Maio de 2002. Licenciatura em Teologia na Universidade Católica de Lisboa em 2000.

Não é sem razão que Moçambique se chama o "País dos Sorrisos"!

Um caso na vida...

O dia tinha amanhecido sorridente. Não é sem razão que Moçambique se chama o "País dos Sorrisos"!... Estávamos no mês de Agosto. Por esta altura, a aragem matutina é fresca, ainda que às vezes se ouça, aqui e acolá, as pessoas queixarem-se do frio...

Para mim, não havia melhor estação do ano. De dia, brilhava o sol, radiante e luminoso, sem humidade e sem ar abafado; de noite, era a temperatura amena, sem mosquitos, o que convidava a uma boa soneca. Era a primavera no seu momento de requinte...

Às sete em ponto, lá tive que fazer esforço; toda a gente, em sentido e silêncio, porque se vai cantar o Hino: "Viva, Viva a Frelimo / Guia do povo moçambicano..." Cinco minutos depois, a turma, já na sala de aula, saudava o professor: "Bom dia, Senhor Professor!" "Bom dia, meninos." "Nós estamos bem. Não sabemos a parte" (Nakumi. Nuywo?). Que é como quem diz: "Está tudo bem e o senhor professor está bem?"

Assim, bem ao jeito macua, começava mais um dia na Escola de Natete.

Hoje, tinha resolvido que iria explicar uma regra muito simples aos meus alunos do 6º C: a concordância do verbo com o sujeito. Claro que esta regra gramatical é fácil de entender. Porém, quando os alunos falam quase sempre o Macua, que é a sua língua materna, é bastante difícil tornar tal assunto simples e acessível para os mesmos. Quanto mais me explicava, mais "desconseguiam"[1] de ouvir. Para a história, ficou o empenho do professor; com muito *"vakhani vakhani"*, (suave paciência, em macua) deu o seu melhor...

Estava a aula perto do seu fim, quando, em passos mudos, se abeirou da porta da sala o Sr. Manuel.

"Dá licença? Dá licença?" O tradicional pedido de desculpa por interromper alguém, fez-se ouvir.

"Sim, pode entrar".

"Sr. Irmão, vinha-lhe dizer que é precisado na moagem. O motor parou e está lá muita gente para moer milho deles."

"Está bem, Sr. Manuel, já lá vou".

Passados cincos minutos, tocou a sineta da escola. Lá me pus a caminho da moagem.

A multidão que enchia o largo da moagem era enorme. Parecia um autêntico dia de feira. Em vez dos feirantes e das tendas, havia muitos sacos de milhos e alguns de karakata, espécie de mandioca seca. Bom, gente não faltava. No entanto, o gerador que sustenta a moagem tinha "desconseguido".

"Então, Sr. Jaime, que aconteceu?"

"Não quer funcionar!" - disse, com cara de desanimado, e apontando para o *Lombardini*, que teimava em não querer trabalhar.

De facto, era uma maçada a "teimosia" do gerador. Muita gente que ansiosamente esperava pela sua vez de moer o seu milho, teve de madrugar,

[1] Palavra utilizada em Moçambique para exprimir desalento, desânimo, algo que não funciona.

palmilhar vários quilómetros e ainda tinha pela frente um longo caminho de regresso, de sacos às costas debaixo do escaldante sol tropical ou, na mais optimista das hipóteses, de "*muatenkene*", que quer dizer de bicicleta.

Muita gente que ansiosamente esperava pela sua vez de moer o seu milho, teve de madrugar, palmilhar vários quilometros e ainda tinha pela frente um longo caminho de regresso, de sacos às costas debaixo do escaldante sol tropical

É claro que não vos vou relatar o conserto que se teve que operar, para que o tal bicho de 17 Kw voltasse a trabalhar. No entanto, o meu dia de professor tinha terminado com esta avaria. Lá tive de passar toda a "santa" manhã em volta dos "azeites" do gerador. Muda filtro, lava tubo, desentope mangueira, aperta aqui, abre acolá... Enfim, foi uma catrefada de coisas, e no fim, voltámos a ter máquina e energia eléctrica. É claro que não era "Cabora Bassa", mas não é como não ter...

Quando me dirigia para casa, vi que se dirigia na minha direcção o enfermeiro Natividade. "Bom dia, Sr. Irmão, peço grande favor."

"Bom dia, Sr. Natividade, que se passa?"

"Temos grávida dele no hospital e está muito mal. É preciso enfrentar para no Monapo."

Bom, apesar de ser hora de almoço, aliás bem merecido, alguém pedia ajuda. Em passo de corrida, lá me dirigi a casa para apanhar as chaves do carro e toca a seguir para o hospital, a fim de levar a 'grávida dele' para o Hospital Rural do Monapo.

Era uma hora de viagem, até ao Monapo mas se tudo corresse bem. Desta vez, não houve nascimento no caminho, o que quer dizer que correu tudo bem.

Após este serviço de maqueiro, finalmente pude almoçar.

A parte da tarde, aproveitei para preparar o curso de catequistas que iria dirigir durante o fim de semana na paróquia de Itoculo, a qual estava ao encargo da equipa missionária de Netia. Ainda não sabia muito bem qual o tema a desenvolver. Contudo, já podia adivinhar a ânsia de aprender, com que viriam os catequistas. Alguns deles, para poderem participar em qualquer curso tinham de percorrer muitas dezenas de quilómetros, de deixar a machamba (os trabalhos agrícolas de sustento) e outras coisas mais, que só por si já revelavam o espírito de heroicidade e de cristianismo comprometido.

A missão é vivida num país com um "rosto"...

Certamente que, actualmente, o moinho e a escola de Natete continuam a trabalhar. O primeiro mói o milho que depois se transforma em deliciosa "*xima*" (papinha de milho que é a base da alimentação) e a escola acolhe e incita os jovens, que ao seu encontro calcorreiam os caminhos de Netia, a encararem com esperança o futuro, pois o sonho que transportam na palma da mão é a semente da vida.

Após um turbulento período de transição da administração colonial portuguesa para uma nação independente e autónoma, Moçambique, na sua curta história de país livre, sofreu uma guerra fratricida. Esta, além da ruína material e económica, espatifou muitas infra-estruturas, as quais poderiam ter sido a rampa de lançamento para o seu desenvolvimento sustentado e harmonioso.

Em Agosto de 2002, celebraram-se os dez anos de Paz... Muitos dos meus alunos viveram situações de conflito, presenciaram os mais horrendos crimes cometidos contra seus familiares e amigos

Em Agosto de 2002, celebraram-se os dez anos de Paz. Em 1992, tinha sido assinado em Roma o Acordo Geral de Paz, o qual possibilitou o regresso da paz, da serenidade, da tranquilidade, próprias dos tempos de bonança de qualquer nação.

Muitos dos meus alunos viveram situações de conflito, presenciaram os mais horrendos crimes cometidos contra seus familiares e amigos. Estas situações custam um largo tempo a cicatrizarem.

Para mim, esta realidade foi, ao mesmo tempo, um choque e uma agradável surpresa. Vi, por um lado, pessoas e famílias que ainda tinham estigmas dos tempos de guerra: filhos desaparecidos, ameaças e vinganças, torturas ou outras coisas do género que aconteceram por causa da posição política assumida ou apoiada, pública ou privadamente.

Simultaneamente, havia um espírito de fraternidade e de perdão entre a população em geral. Ainda que, às vezes, era um bocado contraditório com o espectro de ameaças e julgamento sumários ou arbitrários que aconteciam e que levava os injustiçados a correrem à Missão para pedir ajuda aos padres.

Lembro-me da viúva de Mpitokuir que foi castigada pelos seus familiares, pois teve, em 2001, melhor colheita de algodão que o seu cunhado e este, por vingança, queimou-lhe a casa e os seus haveres, acusando-a de pertencer à Renamo (é o partido na oposição e a Frelimo o do poder). Ou os camponeses de Natete e Mademo que deixavam os seus animais pastar livremente nos baldios e, movidos pela inveja e cobiça, uns três homens resolveram "falsificar" credências do chefe de posto (espécie de presidente da junta), e toca de arrebanhar o mais possível de animais para depois repartirem entre si, quais fiscais de gado miúdo... É lógico que os camponeses pediram auxílio à equipa missionária e depois soube-se que, afinal, os três homens eram mandatados pelo próprio chefe de posto, pois este tinha inveja da população que vive perto da missão e que confia mais nos padres que nele.

O caminho da Paz é lento, qual "banquete" que é cozinhado em lume muito brando

Este e outros casos mostraram-me què o caminho da Paz é lento, qual "banquete" que é cozinhado em lume muito brando. Cada dia tem de ser mais um dia de paz e de fraternidade, para que a cultura da paz e da justiça se torne o "sitz im leben" do povo.

Como nunca vivi num país em guerra, foi uma "agradável" e evangelizadora surpresa ver gestos de perdão e sinais de reconciliação entre pessoas que antes tinham pegado em armas e combatido em diferentes lados da batalha. Apreciei que hoje as pessoas vão a esta ou aquela terra para praticar desporto e/ou para partilhar os alimentos em tempo de míngua, e já não pensam, nem querem ouvir falar do tempo de guerra, em que atravessar esta ou aquela ponte para se deslocar era um suicídio.

Ao longo do meu tempo de estágio, pude constatar nas mais diversas comunidades cristãs um grande sentido de procurar viver a Paz e em paz, da existência de uma forte atenção aos valores da partilha, da ajuda mútua em tempos de crise e de fome, como também nas grandes festas litúrgicas ou das diversas comunidades. De facto, a paz e a justiça não se constroem só

com palavras, mas vivem-se no dia-a-dia e, havia comunidades cristãs que sentiam e respiravam esta dimensão em toda a sua amplitude: a ajuda fraterna aos mais necessitados e as comissões comunitárias de justiça e paz que zelavam pelo respeito dos Direitos Humanos e tentavam cultivar um espírito cristão de caridade, são disso um exemplo.

Como era voz corrente, *«se os nossos irmãos da Europa nos enviam coisas e partilham connosco os seus bens, também nós temos de partilhar e dar testemunho cristão»*.

Não posso esquecer o episódio de espancamento e de martírio que sofreu o animador da celebração da palavra da comunidade de Mpitokuir. Perante muitas humilhações e maus tratos, apenas sabia dizer que era «cristão católico» e que não podia aceitar certas práticas pagãs. Esta sua coragem, eu diria mesmo, este seu "heroísmo cristão", custou-lhe vários dias de internamento no hospital e a perda de grande parte da colheita desse ano. No entanto, nunca teve uma atitude de vingança, ou melhor, a única atitude que teve foi de perdão, por que segundo ele «era cristão católico»!

Termino referindo a grande parábola da paz que, vezes sem conta, contemplei. Normalmente, quando se viaja de carro em Moçambique, há duas coisas que nunca faltam: uma corda e uma garrafa com água, de preferência grande, não vá o 'diabo' ser tendeiro.... ou sequioso!

Quando se viaja de carro em Moçambique, há duas coisas que nunca faltam: uma corda e uma garrafa com água, de preferência grande, não vá o 'diabo' ser tendeiro... ou sequioso!

Ora, acontece que há muitas avarias mecânicas. Não interessa saber o porquê. Admirava-me ao ver que os carros eram todos reparados na berma da estrada e quase sempre pelos seus proprietários.

Quando o carro avariava e não tinha conserto in loco, podia-se considerar um caso falido. "Tinha-se desconseguido" e não havia nada a fazer.

No entanto, se o condutor, o seu ajudante e mecânico, punham mãos à obra, não havia problema que não se consertasse. O Ir. Raul da Carapira, várias vezes me confidenciou: «Sabes qual é a melhor oficina de mecânica por estas bandas? A estrada. Enquanto o carro lá estiver, tenho a certa que irá andar...»

De facto, a paz, a vida conserta-se no caminho, porque para o peregrino o caminho se faz caminhando...

Missionário, alguém que partilha...

Reflectindo sobre o estágio, julgo que, em primeiro lugar, foi um tempo de graça, não só porque o iniciei no ano 2000 (Grande Jubileu), mas sobretudo, porque o Espírito me "deu" uma lição "com a sua luva e mão"...

Antes de embarcar, tinha a minha cabeça povoada com a imagem "algo romântica" do missionário, que, de barbas longas, cabelo algo despenteado, visitava as aldeias, vivia no meio do povo e, depois, escrevia umas cartas muito bonitas e com muitas peripécias aos seus colegas que ficaram do outro lado do planeta.

Após os primeiros seis meses, compreendi que o que me povoava a cabeça e me toldava o espírito, andava bastante arredio do que é na verdade e, no real, ser missionário.

Como Paulo, também tive de cair do cavalo. Compreendi então que ser

Ser missionário não é só o caminho que se faz de Portugal para a terra barrenta de Netia ou de Itoculo, mas, no seu âmago, é uma grande e longa peregrinação interior

missionário não é só o caminho que se faz de Portugal para a terra barrenta de Netia ou de Itoculo, mas, no seu âmago, é uma grande e longa peregrinação interior.

De desenraízado da sua cultura, o missionário é chamado a enraizar-se noutra cultura; é convidado a abrir-se ao outro que encontra no seu dia-a-dia. É entender com o coração que se é "discípulo de Emaús" e o povo que acolhe torna-se o sinal visível e físico que Jesus Cristo emprega (empregou para mim!) para explicar as Escrituras e abrir os olhos para a sua presença actuante no nosso meio.

Só quando entendi com "as minhas entranhas" esta realidade é que pude compreender a alegria do povo macua ao viver a festa do Natal e da Páscoa, a festa do baptismo e da visita pastoral do bispo, ou a alegria dos meus alunos na festa do dia da criança (01.06) ou no dia do professor (12.10).

Pude, então, compreender como fazia sentido viver e dizer que a nossa agenda é o povo, pois a falta de horário para muitos dos eventos em Moçambique é coisa normalíssima. Para mim, no princípio, causavam-me verdadeiros momentos de "auto-flagelação". Ou então, a pachorra com que se fazia certas coisas ou a vibrante e completa euforia em comemorar certas festas.

Estas festas eram "estranhas", no início do estágio, e eu olhava-as de soslaio, pensando que eram coisas de outra cultura e do outro mundo. Não me diziam nada. Até costumava dizer aos meus alunos: «a vossa festa; o vosso feriado, a vossa cultura, etc.» Não dizia isto com maldade, mas dizia com respeito e também muita "frieza emocial e evangélica". Sentia-me em campo estranho e vivia a missão inculturada como uma busca do exótico e do que é totalmente desconhecido à minha cultura materna.

Na verdade, não fazia sentido, para um europeu ocidental, mudar um feriado que calhava ao domingo para a segunda-feira seguinte para ser então festejado. Como dizia, meio a brincar, meio a sério, o Ir. Fiorini, «este país tem tanta produtividade que tem de fazer, de quando em quando, uns feriados!...»

No entanto, com o passar do tempo e com as visitas às famílias dos meus alunos, notei que a festa é algo de estruturante e de essencial à vida para o povo macua. Na maioria dos seus dias, este povo anda com malária (paludismo) ou com anemia. As condições de vida e de trabalho são por demais cansativas e "comem" de maneira impressionante a esperança de vida.

Então, entendi porque é que a festa é sagrada. Nela, novos e velhos vivem uma espécie de dia original que dá sentido à vida. Por isso, a celebração dominical da Santa Missa, no seu ritmo bem próprio de dia de festa, demora quatro a cinco horas. Não é uma missa diferente da que é celebrada por esse mundo fora. É apenas celebrada com a intensidade própria dum povo que ainda não perdeu o sentido da festa que abrange toda a sua existência e, por isso, o tempo cronos (do relógio) do domingo torna-se "kairós", ou seja, o domingo de realidade cronológica

transforma-se em tempo vivificado pelo "logos", pela Palavra que, ao ser proclamada, vivida e provada, se torna fonte de Vida, a qual pela acção do Espírito é transformante.

Esta foi a evangelização que, ao longo do tempo de estágio, recebi. Não me deram lições nem tive que frequentar nenhuma universidade. Apenas vivi "numa grande escola".

O trabalho de professor, ou o de biscateiro da moagem ou da garagem da Missão, só têm sentido se forem entendidos como dimensões periféricas da mesma peregrinação interior que fui chamado a encetar. Consertar jipes ou geradores, mudar "os azeites", comprar gasóleo e petróleo, levar "grávidas dele" ou corrigir os testes foram para mim trabalho missionário porque expressavam o desejo de querer partilhar a fé em Jesus Cristo e aprender que Jesus Cristo, o Filho de Deus, quando habita no nosso meio torna-se Festa e aí a vida ganha sentido em plenitude. Porque a Festa quer dizer Vida em abundância e, como dizia o apóstolo que colocava a sua cabeça no peito de Jesus, a vida que apalpamos e contemplamos é esta mesma vida que queremos testemunhar e anunciar.

O trabalho de professor, ou o de biscateiro da moagem ou da garagem da Missão, só têm sentido se forem entendidos como dimensões periféricas da mesma peregrinação interior que fui chamado a encetar

Por esta razão, era gratificante, no fim de uma semana de aulas, colocar a mochila às costas e com alguns alunos visitar com eles as suas famílias. Queria que eles me vissem como alguém que veio para partilhar o dia-a-dia, a fé em Jesus Cristo, o meu viver numa cultura diferente e não como o voluntário branco que dá aulas e é antropólogo da nossa vida.

Viver o Evangelho em Moçambique significou para mim colocar a cabeça no peito do povo de Netia, auscultando e pressentindo o seu viver, dando carta livre ao Espírito para que ele marcasse o rumo a seguir.

Não é por mero acaso que o Pe. Libermann aos seus missionários de Dakar lhes disse que só a santidade de vida e o despojamento cultural eram o quinhão daqueles que queriam sulcar os mares...

biblioteca espiritana

Na nossa "biblioteca espiritana" há concerteza muitos documentos cujo valor histórico é inestimável e de grande alcance para que o passado da nossa missão seja não só recordado com gratidão, mas continuamente lido e interpretado em ordem a viver com paixão a missão no presente e a abrir-se com confiança ao futuro. Neste número da nossa revista "missão espiritana" queremos pôr em destaque a maior obra em castelhano sobre os Fundadores espiritanos e as fontes que eles nos legaram. Trata-se de uma antologia espiritana em vários volumes sob a coordenação do P. Ramos Seixas, espiritano português, radicado em Espanha há mais de 40 anos. Em segundo lugar queremos apresentar uma tradução em português de um texto-fundador que tem inspirado muitas gerações de missionários. Trata-se da carta de Libermann aos missionários de Dakar e do Gabão em Novembro de 1847.

1. ANTOLOGIA ESPIRITANA DE RAMOS SEIXAS – UM CONTRIBUTO PARA A RENOVAÇÃO DO SER ESPIRITANO

Já são mais de duas mil páginas de textos, em castelhano, sobre Poullart des Places e Libermann e ainda só estão publicados quatro dos sete volumes projectados. Não é de ânimo leve que alguém se lança a uma obra desta envergadura. Para além da necessidade sentida de ter em lingua castelhana a tradução dos textos mais significativos dos nossos fundadores, houve concerteza muitas outras razões que deram ânimo e força a quem empreendeu tão grande projecto. Por isso, ao propormos tal antologia, impõe-se ler a apresentação que o P. Joaquim Ramos Seixas faz do projecto, no I volume. Por uma questão de maior fidelidade ao texto e para honrarmos o trabalho deste missionário espiritano, vamos apresentar o texto no seu original.

* Joaquim Ramos Seixas. espiritano português. Vive e trabalha na Província espiritana de Espanha desde 1960 onde, para além de formador, animador missionário e muitos outros serviços e funções, também foi provincial. Foi membro do grupo de especialistas e estudiosos da espiritualidade espiritana, formado pelo Conselho Geral em 1979.

Presentacion[1]

Para responder a las directrices del Capítulo General de 1974: "que haya en la Congregación especialistas en estudios espiritanos" (D.A.50) el Consejo General creó, en 1975, el Grupo de Estudios Espiritanos bajo la dirección del antiguo Superior General, P. José Lécuyer. (Cf. Informations C.S.Sp. n. 56, Julio 1975).

Sin considerarme un experto, sino un simple entusiasta de la historia y espiritualidad de Claudio Poullart des Places y de Francisco Libermann, acepté ilusionado la invitación que amablemente me hizo el entonces Superior General, P. Frans Timmermans, para trabajar con este grupo.

Mi disposición era clara: aprender a conocer mejor a nuestros Fundadores con compañeros expertos y mucho más capacitados en conocimientos y medios y, en el ámbito de los Espiritanos de expresión castellana y portuguesa, servir de portador y agente de la animación espiritana congregacional confiada al grupo.

Me competía, pues, dentro de los objetivos marcados a nuestros trabajos, a impulsar, por todos los medios a mi alcance, el conocimiento y el afecto hacia nuestros Fundadores, nuestros orígenes, nuestra historia y tradición, nuestro patrimonio espiritual.

En la estela de los Fundadores

La Provincia de España recogió de los Espiritanos que lanzaron su fundación un relativo interés (casi limitado al P. Libermann) hacia nuestros Fundadores. Sin embargo, este interés era fruto más bien de una religiosa tradición que de un estudio sistemático y profundo.

Al asumir su estatuto de autonomía como Provincia (Febrero de 1969) en el clima del Capítulo General de la renovación (1968-1969), esta joven provincia iniciaba su andadura con el dinamismo renovador que la "refontalización" y el "aggiornamento", preconizados por el Concilio Vaticano II para la Vida Religiosa, desplegaban: fidelidad al Evangelio y al espíritu fundacional.

A la más joven provincia de Europa le era brindada una oportunidad privilegiada para perfilarse un rostro espiritano de juventud y lozanía, sin lastres, con amplios horizontes para experiencias renovadoras, volviéndose incluso punto de mira y atención de toda la Congregación en su afán de actualización.

La formación filosófico-teológica de los jóvenes espiritanos españoles, en el clima progresista de las Facultades de Teología empeñadas en el espíritu de renovación, alentaba mi esperanza de ver mi trabajo de animador secundado por ellos, con investigación sobre temas de espiritualidad espiritana y presentados en lenguaje actualizado, con verdadera fidelidad creativa, impulsando la vida apostólica, la vida de comunidad y la animación misionera.

Si hojeamos el primer Directorio (D. P.) salido del primer Capítulo Provincial de España (1969-1971, en tres sesiones), nos sorprende tal vez la reducida referencia a los Fundadores (sólo los números 33.d, 33.e, 104-105, 128, 134) y la ausencia de una orientación definida en orden a profundizar este factor

[1] Antologia Espiritana, Vol. I, Claudio Poullart des Places, pp. V-XI.

esencial de renovación y de fidelidad. Sin embargo, esta orientación aparece después bien explícita en el esquema y programa de la Formación Específica (FES) elaborado por el Consejo Provincial para llevar a la práctica el Capítulo. El estudio de la Historia de la Congregación y espiritualidad de los Fundadores pasaba a ser esencial en la dinámica de la formación durante el Noviciado.

Cuando la Provincia llevaba nueve años de experiencia, convocó su II Capítulo Provincial (1978) para evaluar experiencias, rectificar posiciones y conceptos ante los nuevos retos de la Misión (que evoluciona vertiginosamente) y las directrices del Capítulo General de 1974.

No se habían apagado todavía el entusiasmo y el impacto del Encuentro Internacional de Jóvenes Espiritanos, celebrado en Aranda de Duero (1977). La exigencia de identidad espiritana y definición de opciones en los compromisos apostólicos de la Congregación, que avalen esta identidad, marcaron el tono de este encuentro. Los Jóvenes espiritanos profesaron públicamente su fe en la actualidad del carisma de nuestros Fundadores. La fidelidad de los Espiritanos urgía a la Congregación valentía para liberarse de situaciones misioneras ahora menos concordes con este carisma (aunque lo hayan sido en el pasado). Para interpretar en la actualidad la intuición de Poullart des Places y de Libermann, y para asumir generosamente los nuevos compromisos en su servicio a los hombres pobres de hoy.

El Capítulo Provincial de 1978, sintonizó con la evolución de la Misionología. Afirmó su completa comunión con las prioridades marcadas en el proyecto apostólico de la Congregación. Aclaró y completó las líneas del proyecto misionero de la Provincia. Insistió en el Carisma Espiritano y espiritualidad de nuestros Fundadores, como marco de referencia:

- *para la vida apostólica: VEPE nº 33, 71a y 71c;*
- *para la vida comunitaria: VEPE nº 16, 18 y 35;*
- *para la formación inicial y permanente: VEPE nº 163.3, 157.7, 173, 176, 206 y 251;*
- *para la comunión de bienes: nº 259.*

Para que esto no quedara en un simple deseo piadoso, sino que fuera germen de identidad y fecundidad apostólica, el Capítulo Provincial resaltó la necesidad e importancia del estudio y contacto con la experiencia espiritual de nuestros Fundadores durante la formación y en todas sus etapas.

El interés y el amor a nuestros Fundadores se fueron haciendo gradualmente nota sensible en la Provincia de España. Así lo reconoció expresamente el Superior General en el informe y comunicación final de su visita a la Provincia en 1980. (Boletín "Espiritanos Españoles, nº 31, de Abril de 1981).

Traducción de los documentos fundamentales

Este programa, de proyección tan deseada e importante, encontraba en la Provincia, entre la gran mayoría, un obstáculo no fácil de superar con eficacia: la lengua original de los documentos, la falta de traducciones y la falta de estudios especializados en lengua española.

El problema no era exclusivo de la Provincia de España. Para las circunscripciones esa era una de las causas aducidas para justificar el desconocimiento y desinterés hacia los Fundadores. Ya el Capítulo General de 1968-69 reconoce este problema y anima estas circunscripciones al esfuerzo de traducir los escritos de Libermann, para hacerlos accesibles a todos. (D. D. nº 33 y 34).

En lengua española se disponía solamente de una breve biografía del P. Libermann, traducida del portugués: "El judío salvador de la raza negra", escrita por el P. Enrique Alves.

La realidad concreta de la Iglesia en América Latina atraía a los Espiritanos más inquietos con situaciones misioneras de frontera, ávidos de proclamar, por la denuncia de situaciones de opresión y injusticia, la fuerza libertadora del Evangelio, compartiendo el destino y los esfuerzos de los pobres por una sociedad más justa y fraterna.

La presencia de la Congregación en América Latina va en aumento. Se abren perspectivas de vocaciones espiritanas en esta zona. La preparación de documentos y publicaciones espiritanas en castellano es una necesidad. La evangelización de estos pueblos es campo adecuado para el apostolado de los Espiritanos; sus gentes podrán aportar a la Congregación la vitalidad de unas Iglesias comprometidas intrépidamente con la causa de los pobres y apostando proféticamente por la fuerza libertadora del Evangelio.

A través de traducciones de artículos de algunas publicaciones espiritanas y uno que otro trabajo original, los "Cuadernos de Humanismo espiritano" divulgaron algunos aspectos de nuestra espiritualidad y de la vida de nuestros Fundadores. Sin embargo, fue el Capítulo Provincial (III) de 1987 el que decidió que la Provincia de España debía hacer el máximo esfuerzo en orden a la traducción y publicación, en lengua castellana, de los documentos fundamentales sobre la vida, obra y espiritualidad de nuestros Fundadores:

"El carisma de los Fundadores debe ser más conocido y vivido por todos nosotros... Este Capítulo insta al Consejo Provincial a intensificar el esfuerzo de traducción y publicación por lo menos de los textos fundamentales de nuestros Fundadores" (Cap. Prov. de España, 1987, nº 10 y 11).

Mi compromiso personal de trabajar en esta línea, al integrarme en el Grupo de Estudios Espiritanos, pasó a ser, desde entonces, un encargo: los dos últimos Provinciales de España me confiaron oficialmente esta tarea.

Una colección antológica

Nadie duda de que lo deseable sería la traducción y publicación en castellano de los escritos completos, para posibilitar a los interesados los materiales necesarios de investigación y estudio. Por supuesto, muchos de los escritos tienen interés sólo en el ámbito interno de los Espiritanos. Dadas las características del estilo, expresión y mentalidad de su época, incluso los más importantes requerirían un trabajo crítico y actualizado. Esta labor trasciende mis posibilidades y, a la vez, la finalidad de la colección de documentos que la Provincia de España ofrece ahora traducidos a los Espiritanos de expresión castellana.

Debo hacer dos aclaraciones, para situar en su justo límite esta colección. Primeramente, por qué el título genérico de **Antología Espiritana?** *Porque se*

trata de una colección de textos íntegramente traducidos, con el objetivo de servir de base para el libre estudio, análisis o reflexión; no se trata de transmitir mi visión personal de su mensaje, aunque yo introduzca y comente brevemente cada uno de los documentos más importantes. En segundo lugar, a qué criterio obedece la selección y cuál la idea de fondo en el ordenamiento de los documentos?

Por supuesto, una antología espiritana puede ordenarse según muchos criterios: material no nos falta, tal es la riqueza de que somos depositarios. Pero, nuestra vocación es la vida apostólica en medio de la gente más pobre y en las situaciones de mayor necesidad o desechadas por los demás. En este contexto y con esta perspectiva misionera se desarrolla toda la historia de la Congregación, antes y después de la fusión de las dos familias que la integran desde 1848.

La idea que subyace como criterio de ordenamiento de los documentos elegidos es el nacimiento y desarrollo del carisma fundacional.

Es obvio que el carisma de fundador es un sello que se revela y adquiere contornos definidos por la continua acción de Dios en la vida del sujeto que el elige, a través del entramado de los acontecimientos de su historia, en los cuales el elegido hace la experiencia del misterio de Dios y de su salvación en y por Jesucristo. El "predestinado" a dar inicio a un nuevo estilo de vivencia evangélica hace a la vez una experiencia del misterio del hombre y de la misión de la Iglesia como sacramento de salvación.

La inspiración fundacional emerge en la vida de un fundador cuando el Espíritu Santo maduró en él, como vía preparatoria, estas experiencias del amor salvífico de Dios, de la misión de la Iglesia y de las necesidades de los hombres cuyo servicio urge acometer.

En el " curriculum " de estas vivencias y vocación personal de los fundadores se va fraguando una intuición persistente, que sale a la luz en un momento histórico, toma cuerpo con la obra fundacional, se desarrolla y florece con su vivencia y acción evangélicas.

Por consiguiente, nuestro esquema implica la referencia a los momentos-clave de la vida de Poullart des Places y de Libermann, a sus opciones vocacionales de seguimiento de Jesús, de celo por el Reino de Dios y sensibilidad a las necesidades de los hombres de su tiempo; la manifestación de la voluntad de Dios o inspiración de sus respectivas fundaciones, reconocidas finalmente por la Iglesia como un estilo peculiar de vida evangélica y un servicio específico para la Misión eclesial; la espiritualidad que alimenta su vida y acción y garante la permanencia y fecundidad de la nueva institución.

A través de la presente colección se quiere, por tanto, facilitar los medios indispensables para el estudio de nuestros Fundadores y su espiritualidad en las casas de formación espiritana de expresión castellana e de aquellas personas, espiritanas o no, interesadas en ese estudio y que sólo pueden utilizar este idioma.

Han dado su inestimable colaboración, revisando la traducción y redacción de los textos, los PP. Victor Cabezas, Fernando Herraiz e Julio C. Vidal; escribiendo y preparando la edición del volumen de la "Regla Provisional", el P. Manuel David Sousa. Su colaboración y paciencia han hecho posible mi trabajo. Gracias.

Nos sentiremos sumamente recompensados si nuestro trabajo, con todas sus limitaciones y imperfecciones, contribuye a mejor conocer y amar a nuestros

Fundadores, en el mundo hispano-parlante, a profundizar nuestra identidad espiritana, capaces todos de llevar bien viva la antorcha del carisma que ellos nos han legado para confiarlo a las generaciones venideras, con vitalidad siempre nueva.

P. Joaquim Ramos Seixas

Cada volume desta antologia espiritana mereceria um comentário suficientemente alargado. Mas para deixar o apetite aberto, limitar-nos-emos a apresentar alguns aspectos mais relevantes desta obra tão grandiosa. Já foram publicados quatro volumes: I. *Claudio Poullart des Places II. Francisco Libermann de Judio a Padre de Misioneros III. Um codigo de espiritualidad apostolica IV. Francisco Libermann: Su plan de evangelizacion de la raza negra.* Está práticamente pronto o V volume cujo título será *O grande sacrifício* e cobre a fase da vida e obra de Libermann que vai desde a fusão da congregação em 1848 até à sua morte em 1852. Encontram-se em preparação mais dois volumes: o VI volume sobre espiritualidade apostólica contendo algumas das cartas mais significativas de Libermann e sobretudo as suas *Instruções aos Missionários* e o VII volume que será a tradução da obra de Francisco Libermann, *Commentaire de l'Évangile selon Saint Jean.*

Os comentários que o autor vai fazendo são pertinentes e de grande auxílio a quem não está por dentro de todos os meandros e correntes da história a que se referem os documentos. O mesmo se diga das notas, que se tivessem sido colocadas em rodapé e não no final do livro, teriam ainda mais interesse para o leitor e o estudioso atento. Os indíces finais são bem claros e sugestivos, nomeadamente o referente aos textos mais significativos. No entanto, um indíce cronológico com as datas mais relevantes poderia ser mais um elemento de interesse.

O III e IV volume tem uma novidade em relação aos anteriores: a colaboração de outros espiritanos com estudos precisos. No III volume trata-se de uma longa introdução[2] de François Nicolas a respeito de algumas precisões históricas que antecedem o nascimento de uma Regra e ajudam a constituir um verdadeiro código de espiritualidade missionária. No IV volume trata-se de um estudo de Juan A. Ayanz sobre "El pensamiento misionero de Libermann en el Memorial sobre la Mision en Africa"[3] que enche toda a terceira parte do livro.

"Missão espiritana" regozija-se com este trabalho. Esta antologia espiritana em castellano é concerteza um valioso contributo para a renovação do nosso ser espiritano, sobretudo neste ano espiritano em que celebramos 300 anos de vida e de missão. Por isso "Missão espiritana" quer felicitar aqui o seu autor e todos os que com ele colaboraram, nomeadamente a Província espiritana de Espanha. Ficamos à espera dos volumes já programados para enriquecer com eles a nossa "Biblioteca Espiritana". Deixamos um desejo: que todos estes textos possam ser disponibilizados em suporte informático ou por internet.

[2] Antologia Espiritana, III Volume: Un codigo de espiritualidad apostolica, pp. XII- XLIII.

[3] Antologia Espiritana, IV Volume: Francisco Libermann, Su plan de evangelizacion de la raza negra, III parte, pp. 492-545.

2. CARTA DE LIBERMANN À COMUNIDADE DE DAKAR E DO GABÃO*

Amiens, 19/11/1847

Caros confrades

Que a paz e a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo transbordem em vossas almas, façam de vós apóstolos cheios de virtude e de santidade. Devemos incessantemente dar graças a Nosso Senhor Jesus Cristo pelas abundantes graças que nos concede a nós e às almas mais pobres e abandonadas às quais Ele vos envia.

Ides ter a felicidade de ter convosco mais 5 novos confrades: 2 sacerdotes e 3 irmãos que estou certo recebereis de braços abertos pois vão ajudar-vos na tarefa da salvação das almas, cada um na medida dos seus dons. Daqui a um ano, espero poder enviar um maior número para que à medida que o trabalho preparatório para a abertura da missão avança, aumente também o número de trabalhadores para cultivar o terreno até agora inculto, e que a misericórdia divina regará com as suas graças para que possa dar frutos. É com grande consolação que soube da piedade, regularidade, paz, e união de caridade que reinam entre vós. Daqui deduzo um bom augúrio para o futuro da missão.

O futuro da missão está nas vossas mãos, caros confrades. O que vos disse no noviciado, agora repito: os vossos pecados seriam pecados originais e as vossas virtudes dispõem de uma força e graças muito especiais. Deus fundou a sua obra sobre a sua vontade omnipotente e sobre a sua misericórdia divina. Ele anima-a sempre com a sua graça e a sua divina caridade, como fundamento que permanecerá sempre, assim o espero, e como espirito ao qual voltaremos sem cessar. Mas é certo também que Ele vos escolheu para serdes as primeiras pedras do edificio. Se as primeiras pedras de um edificio não são bem colocadas, todas as outras vão ficar tortas. Podeis ter a certeza, meus caros confrades, que se tiverdes a pouca sorte de dar um mau passo, aqueles que virão depois de vós, ainda o aumentarão, enquanto que se perseverardes e avançardes sempre na fidelidade jubilosa com a qual respondeis à graça divina, ganhareis uma influência poderosa sobre aqueles que virão depois de vós e tereis uma boa parte dos frutos de fervor e de santidade, de salvação e de santificação das almas, que eles próprios produzirão.

---

* Lettre XCIX, In *Lettres Spirituelles de Notre Véneérable Père aux membres de la Congrégation*, Paris, Tome IV, p. 454. Tradução e edição da revista "missão espiritana".

A obra exigirá sempre, mais ou menos, de vós, mas essa é a condição dos servos de Deus. É à custa do suor do seu rosto que eles chegam à prática da perfeição. Mas também, quando tiverdes o hábito da prática das virtudes nada mais vos custará e estareis acima das misérias deste mundo, e o próprio Deus será a vossa recompensa.

A bondade divina vos proporciona, neste momento, o tempo para vos formardes quanto às virtudes perfeitas no interior da comunidade. Eu vejo nisso um traço da sua Providência que está cheia de misericórdia para connosco. Se, logo à vossa chegada, vos tivésseis lançado no ministério activo, não teriéis tido tempo para praticar o que vos foi mostrado no retiro do noviciado, não teriéis tido tempo de vos reconhecer. Agora vós estais a fazer um segundo noviciado, mas um noviciado prático.

Agora que estais no campo do apostolado, vós vedes os perigos, as dificuldades, e com a vossa boa vontade, com o vosso sincero desejo de ser verdadeiros servidores de Deus, verdadeiros apóstolos, concerteza que aplicareis os meios eficazes para o alcançares. No noviciado tomáveis resoluções de palavras e imaginação, agora as vossas resoluções serão resoluções de acção, resoluções praticamente práticas.

Aproveitai, caros confrades, o momento de Deus. As suas luzes estarão convosco e a sua graça divina vos ajudará. Aprendei a ser verdadeiros homens de comunidade e verdadeiros homens apostólicos. Aprendei também a sabedoria de Deus para contribuir, cada um à sua medida, para levar a bom termo a grande obra que Deus vos confia.

Como verdadeiros homens de comunidade, deveis cuidar da vossa santificação e contribuir para a santificação dos vossos queridos confrades e irmãos. Deveis dar bom exemplo em tudo; deveis ser homens interiores; homens de oração, fiéis cumpridores das regras e encher-vos do seu espirito, considerar Nosso Senhor Jesus Cristo na pessoa dos superiores, obedecendo-lhes com exactidão e com simplicidade em tudo o que diz respeito à vida religiosa e à vossa própria santificação. Nada de murmúrios nem de juizos sobre a conduta e maneira de ser, pública ou privada, dos superiores. Não deis ouvidos nunca a este resquício de amor próprio que torna a nossa subordinação dificil, que tende a nos comparar com os superiores; façamos atenção a que na nossa obediência desapareça o que é humano e domine a fé.

Estejamos cheios de afeição, doçura e abertura para com os superiores, de modo a tornar-lhes mais fácil a sua tarefa. Vivei juntamente na união e na paz da caridade mais perfeita, suportai-vos mutuamente uns aos outros, suportai as vossas falhas, adoçai os vossos sofrimentos mútuos; aliviai os vossos confrades, não os julgueis, amai-os e sede benignos a seu respeito, mesmo quando acontece que eles vos causam desgosto. Quando vos acontecer de não ser da mesma opinião que os vossos confrades, deixai que o vosso pensamento se perca no pensamento geral. A persistência na sua própria ideia é um dos maiores males para homens que devem viver em conjunto na paz e no amor de Jesus Cristo. Evitai a inflexibilidade no vosso pensamento, nas vossas palavras, nos vossos desejos e na vossa conduta.

Nunca nada de bom sairá da inflexibilidade. Deveis prestar atenção especialmente sobre estes diversos aspectos. Os climas debaixo dos quais viveis, agem fortemente sobre a vossa sensibilidade e imaginação. Sereis mais dados à agitação, ao azedume e à irritação. É necessário, portanto, que guardeis em vossas almas a doçura, a calma, a longanimidade e a moderação cristãs. Sede fiéis e avançareis muito na verdadeira santidade.

Para levar a vida de homens apostólicos, tendes necessidade de uma bem grande abnegação de vós mesmos, e este espirito de abnegação deve existir continuamente, uma vez que não é na variação de um fervor sensivel que reside a verdadeira abnegação. Nem dura nem é certa. O que é necessário, é guardar a sua alma na paz, na alegria no meio das privações continuas e muito sentidas, não só nas privações corporais que são bastante fáceis de suportar, mas também nas privações espirituais ou morais.

Estas privações são muito mais custosas e, se por um lado, entristecem, perturbam e desencorajam uma alma fraca e agarrada a si mesma, por outro lado, dão coragem, serenidade e novo vigor a uma alma forte, se esta procurar uma solida abnegação a si mesma e uma união perfeita unicamente com Deus. Uma alma forte e verdadeiramente apostólica está sempre calma, serena, imperturbável no meio das dificuldades e contrariedades. Nunca está triste, aborrecida, agitada, brusca, azeda, silenciosa, nem é pesada sobre si mesma ou o próximo.

Todos estes defeitos são próprios das almas fracas, amantes de si mesmas, que não conhecem a força da cruz de Jesus Cristo e que sobretudo não gostam de, na prática, tomarem parte nela. Submetem-se às várias impressões que recebem e não se sabem tornar independentes. Enquanto tudo vai bem, segundo o seu gosto, os seus desejos e suas próprias ideias, vivem numa paz serena e imaginam-se que vivem numa sólida e perfeita virtude apostólica. Não é neste tempo de paz que se reconhece o valor do soldado de Jesus Cristo. Estar em paz porque nada vos perturba, não é uma prova de grande vigor apostólico. O tempo de paz é dado para preparar a guerra, pois que é a guerra que é a condição do homem apostólico.

Quando estas almas (fracas) têm éxito, transbordam de entusiasmo que as leva, muitas vezes a cometer faltas e imprudências. São fortes e destemidas, capazes de tudo empreender e tudo suportar porque são motivadas pela impressão viva que o sucesso produz nelas; tais almas são vivas e animadas, audaciosas e empreendedoras, por vezes para além do que é necessário. A humildade e a desconfiança de si mesmas estão ausentes nestes momentos e a confiança em Deus também não está presente. Neste estado de coisas, a contrariedade, os obstáculos irritam-nas; na verdade elas querem tomar de assalto aquilo que só se pode ganhar pela suavidade e constância.

Por outro lado, quando estas almas falham nas suas actividades ou quando não o conseguem tão depressa e tão bem quanto tinham imaginado, surge então o abatimento, a tristeza, por vezes o desencorajamento acompanhado da dor de coração, de voltar-se contra si mesmo, contra as faltas cometidas; atribui-se o insucesso a si e às suas faltas e entra-se no desprezo contra si mesmo e em outros movimentos deste género.

Por sua vez, uma alma verdadeiramente morta para si mesma e totalmente entregue a Deus, experimenta uma certa pena quando está em paz. Custa-lhe ver que tudo corre segundo os seus gostos; ela tem necessidade de sofrer, de ser contrariada, isto é a sua vida. No entanto ela aproveita deste repouso para se fortificar no caminho de Deus e aceita-o com humildade e abnegação. Quando têm êxito é humilde e permanece calma e moderada; ela faz o seu trabalho com perseverança e fidelidade, consolida a sua obra. No tempo de tempestade, de insucesso, sabe esperar os momentos de Deus, evita o desencorajamento; nada de tristeza, nada de irritação, nada de desprezo, nem contra si nem contra os outros. Permanece sempre semelhante a si mesma; cheia de Deus, ela sabe ser paciente como Deus; não quer o sucesso nem maior nem mais depressa do que Deus o quer; ela examina o estado das coisas com calma e no espírito de Deus; ela age segundo as luzes e a força que lhe vém do alto e deixa que o seu divino Mestre faça frutificar os seus trabalhos segundo a medida da sua divina misericórdia.

Caros confrades, se soubésseis o valor da paciência para o apostolado, empenhar-vos-íeis com todas as forças da vossa alma para a adquirir. Se agora souberdes ter paciência, estai seguros que tereis sucesso e um sucesso sólido e estável. Sabei que tudo o que é tomado de assalto não é sólido nem durável. O cacto de Jonas floresceu numa noite e secou numa outra noite. As ervas que crescem depressa, ganham pouco desenvolvimento e perecem prontamente. As árvores cujo crescimento é lento, tornam-se grandes e poderosas e duram séculos. Se vos acontecer que tenhais um sucesso fácil e rápido numa missão, tremei por esta missão. Pelo contrário, quando a missão pede tempo e oferece dificuldades, augurai-lhe bem, se sentis em vós mesmos a força e a perseverança de uma santa paciência. A imaginação não gosta de lentidões mas uma alma que renuncia a si mesma sabe encontrar na lentidão o seu lucro.

Se fordes pacientes, adquirireis esta prudência, esta sabedoria de Deus para a vossa conduta e vossos empreendimentos.

Recomendo-vos ainda que sejais unidos entre vós mesmos e bem unidos ao vosso chefe. Deus o envia para vós e para a missão. Deus o inspirará para a obra que lhe confiou. Sede dóceis, entrai nas suas maneiras de ver e não vos deixeis levar pelas vossas maneiras de ver que são particulares. É ele que tem o plano de conjunto enquanto vós só tendes visões parciais; ele tem a graça de estado para conduzir e vós para ser conduzidos em vossos trabalhos por ele; é ele o arquitecto e vós os trabalhadores, mas trabalhadores inteligentes agindo em perfeita harmonia com ele. É nesta harmonia e nesta caminhada em conjunto que se encontrará a graça de Deus e, por consequência, o sucesso. Sede fiéis, meus caros confrades, e Deus será fiel também.

Uma última observação. Não escuteis facilmente o dizer das gentes que percorrem a costa quando vos falam dos povos que eles terão visitado, mesmo que eles tenham aí ficado vários anos. Ouvi sim o que eles vos dizem, mas que as palavras deles não influenciem a vossa opinião. Estes

homem examinam as coisas segundo o ponto de vista próprio, com os seus preconceitos: falseariam assim todas as vossas ideias. Escutai tudo e estai em paz interiormente, examinai as coisas no espírito de Jesus Cristo, com independência de toda a impressão, preconceito e cheios, animados do amor de Deus e do puro zelo que o seu espírito nos dá. Tenho a certeza que vós julgareis os pobres negros de uma maneira bem diferente da que falam todos esses homens.

Sabeis que se tivéssemos escutado o que, unanimemente, nos disseram todos aqueles que nos podiam informar sobre os negros das colónias, tudo o que nos disseram e defenderam, mesmo homens bons, nunca teríamos ousado empreender as missões de Bourbon e da Maurícia; e no entanto os nossos confrades aí têm realizado maravilhas, e ensinaram-nos a julgar de uma maneira totalmente diferente desses homens que nos tinham falado e julgado. Não julgueis logo à primeira vista, nem tão pouco segundo o que vistes na Europa, segundo aquilo a que vos dedicastes na Europa; despi-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito; fazei-vos negros com os negros, e assim os julgareis como devem ser julgados; fazei-vos negros com os negros para os formar como deve ser, não à maneira da Europa, mas permitindo-lhes o que lhes é próprio; fazei-vos para eles como servidores se devem fazer para seus mestres, aos usos, ao jeito e aos hábitos de seus mestres, e isto para os fazer mais perfeitos, os santificar, os levantar das suas baixezas e fazer deles pouco a pouco, a longo termo, um povo de Deus. É o que S. Paulo designa por "fazer-se tudo para todos a fim de ganhar a todos para Jesus Cristo.".

Alonguei-me bastante, meus caros confrades, mas nunca será demasiado quando comunico convosco; pois o meu coração está convosco. Que os vossos corações estejam sempre com Jesus e Maria e cheios do Seu santo amor e Sua doce paz.

3 5282 00646 4005

Duquesne University
3 5282 00646 4005

GLÓRIA LOPES
A Missão, dom do Espírito

PEDRO FERNANDES
Confissão de um Missionário
- dicas e deixas a partir de Moçambique

BERNARDO BONGO
25 Anos de Vida da Província Espiritana de Angola
- testemunho e perspectiva

AMADEU GONÇALVES MARTINS
Congregação do Espírito Santo
e do Imaculado Coração de Maria
II parte: de Libermann até à sua morte

IRMÃ JOSEFA MARIA FERNANDES
As Irmãs Missionárias do Espírito Santo
- História de uma fundação (Cont.)

JOAQUIM RAMOS SEIXAS
Com a força do Espírito, ao encontro dos pobres

TIAGO BARBOSA
Aprender a Missão com os pobres

BIBLIOTECA ESPIRITANA
Antologia Espiritana de Ramos Seixas
- um contributo para a renovação do ser espiritano

Carta de Libermann à Comunidade de Dakar